

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Os suspeitos do costume: casa 7+x

Rita Giroto Betencourt Soares

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:

Arquiteto Filipe André Touças, Professor auxiliar convidado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022



TECNOLOGIAS
E ARQUITETURA

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Os suspeitos do costume: casa 7+x

Rita Giroto Betencourt Soares

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientador:

Arquiteto Filipe André Touças, Professor auxiliar convidado
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2022

os suspeitos do costume
uma casa para três

2 / 19

rita giroto betencourt soares
mestrado integrado em arquitectura
iscte – instituto universitário de lisboa

orientador
filipe andré touças magalhães
iscte – instituto universitário de lisboa

Nesta reta final, não poderia deixar de agradecer a todos aqueles que me acompanharam de perto nestes longos e árduos seis anos.

Respeitosamente à minha família, começo pela minha querida avó que, entre preparar o almoço para a família, também cortou minuciosamente, para a sua neta mais velha, degraus de escadas para as minhas maquetes. Ao meu avô que tão prontamente me levava a lancheira com o lanche, o jantar, e algumas vezes, a ceia, quando pernoitava na faculdade para terminar um trabalho, uma maquete ou um projeto. À minha tia que tão bem desempenhou o papel de amiga enquanto me ambientava no meio acadêmico. À Inês Grande e ao meu pai que me proporcionaram a primeira experiência de trabalhar num ateliê na cidade invicta. À minha querida irmã que não só me queria levar para festas, como errava nas medidas dos edifícios das minhas maquetas. Por fim, mas não somenos, à minha mãe. Ouviu-me nos momentos mais angustiantes e aflitivos, aconselhou-me, ajudou-me desde as leituras às apreciações críticas, entremeando com palpites criativos.

Agradeço, ainda, aos meus amigos, que tão pacientemente escutaram os meus desabafos e as minhas lamentações, sentiram as minhas tristezas e as minhas iras, colaboraram e compartilharam comigo os seus conhecimentos, sem esquecer de celebrar os meus sucessos.

Para concluir, um especial agradecimento ao professor e arquiteto Filipe André Touças Magalhães com quem aprendi muito neste último ano por ter sido tão inovador e motivador, proporcionando aulas muito cativantes.

Os meus sinceros agradecimentos.

A temática explorada ao longo do ano parte do texto “uma casa é uma obra de arte.” de kazuo shinohara.

Iniciou-se o projeto com a investigação e descoberta de informação, através de contactos com ateliers, leitura de livros e pesquisa no arquivo municipal, sobre casas que teriam sido contruídas por arquitetos conhecidos e não conhecidos entre os anos de 1960 e 2004. Elaborado um arquivo que partia do estudo de 184 habitações, estas foram distribuídas pelos alunos da turma, com o objetivo de as investigar mais aprofundadamente. Assim, todas as semanas, as casas seriam apresentadas e discutidas em conjunto, abordando temas relacionados com arquitetura de outros países e a arquitetura da época em que foram projetadas.

No seguimento desta investigação, foi necessário explorar e associar algumas das 184 casas a um argumento de curadoria e desenvolvê-lo. Assim, surgiu o tema “a arte que constrói emoções” cujo objetivo foi relacionar a tectónica com a estética e a sinestesia.

Já noutra fase, e podendo ou não dar continuidade ao tema de curadoria, sucedeu novo projeto, o desenho de uma casa. O desafio foi explorar novas linguagens de arquitetura e as relações entre os elementos que uma casa poderia conter, ao mesmo tempo que se mudava constantemente os terrenos onde a casa se deveria implantar.

No fim, entende-se que, mesmo não sendo propositado, algumas das questões levantadas ao longo do processo ainda se debatem no desenho da casa final.

palavras-chave

casa, volumes, open space, versatilidade, sensações

The theme explored throughout the year is based on the text “a house is a work of art.” by kazuo shinohara.

The project began with the investigation and discovery of information, through contacts with ateliers, reading of books and research in the municipal archive, about houses that would have been built by known and unknown architects between the years 1960 and 2004. Elaborating an archive that started from the study of 184 dwellings, these were distributed among the students of the class, with the aim of investigating them in more depth. Thus, every week, the houses would be presented and discussed together, covering topics related to architecture from other countries and the architecture of the time in which they were designed.

Following this investigation, it was necessary to explore and associate some of the 184 houses with a curatorial argument and develop it. Thus, the theme “the art that builds emotions” emerged, whose objective was to relate tectonics with aesthetics and synesthesia.

In another phase, and whether or not to continue the curatorship theme, a new project followed, the design of a house. The challenge was to explore new architectural languages and the relationships between the elements that a house could contain, while constantly changing the land where the house should be located.

In the end, it is understood that, even though it was not intended, some of the issues raised throughout the process are still debated in the design of the final house.

key-words

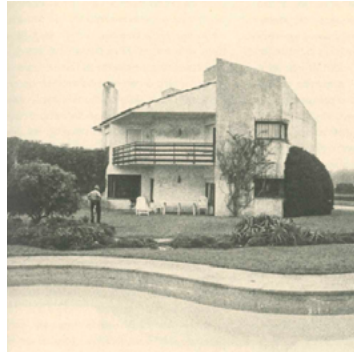
geometric shapes, volumes, open space, versatility, sensations

resumo/abstract		04
184 casas	07	
12 casas	21	
duas casas em ponte de lima		
casa casimiro vaz		
casa no penedo		
casa senhora da guia		
casa em briteiros		
quatro casas na aguda		
casa pacheco de melo		
casa da boavista		
casa d6		
moradia nas azenhas do mar		
casa engenheiro nunes souza		
casa dra. celeste goncalves		
curadoria	35	
análise das 184 casas		
a arte que constrói emoções		
conclusão		
aquecimento/processo		52
terreno em rio tinto, gondomar		
terreno em oeiras		
terreno em gondomar		
terreno em marco de canaveses		
estudo do conceito		
estudo da estrutura e materialidade		
ponto intermédio		69
conceito		
local		
proposta		
estrutura e matéria		
conclusão		
casa	76	
conceito		
local		
proposta		
estrutura e matéria		
conclusão		
considerações finais		118
referências bibliográficas		119
créditos de imagens		120

“uma casa é uma obra de arte.”
- kazuo shinohara, 1962

Como ponto de partida para uma investigação, compreendeu-se uma amostra, ampla mas ao mesmo tempo cuidadosamente limitada. O objecto era a casa, unifamiliar, reconhecível; o período histórico uma baliza imprecisa entre o fim do moderno e o início do novo século; os autores seriam portugueses e as obras localizadas em território nacional.

Os critérios foram os listados como podiam ter sido quaisquer outros: a definição de uma colecção, de um arquivo, foi apenas uma desculpa que serviu de base para tudo o que seguiu. Semanalmente, os exemplos foram dissecados e apresentados em turma; posteriormente, foram reorganizados e curados, possibilitando novas



1960
manuel tainha
casa do freixal

1965
raul choro ramalho
moradia coronel homem da costa

1966
agostinho ricca
casa m. araujo e j. montenegro

1966
pedro ramalho
casa emilio peres

1966
victor palla e bento d'almeida
casa vale de centeanes

1968
victor palla e bento d'almeida
moradia na praia grande

1969
álvaro siza
casa luis rocha ribeiro

1970
álvaro siza
casa alves dos santos

1970
álvaro siza
casa manuel magalhães

1970
conceição silva
casa rogerio martins

1970
fernando távora
casa eng. guilherme álvaes ribeiro

1970
manuel tainha
casa gallo

1970
pádua ramos
rua azevedo coutinho

1970
tomás taveira
balaia bungalows

1971
agostinho ricca
casa ferreira alves

1971
álvaro siza
casa alves costa



1971
domingos tavares
casa albino matos

1973
álvaro siza
casa alcino cardoso

1973
raul hestnes ferreira
casa de queijas

1974
antónio teixeira guerra
casa no guincho

1974
antónio teixeira guerra
casa triangular

1974
sérgio fernandez
vill'alcina

1975
alexandre alves costa
casa marques guedes

1975
bartolomeu costa cabral
casa rua verónica

1975
manuel tainha
casa martins dos santos

1975
manuel vicente
casa weinstein

1976
álvaro siza
casa beires

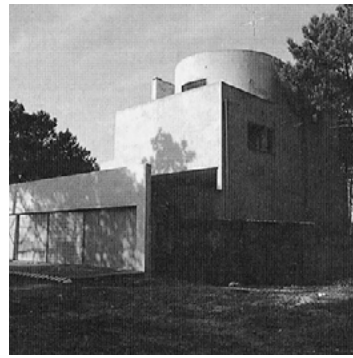
1976
fernando távora
casa na covilhã

1976
joao nasi pereira
casa sidarus

1978
álvaro siza
casa antónio carlos siza

1978
manuel correia fernandes
quatro casas na aguda

1978
pedro ramalho
casa na rua veludo



1978
simões de carvalho
casa no restelo

1982
manuel correia fernandes
casa mortágua

1982
troufa real
casa fátima cruz

1984
álvaro siza
casa avelino duarte

1979
pádua ramos
casa na estrada exterior da
circunvalação

1982
pancho guedes
casal dos olhos

1983
josé santa-rita
casa dos bicos

1984
pancho guedes
casa vale vazio

1982
carlos prata
casa casimiro vaz

1982
simões de carvalho
casa em queijas

1984
agostinho ricca
casa agostinho ricca

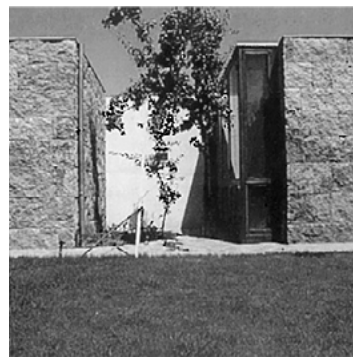
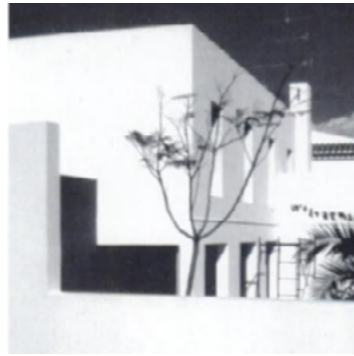
1984
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casas na aldeia dos navegantes

1982
joão carreira
casa josé lino ramalho

1982
souto de moura
ruína no gerês

1984
alcino soutinho
casa pinto souza

1985
pedro ramalho
casa carlos de souza



1985
souto de moura
casa l em nevogilde

1985
troufa real
casa mario cabrita gil

1986
joão alvaro rocha
casa dr. mário lourenço

1986
joão nasi pereira
casa própria

1986
manuel botelho
casa ricardo noronha lima teles

1987
alcino soutinho
casa filipe grade

1987
alcino soutinho
casa no barreiro

1987
álvaro siza
casa maria margarida machado

1987
fernando távora
casa da rua nova

1987
joão nasi pereira
casa mosca

1987
manuel botelho
casa barroso pires

1987
manuel botelho, isabel s. e j. d. carreira
casa joão machado

1987
teresa fonseca
casa antónio filipe

1988
adalberto dias
casa j. neto

1988
alexandre manuel da cruz silva
casa na rua professor melo adriao 128
130

1988
carrilho da graça
casa da fonte fria



1988
gonçalo byrne
casa sá da costa

1988
joão álvaro rocha
casa de mesão frio

1988
manuel correia fernandes
casa em moledo

1988
souto de moura
casa II em nevogilde

1989
francisco guedes de carvalho
casa horst tjgerman

1989
gonçalo byrne
casa César ferreira

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1990
carlos prata
casa francisco mourão

1990
fernando távora
casa em briteiros

1990
joão nasi pereira
a casa amarela

1990
mário fróis do amaral
casa unifamiliar

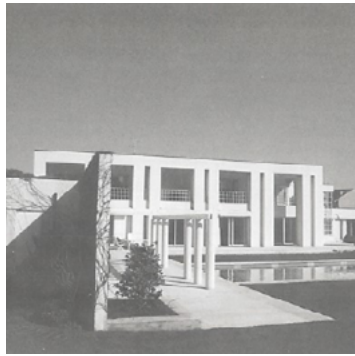
1990
souto de moura
duas casas na rua beato inácio de azevedo

1990
teresa nunes da ponte
casas toca da areia

1991
alexandre alves costa
casa ricardo pais

1991
carlos prata
casa dr. pedro barata feyo

1991
carlos prata
casa luís príncipe



1991
jósé pulido valente
casa na rua padre xavier coutinho 87 91

1991
pádua ramos
casa rua dr. egas moniz

1991
souto de moura
casa I em miramar

1992
alexandre manuel cruz silva
casa na rua padre xavier coutinho 95
99 101

1992
frederico valsassina
casa do alto

1992
jósé carlos magalhães carneiro
casa tomás gervell

1992
jósé charters monteiro
casa sob a duna

1992
luís patrício costa
casa josé avillar

1992
manuel correia fernandes
casa atelier carlos barreira

1992
manuel correia fernandes
casa da galé

1992
souto de moura
casa em alcanena

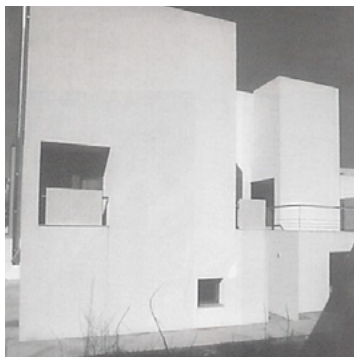
1993
egas josé vieira
casa em tróia

1993
joão alvaro rocha
casa no lugar da várzea I

1993
joão alvaro rocha
casa no lugar da várzea II

1993
joão pedro falcão de campos
casa carlos bettencourt

1993
joão pedro falcão de campos
casa comandante almeida cavaco



1993
manuel e francisco aires mateus
casa em nafarros

1993
mário fróis amaral
casa na travessa do campo do paiva

1993
nuno e josé mateus
casa pátio melides

1994
adalberto dias
casa de penha longa

1994
álvaro siza
casa luís figueiredo

1994
candido chuva gomes
casa dra. celeste gonçalves

1994
carlos prata
casa engenheiro raimundo delgado

1994
graça dias e egas vieira
casa no penedo

1994
manuel botelho
casa engenheiro nunes souza

1994
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casa vítor caine

1994
souto de moura
casa l no bom jesus

1994
souto de moura
casa em cascais

1994
souto de moura
casa na avenida da boavista

1995
alexandre marques pereira
casa das tílias

1995
carvalho araujo
casa jlf

1995
josé bernardo távora
casa em fafe



1995
josé simões neves
casa rui jordão

1995
mário fróis do amaral
rua almirante reis

1996
álvaro siza
casa César rodrigues

1996
josé fernado gonçalves
casa j

1995
manuel botelho
casa eng. matos almeida e eng.
augusto pina

1995
paula santos e rui ramos
casa antónio feijó

1996
mário fróis do amaral
casa no lugar de ponte de várzea

1996
josé gigante
reconversão de moinho

1995
manuel graça dias e egas josé vieira
casa do guarda

1995
ricardo bak gordon e carlos vilela
casa no cabo da roca

1996
joão carreira e paulo valente
casa dr. francisco valente

1996
manuel correia fernandes
casa teixeira dos santos

1995
mário fróis do amaral
moradia bi familiar

1995
souto de moura
casa em tavra

1996
joão pedro falcão de campos
casa cavaco rodrigues

1997
alexandre manuel cruz silva
casa na rua viana lima 54



1997
carlos castanheira
quinta do buraco - casa I

1997
domingos tavares
casa na rua do breiner

1997
mário fróis do amaral
casa na rua cálvario

1997
joão alvaro rocha
casa no lugar do paço

1997
manuel e francisco aires mateus
casa na quinta da moura

1997
manuel correia fernandes
casa malafaya

1997
rui b. duarte e ana p. pinheiro
casa lajas pereira

1998
carlos castanheira
casa senhora da guia

1998
carlos prata
casa dr. castro rocha

1998
carlos prata
casa dr. pinheiro pinto

1998
joão pedro falcão de campos
casa tomé matos lopes

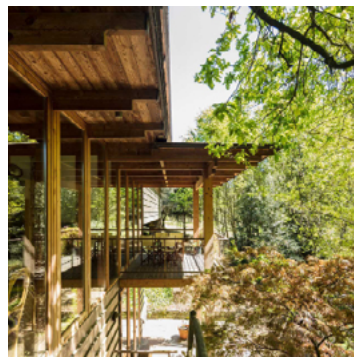
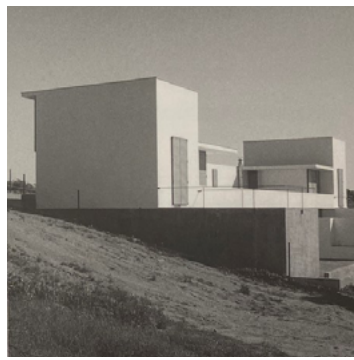
1998
miguel salgado braz e josé nuno beirão
casa santos viana

1998
pedro maurício borges
casa fonseca e macedo

1998
souto de moura
casa em moledo

1999
alcino soutinho
casa pina vaz

1999
alexandre marques pereira
casa saraiva



1999
álvaro siza
casa david vieira de castro

1999
inês lobo e pedro domingos
duas casas em sesimbra

1999
josé gigante e nuno valentim lopes
complexo residencial gavião

1999
souto de moura
casas pátio em matosinhos

2000
manuel e francisco aires mateus
casa no litoral alentejano

2000
alcino soutinho
moradia na rua júlio dantas

2000
carrilho da graça
casa sousa ramos

2000
souto de moura
casa d6

2000
gonçalo leitão e pedro viana carreiro
casa na aroeira

2000
joão mendes ribeiro
reconversão de um palheiro

2000
joão ribeiro de carvalho
moradia nas azenhas do mar

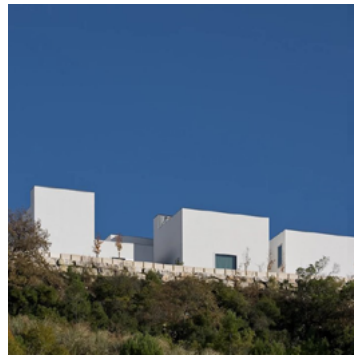
2000
luís ferreira rodrigues
casa ze+si

2000
manuel botelho
casa dr. paulo pires

2000
nuno brandão costa
casa da boavista

2001
carlos castanheira
quinta do buraco - casa III

2001
joão álvaro rocha
casa no lugar da várzea III



2001
joão pedro falcão de campos
casa saraiva lima II

2001
josé pulido valente
moradia carla afonso

2001
manuel botelho
casa maia ribeiro

2001
nuno brandão
casa em affe

2001
pedro maurício borges
casa pacheco de melo

2001
souto de moura
casa ferreira de castro

2002
manuel e francisco aires mateus
casa em alenquer

2002
álvaro siza
casa armanda passos

2002
antônio belém lima
casa mts

2002
nuno e josé mateus - arx
casa na malveira

2002
carlos castanheira
casa tivinha

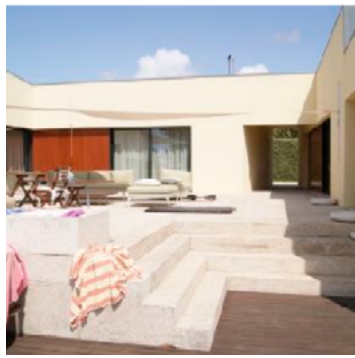
2002
paulo gouveia
casa em são joão

2002
paulo gouveia
casa em sintra

2002
ricardo bak gordon
casa em boliqueime

2002
ricardo bak gordon
casa em pousos

2002
souto de moura
casa na serra da arrábida



2002
souto de moura
duas casas em ponte de lima

2003
alcino soutinho
casa em afife

2003
jorge mealha
casa em tróia

2003
josé gigante
casa gabriela pinheiro

2003
nuno lacerda lopes
casa botte

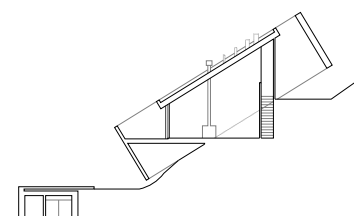
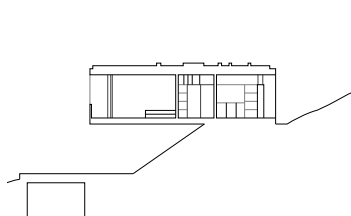
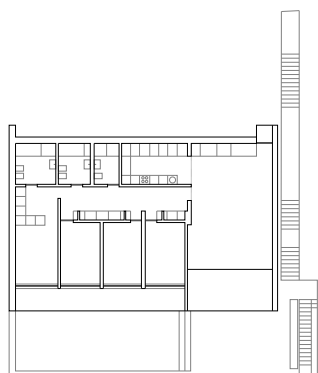
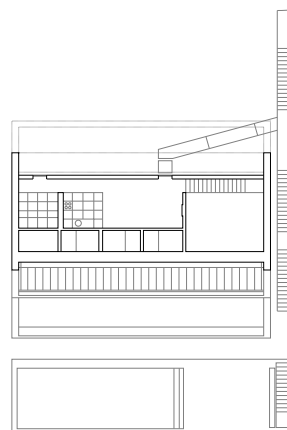
2003
nuno e josé mateus - arx
casa no romeirão

2003
pedro mendes
casa em pavia

2004
joão álvaro rocha
casa no lugar do baixinho

12 semanas, 12 casas. Para cada objecto procuraram-se as fontes, de revistas a entrevistas, digitalizaram-se imagens, redesenharam-se plantas, cortes e alçados. Para alguns afortunados, visitaram-se, in situ, os espaços. A colecção foi minuciosamente organizada num servidor comum acessível a todos.

Semana a semana, cada aluno apresentou uma casa, permitindo um alargamento constante do arquivo. Os padrões que viriam a ser curadoria formaram-se lentamente.



Planta Piso 0 e Cortes

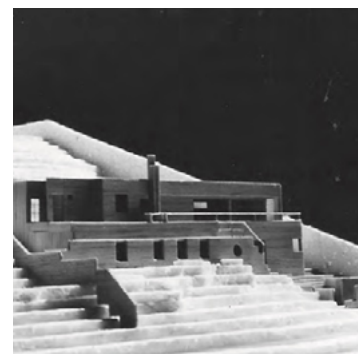
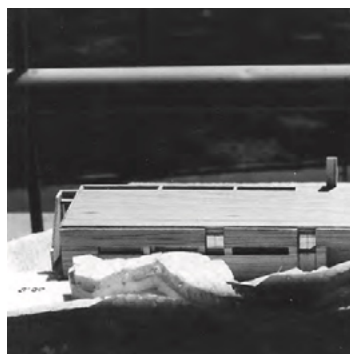
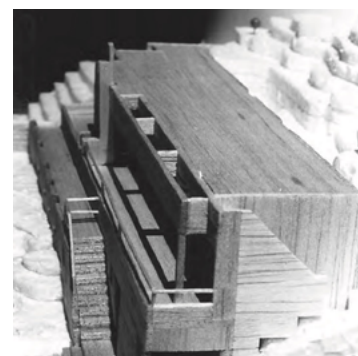
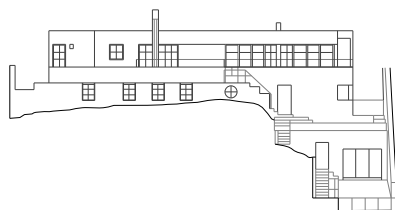
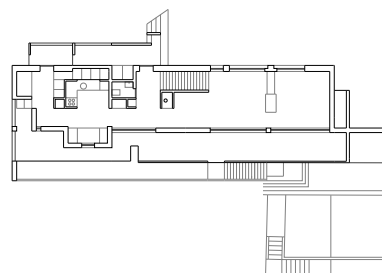
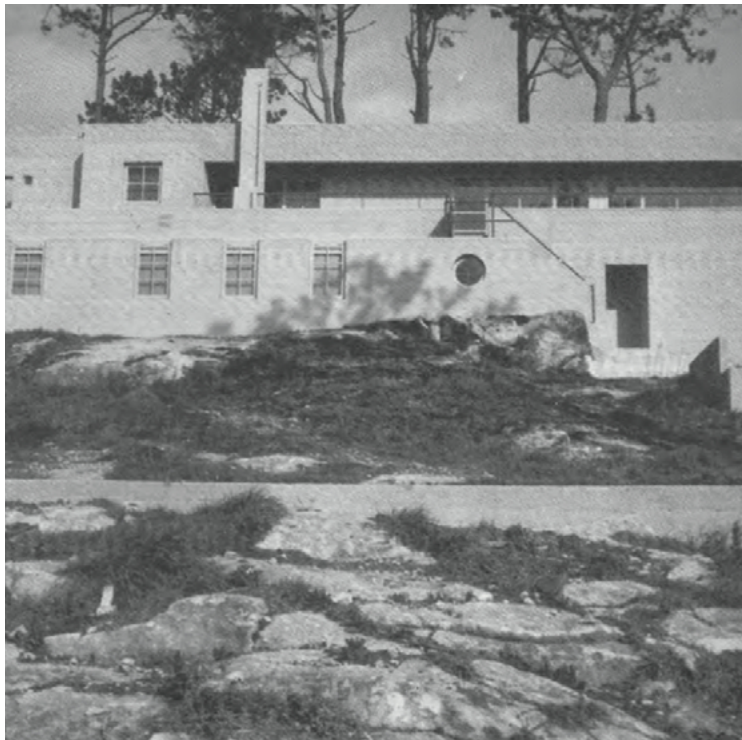
1/500



22 / 120

2002
souto de moura
duas casas em ponte de lima

As duas casas em Ponte de Lima seguem um programa idêntico, habitação unifamiliar de quatro quartos. Apesar de se situarem lado a lado, no mesmo terreno, comportam-se de duas formas diferentes, sendo uma casa de um piso, horizontal, e a outra de dois pisos, inclinada. Julga-se que o arquiteto pretendia demonstrar que com as mesmas circunstâncias os resultados podiam ser bastante diferentes, considerando a casa inclinada a mais estimulante, devido ao aproveitamento do terreno e aos desafios que este impunha, até mesmo na distribuição dos espaços.



Planta Piso 0 e Cortes

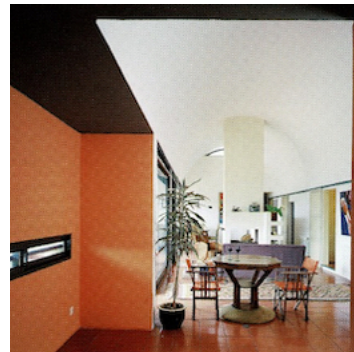
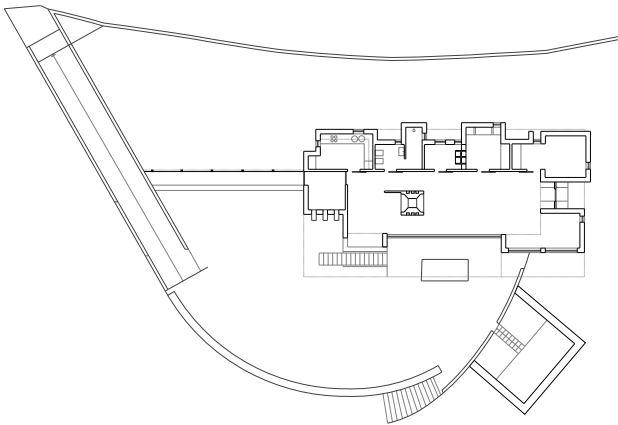
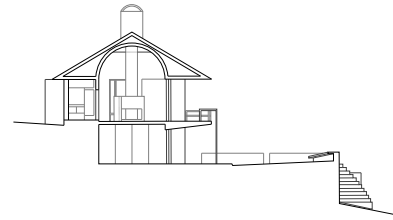
1/500



23 / 120

1982
carlos prata
casa casimiro vaz

A casa Casimiro Vaz ocupa toda a largura disponível do terreno, tem uma forma alongada cingida à encosta, e o programa desenvolve-se em dois pisos. Desta forma, a organização dos espaços é contrária à organização tradicional, passando os espaços diurnos a situar-se no segundo piso, aproveitando a extensa frente voltada ao mar e à foz do rio Âncora e permitindo disfrutar da vista sobre a paisagem, sendo apenas possível na cota superior às cumeeiras dos edifícios fronteiros. A presença de inúmeros afloramentos rochosos no terreno foi uma referência que marcou várias opções deste projeto. Os volumes da casa são escalonados segundo a pendente da encosta e articulam-se com os afloramentos rochosos que se procuraram preservar das demolições que inevitavelmente decorreriam da criação das fundações da casa. Esta tentativa de valorização das condições do terreno levou também à procura de um material de acabamento exterior da casa que fosse pouco dissonante, neste caso, o betão aparente.

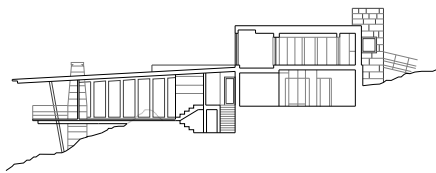
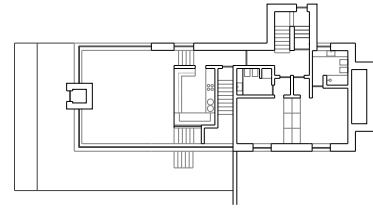


1994
graça dias e egas vieira
casa no penedo

Planta Piso 0 e Cortes
1/500



A casa no Penedo corresponde a uma habitação unifamiliar de dois pisos, com cobertura de quadro águas em telha e duas chaminés. Os espaços sociais e privados da casa situam-se no primeiro piso, sendo que todos convergem para um grande espaço central de onde é feito o acesso aos restantes espaços. Nesta divisão situa-se uma grande lareira, como parte integrante do mobiliário, que compõe o espaço. Como se pode verificar no corte, a cobertura inclinada no exterior é resolvida de forma diferente no interior, sendo curva na zona central onde se encontra a divisão principal da casa e plana nas restantes divisões. No seu interior a casa é toda branca, com exceção de uma divisão, pintada de cor de laranja, pressupondo corresponder a uma sala de estar. O acesso ao piso inferior é feito apenas pelo exterior, pelas escadas que partem de uma varanda ligada à área central da casa.



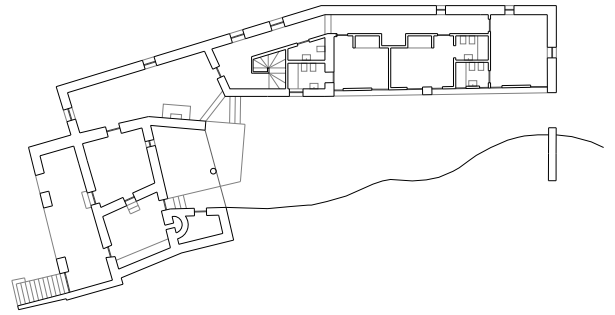
Planta Piso 0 e Cortes

1/500



1998
carlos castanheira
casa senhora da guia

A casa Senhora da Guia surge a partir de duas construções agrícolas em ruína que ocupavam o terreno. A partir do seu aproveitamento, é criado um complexo espaço em expansão horizontal sob o controle de delicadas estruturas metálicas revestidas a madeira. Assim, a casa é composta por dois volumes diferentes, uma antiga ruína de dois pisos, que agora alberga grande parte do programa da casa, e um volume em estrutura metálica e madeira com apenas um piso, onde se situa a sala de estar, combinado com uma grande lareira toda em pedra que surge do terreno rochoso e entra pela casa adentro na vertical. Este projeto construído num terreno arborizado de apreciável dimensão e complexa topografia tem como grande propósito a sua inserção na paisagem. O uso da madeira nesta casa, como em muitas outras obras de Carlos Castanheira, vem da paixão que o arquiteto tem pelo próprio material e a forma como este é trabalhado.



1990
fernando távora
casa em briteiros

Planta Piso 0 e Cortes

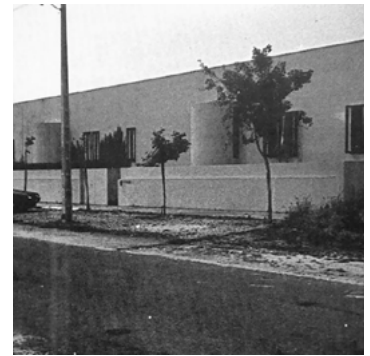
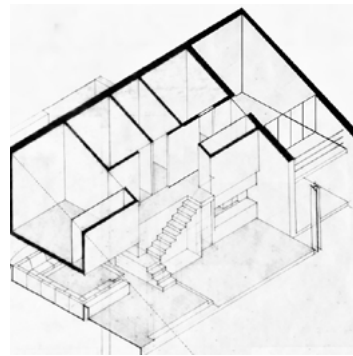
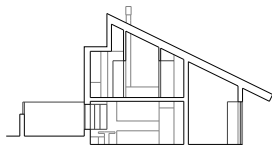
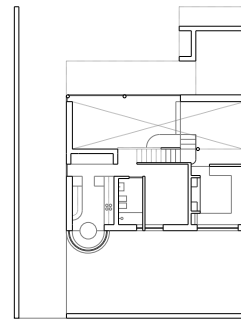
1/500



26 / 120

A casa em Briteiros era considerada a casa do caseiro. Na época, estas casas eram contruídas de forma rudimentar, em função do que se sabia fazer de determinada zona, construções estas que não tinham grande importância, mas representavam de forma fiel os costumes de cada região. Para Fernando Távora, esta questão era importante, assim como o valor dado à construção vernacular, às suas técnicas construtivas, à verdade dos materiais e à pureza dos espaços. Estes seriam fatores que contribuiriam para a nova obra a ser realizada.

Desta forma, a casa em Briteiros é dividida em duas partes. Uma mais quadrangular, como se pode ver na planta, onde se situavam as zonas comuns da casa, e um volume mais estreito e retangular onde se situavam os vários quartos. Na união destes dois volumes encontra-se um espaço de transição que corresponde à sala de estar. O acesso ao piso superior pode ser feito pelas escadas exteriores na fachada principal da casa, como se vê na primeira imagem, ou pelas escadas interiores que ligam os dois pisos de quartos.



1978
manuel correia fernandes
quatro casas na aguda

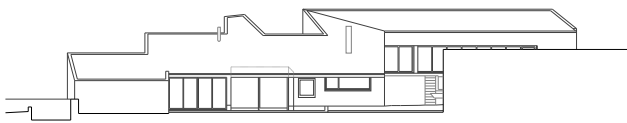
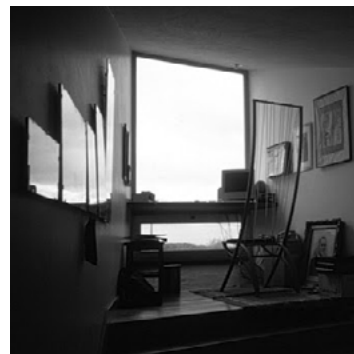
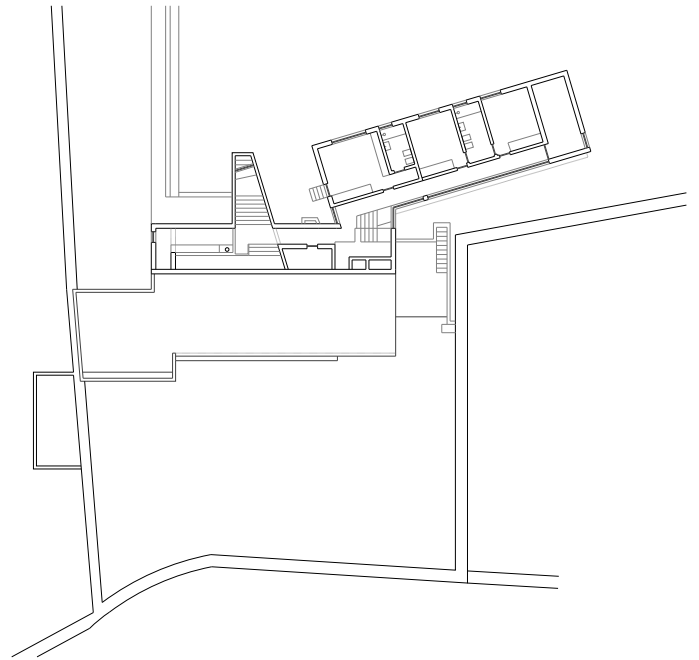
Planta Piso 0 e Cortes
1/500



27 / 120

As quatro casas na Aguda de Manuel Correia Fernandes foram desenhadas para quatro amigos seus. O arquiteto iniciou o projeto dividindo o lote em quatro partes iguais e criou premissas que o ajudaram a realizar estas casas. A ideia de ver dentro e fora, olhar para baixo e para cima e estar e trabalhar foram os principais motes desta composição.

Assim, cada casa tem uma espécie de "open space" de duplo pé-direito que liga e separa sala e quartos. A fachada alta por detrás de um muro alto pretende criar distanciamento entre a rua e a própria habitação, importante para a habitabilidade da casa. A cozinha é grande e isolada do resto da casa e a partir da sala pode aceder-se à casa toda, ligada ao espaço de transição entre o espaço interior e o espaço exterior ajardinado.



2001
pedro maurício borges
casa pacheco de melo

Planta Piso 0 e Cortes

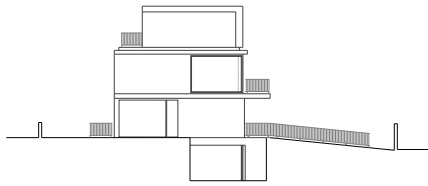
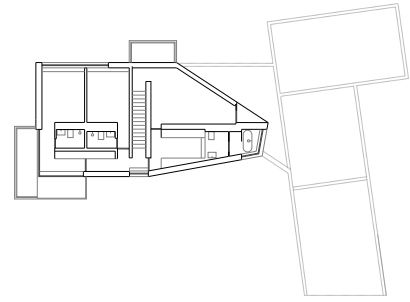
1/500



28 / 120

A principal referência na concepção da Casa Pacheco de Melo é o terreno, a sua forma, a sua orientação e o horizonte. O terreno integra três plataformas, com cotas diferentes. O acesso já estava desenhado, ligando por uma plataforma mais baixa à garagem e à entrada principal.

Entra-se na casa sob um mirante que faz um alpendre, que se destaca da massa branca do resto da fachada com as janelas dos quartos. O piso térreo integra as zonas comuns e de serviço, a sala, a cozinha, a garagem e um anexo. A sala de estar dá para um mezanino onde se encontra o escritório e o mirante. A zona de comer encontra-se a uma cota mais alta, a mesma da cozinha e do nível da entrada. Entre estes espaços não existem portas, as diferenças entre as zonas fazem-se pelas duas cotas dos pavimentos. A cobertura em telha feita numa só água surge em continuidade com as tradições locais e com a mão-de-obra especializada, contrastante com a espacialidade interna, fluida, detalhada, e com a fachada principal, branca, abstrata, sem telhado, embora dentro de proporções semelhantes às tradicionais. A fachada oposta é ampla e aberta, contemporânea neste sentido.



2000
nuno brandão costa
casa da boavista

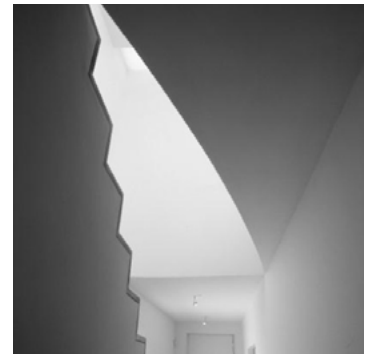
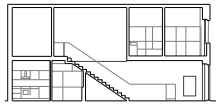
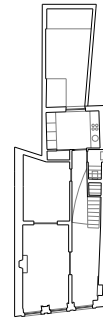
Planta Piso 0 e Cortes

1/500



29 / 120

A casa da Boavista de Nuno Brandão Costa é uma casa de quatro pisos, sendo o primeiro enterrado, correspondente à garagem, e o último, correspondente ao grande terraço na cobertura plana. É construída em estrutura metálica e com grandes vãos, principalmente, nas fachadas que estão viradas para o pátio com piscina. As divisões comuns situam-se no piso térreo, com uma grande sala e uma lareira virada para o pátio, e as divisões privadas, no segundo piso, e cada quarto tem a sua casa de banho. O acesso vertical situa-se no centro da casa, sendo que no piso superior corresponde apenas ao volume necessário para aceder ao terraço.



2000
souto de moura
casa d6

Planta Piso 0 e Cortes

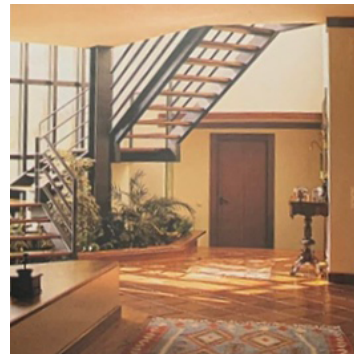
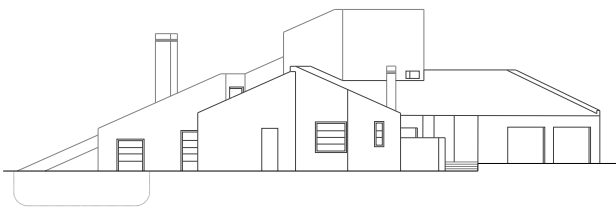
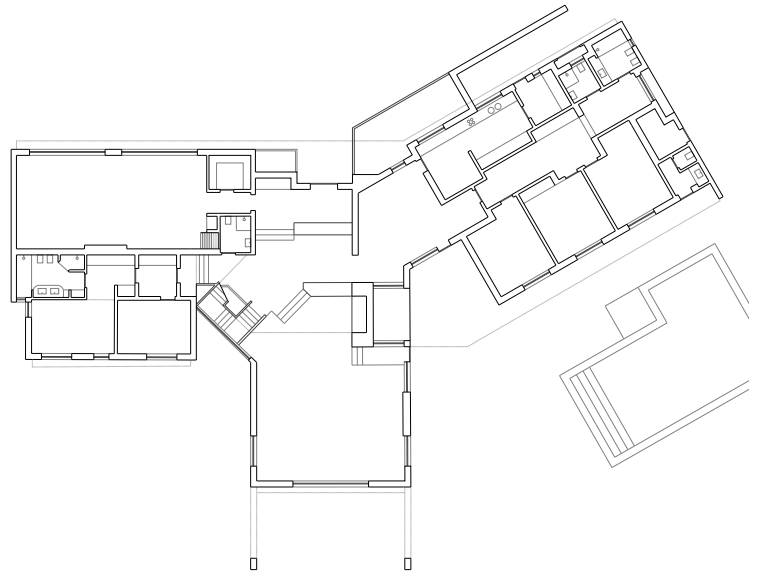
1/500



30 / 120

A intervenção do arquiteto Souto de Moura procura responder às necessidades funcionais, num gesto contemporâneo, em diálogo com o passado, que se reflete na harmonia do conjunto. Como que num gesto de depuração, a curva marca a identidade da nova casa. O programa proposto desenvolve-se entre a especialização dos espaços e a procura de flexibilidade, ligando a sala de estar à sala de refeições através de painéis que ora as separam ora permitem que se expandam numa só "zona social" do piso térreo. A cozinha mantém a sua posição, em relação com o logradouro.

A distribuição do programa original é feita em dois pisos. O acesso às escadas, bem como aos restantes espaços da casa, que não a sala de visitas, é "filtrado" por uma porta que assinala o diferente grau de privacidade que se procurava afirmar. Esta hierarquização da privacidade na casa também está presente na vertical, uma vez que os espaços mais íntimos, os quartos, se encontram todos no segundo piso.



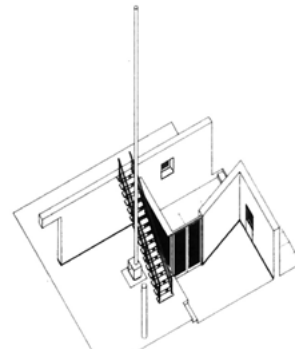
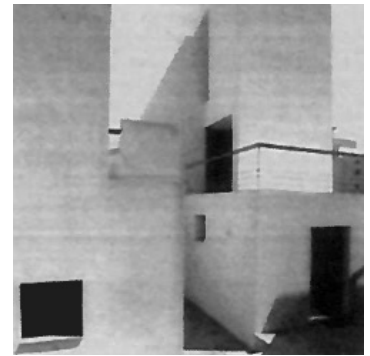
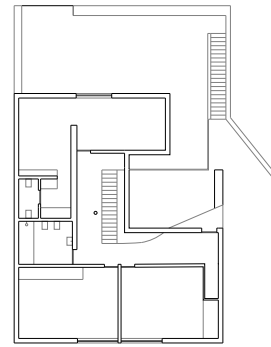
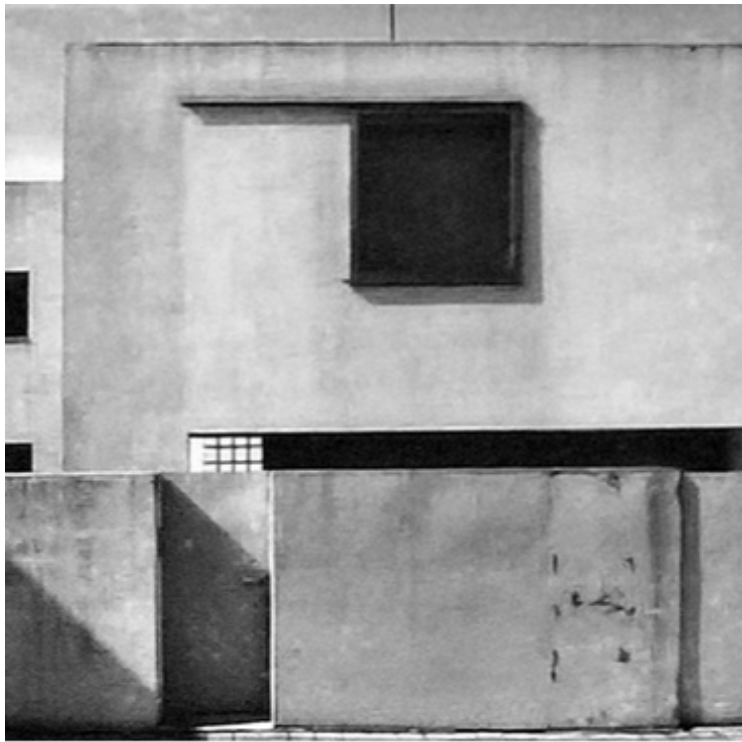
Planta Piso 0 e Cortes

1/500



A moradia das Azenhas do Mar é implantada arrojadamente, não entrando em conflito com o que a rodeia, sendo uma zona rochosa e ventosa. A forma como se posiciona no terreno oferece uma vista ampla para o mar.

A casa tem a particularidade de ter as questões de ordem funcional no sótão que cobre toda a casa onde se concentram as canalizações e os cabos. Evita-se deste modo os múltiplos fios elétricos a vista, que tantas vezes percorrem corredores passando de sala para sala. Esta moradia funciona com dois pisos, sendo que no piso superior se situa o escritório em mezzanine com visão completa sobre o piso inferior. Esse piso divide-se em duas partes, correspondendo uma parte a alguns quartos, chamada a ala dos adolescentes, à sala de jantar e cozinha com acesso ao exterior, e a outra parte correspondente a outros quartos, caracterizados pelo quarto de casal e o quarto das crianças pequenas. Na zona central da casa situa-se a grande sala de estar e o acesso ao piso do escritório, tendo toda esta vista para o mar e, por sua vez, à zona de barbecue, pérgola e piscina no espaço exterior.



Planta Piso 0 e Cortes

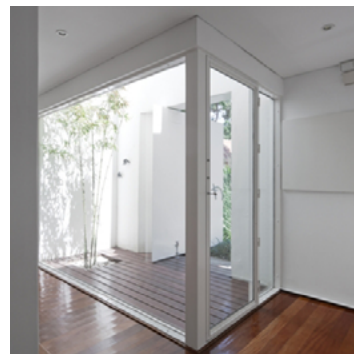
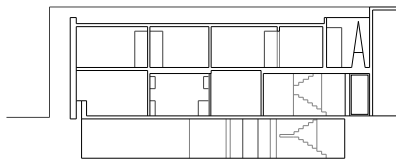
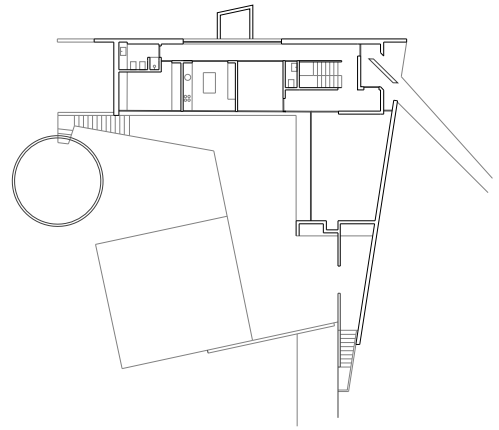
1/500



1994
manuel botelho
casa engenheiro nunes souza

A casa Engenheiro Nunes Sousa organiza-se em torno de um pequeno pátio e, volumetricamente, respeita as cérceas previstas para o lote, alinhando-se assim com as casas vizinhas. A habitação desenvolve-se em três pisos, pelos quais se distribui o programa. O piso de entrada, à cota da rua, constitui fundamentalmente um piso de distribuição, destinando-se à garagem, vestíbulo, escritório e uma sala de trabalhos. O piso inferior caracteriza-se por ser o piso de maior convivência social, onde se localizam a sala de jantar, a sala de estar, a cozinha, a lavandaria, a dispensa e a cave. Deste modo, as salas abrem-se para o pequeno pátio central, favorecendo a privacidade, podendo fechar-se sobre ele através de painéis suspensos.

O piso superior, por sua vez, é o mais íntimo, é constituído pelos quartos, um de casal com casa de banho privativa e dois mais pequenos, apoiados por áreas de trabalho, repouso e instalações sanitárias. Existe também neste piso um acesso à cobertura, a partir de um alçapão que serve igualmente de claraboia, na casa de banho.



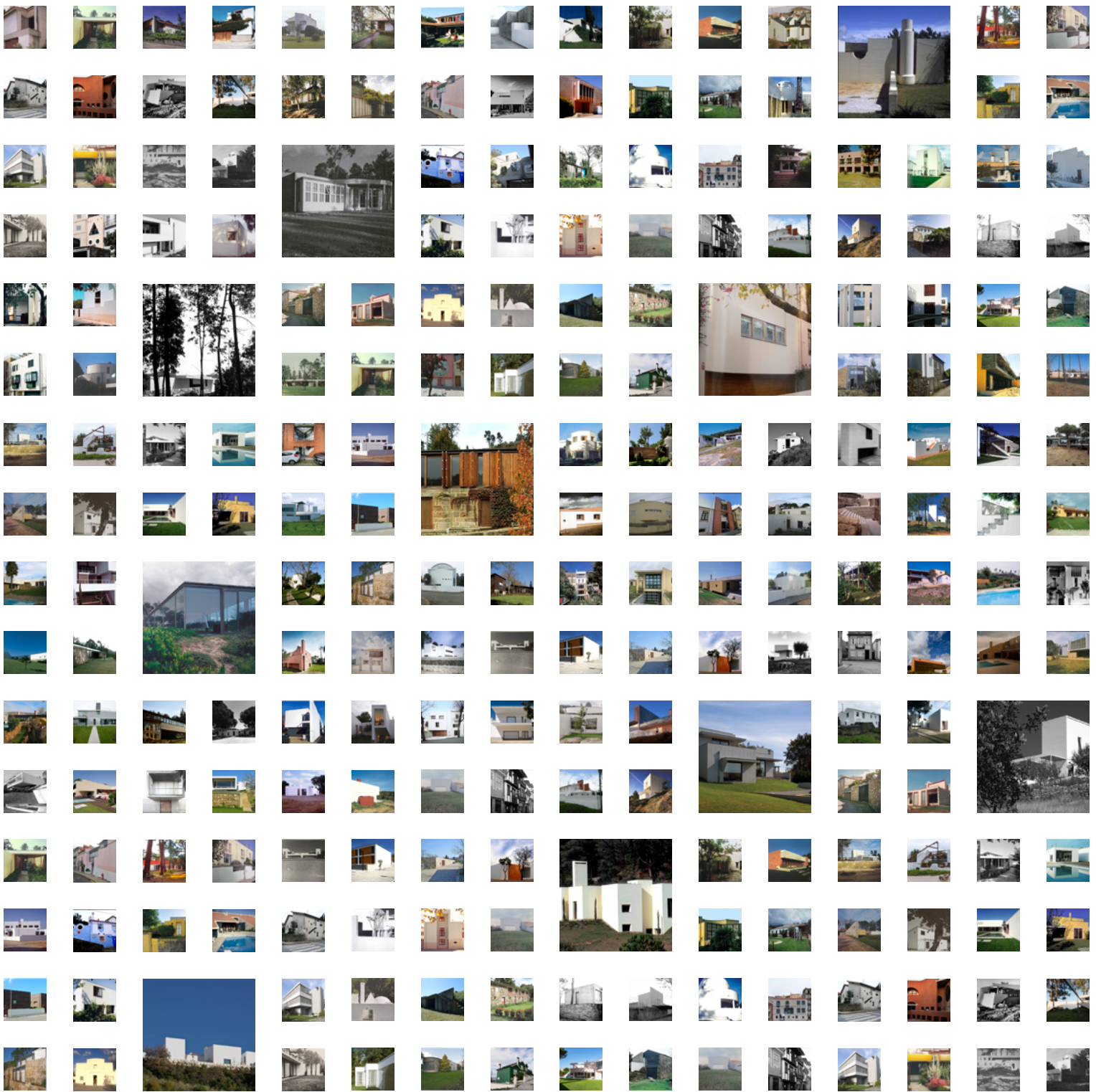
1994
candido chuva gomes
casa dra. celeste gonçalves

Planta Piso 0 e Cortes
1/500



A casa Doutora Celeste Gonçalves divide-se em três pisos e um pátio circular com acesso pelo piso que está enterrado. A entrada principal corresponde ao volume grande branco que compõe a fachada principal em conjunto com um muro alto revestido a tijolo. As divisões comuns situam-se no piso térreo e as divisões privadas no segundo piso. As fachadas interiores, viradas para o espaço exterior onde se situa a piscina, são envidraçadas e com persiana de correr de madeira. Toda a casa, interior e exterior, é branca, com a exceção do muro no alçado principal e o interior, cor de laranja, do pátio exterior.

Organizar uma exposição, tese ou manifesto tendo apenas como matéria prima o arquivo criado nas 12 semanas de discussão. Propor uma leitura pessoal de um tema, sem pré-definições ou limitações, fosse ele baseado num autor, obra, elemento ou obsessão pessoal. Da cor à chaminé, da organização à percepção, cada aluno enfrentou a colecção de ângulos distintos e com objectivos diferentes. Os resultados nunca poderiam estar certos ou errados.



a arte que constrói emoções
casas

36 / 120

Uma obra de arte transmite uma ideia, um sentimento, uma emoção ou até mesmo uma crença. Se considerarmos a arquitetura como a arte de projetar e construir, através de uma atividade criadora e da manifestação humana, podemos afirmar que a arquitetura também transmite uma ideia, um sentimento, uma emoção ou até mesmo uma crença.
Como? Através dos materiais? Através das cores?



a arte que constrói emoções
tectónica

37 / 120

2000
joão mendes ribeiro
reconversão de um palheiro

Considerando o conceito de tectónica que deriva do grego tekton (carpinteiro), críticos como o inglês Kenneth Frampton, mas também os alemães Carl Bötticher e Gottfried Semper, chegam a um conceito simplificado, na medida em que referem a tectónica como a poética da construção. Definida a arquitetura como “arte da construção”, ou seja, a tectónica, pode dizer-se que o papel do arquiteto é construir um objeto palpável, visível e apreciável, reunindo, porém, aspetos materiais e construtivos assim como aspetos culturais e estéticos.

Neste sentido, e tendo em conta que o tema em estudo parte da investigação de 184 casas, habitações unifamiliares, Gottfried Semper define o conceito de residência primordial dividindo uma casa em 4 partes: 1- Terraplanagem | 2- lareira | 3- estrutura/telhado | 4- membrana envolvente.

Neste exemplo do arquiteto João Mendes Ribeiro pode-se ver os quatro elementos a que se refere Gottfried Semper. Todos estes elementos que compõem a obra deste arquiteto foram feitos com diferentes materiais, diferenciando assim as respetivas partes da casa.



a arte que constrói emoções
tectónica

38 / 120

2000
joão mendes ribeiro
reconversão de um palheiro

"without wishing to deny the volumetric character of architectural form, this study seeks to mediate and enrich the priority given to space by a reconsideration of the constructional and structural modes by which, of necessity, it has to be achieved. needless to say, i am not alluding to the mere revelation of constructional technique but rather to its expressive potential. inasmuch as the tectonic amounts to a poetics of construction it is art, but in this respect the artistic dimension is neither figurative nor abstract." kenneth frampton, 1995

Por conseguinte, a escolha do material e a forma como é aplicado resultam em experiências diferentes para o próprio ambiente da casa, tanto no interior, como no exterior. A luz natural ou artificial, em combinação com os materiais, neste caso, a madeira e o betão, provoca efeitos visuais diferentes entre si. Para além de destacar o material, interfere nas sensações, impressões e percepções dos tons das cores.



a arte que constrói emoções
estética

39 / 120

Sendo que a tectónica é considerada o "potencial de expressão construtiva" da arquitetura, introduzem-se outros dois conceitos: a estética e a sinestesia. Para filósofos como Aristóteles e Platão, a estética partia do pressuposto que o belo, o agradável e o verdadeiro formavam uma unidade, a obra.

A estética, também chamada de Filosofia da Arte, tem a sua origem na palavra grega *aisthesis*, que significa "apreensão pelos sentidos", ou seja, "percepção". É uma forma de conhecer o mundo através dos cinco sentidos (visão, audição, paladar, olfato e tato).

Em 1750, o filósofo Alexander Baumgarten utilizou e definiu o termo "estética" como sendo uma área do conhecimento obtida através dos sentidos.

É nesta "apreensão pelos sentidos" que intervém também a sinestesia, na medida em que se trata de uma união de diferentes sentidos, ou seja, combinar e explorar sentidos como um convite para despertar as mais diversas sensações originando os mais variados sentimentos e emoções no perceptor de arte.

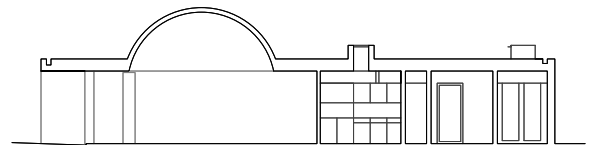
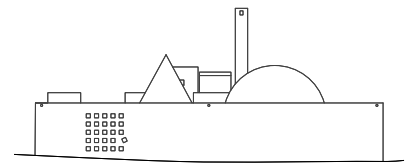
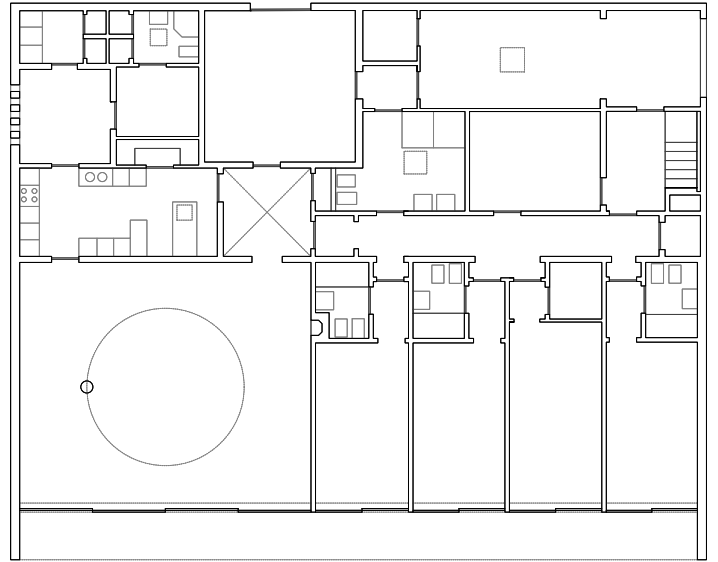


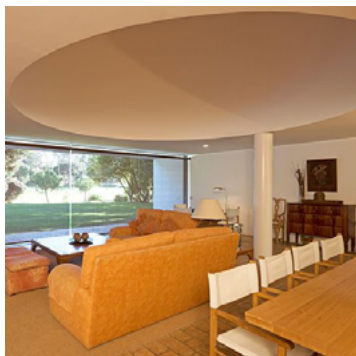
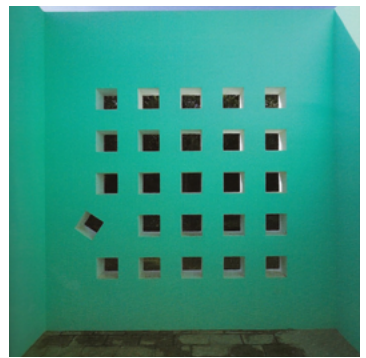
a arte que constrói emoções

40 / 120

1998
pedro maurício borges
casa fonseca e macedo

As duas casas são idênticas, construídas com a mesma cor e os mesmos materiais. Porém, tem-se a percepção de que são distintas. O que provoca essa apreensão são os materiais colocados em diferentes posições. Por vezes, algumas dessas decisões são tomadas por questões técnicas. Por exemplo, o betão é colocado no piso inferior por ser um piso semi - enterrado. Em arquitetura, esta exploração dos sentidos só é possível porque os materiais possuem cores e texturas próprios, também utilizados em diversas posições, capazes de provocar múltiplas e diversas impressões ao ser humano. Nesse sentido, é importante que a combinação de materiais, formas e outros aspetos do projeto sejam pensados de forma a potencializar a percepção dos principais elementos sensoriais ao eliminar os excessos de ruídos que podem atrapalhar. Less is more, já dizia Mies Van der Rohe



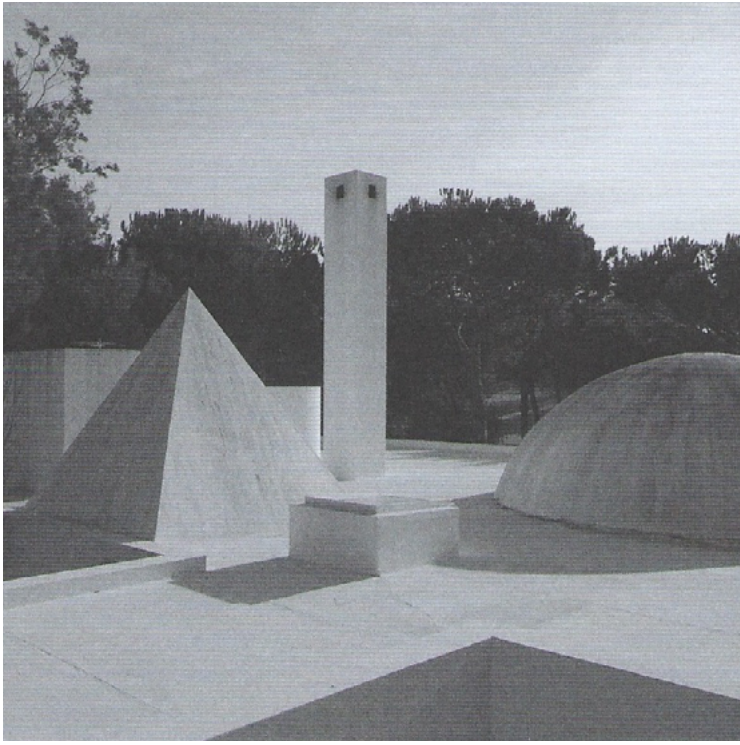


a arte que constrói emoções

42 / 120

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

Tanto no interior como no exterior, a cor predominante é o branco, tendo apenas um momento de cor, a cor verde, no pátio exterior.
Se estas características fossem alteradas, a simplicidade a que se pode associar o branco, o equilíbrio das formas geométricas e a harmonia entre estas escolhas, deixariam de existir?
Fazendo a experiência, qual seria o impacto da obra do arquiteto?



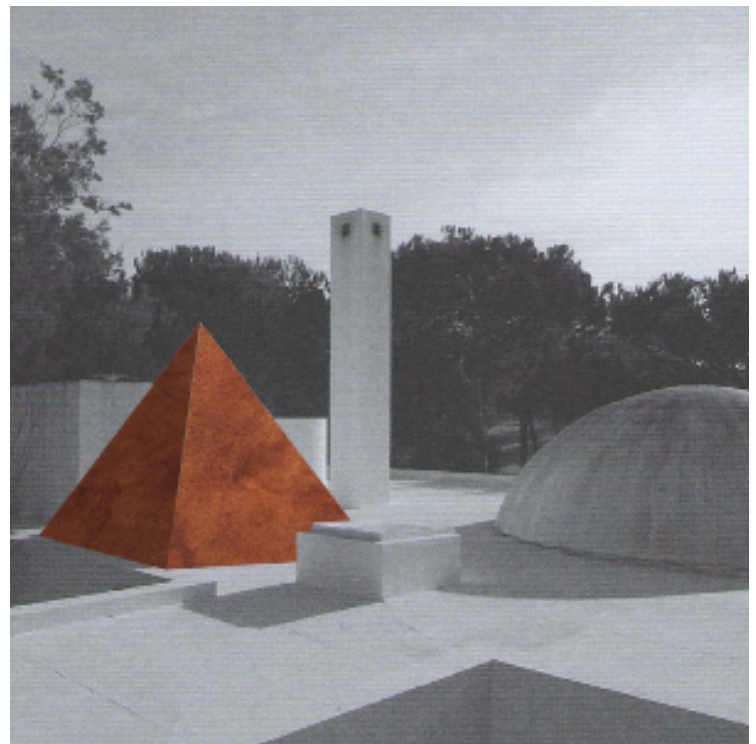
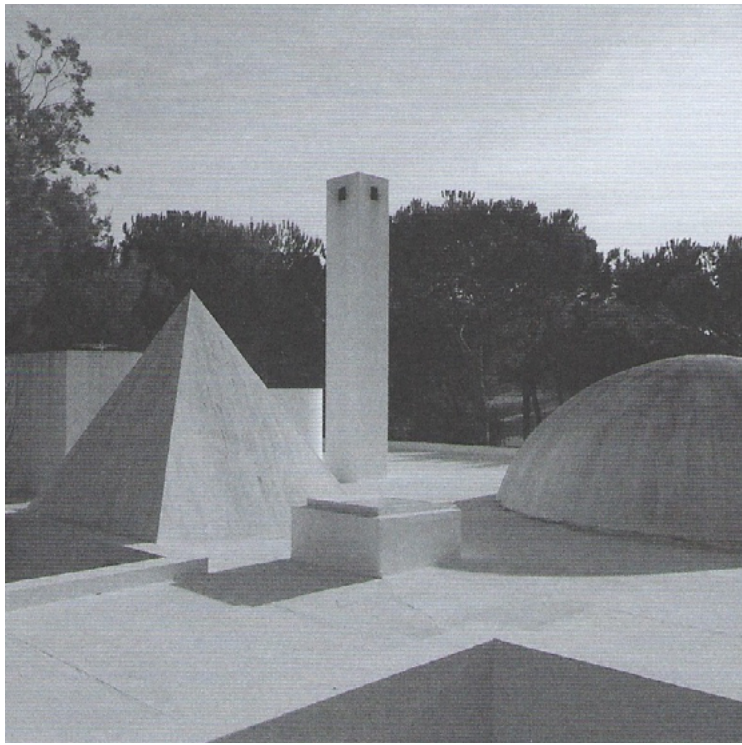
1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1984
alcino soutinho
casa pinto souisa

a arte que constrói emoções

43 / 120

Substituindo o prisma quadrangular branco da casa na quinta do lago pelo prisma retangular cor de rosa da casa pinto souisa.



1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1972
jose pulido valente
moradia dr. fernando ferreira da silva

a arte que constrói emoções

44 / 120

E, alterando o branco da pirâmide quadrangular para o cobre que vemos na lareira da moradia Dr. Fernando Ferreira Da Silva.



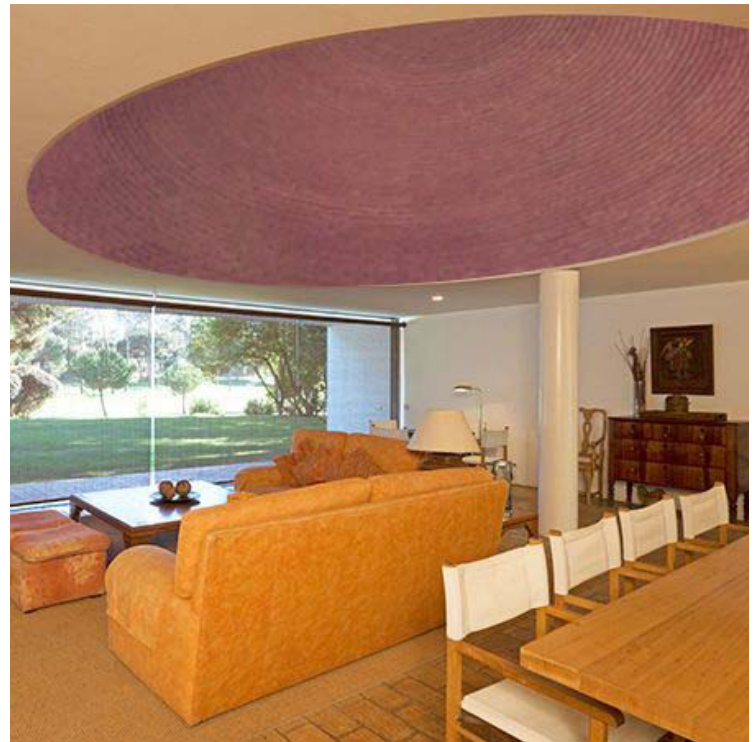
a arte que constrói emoções

45 / 120

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1991
carlos prata
casa luis príncipe

Transformando, o pilar branco que não toca no teto do arquiteto souto moura pelo pilar revestido a madeira do arquiteto carlos prata, na casa luis príncipe.



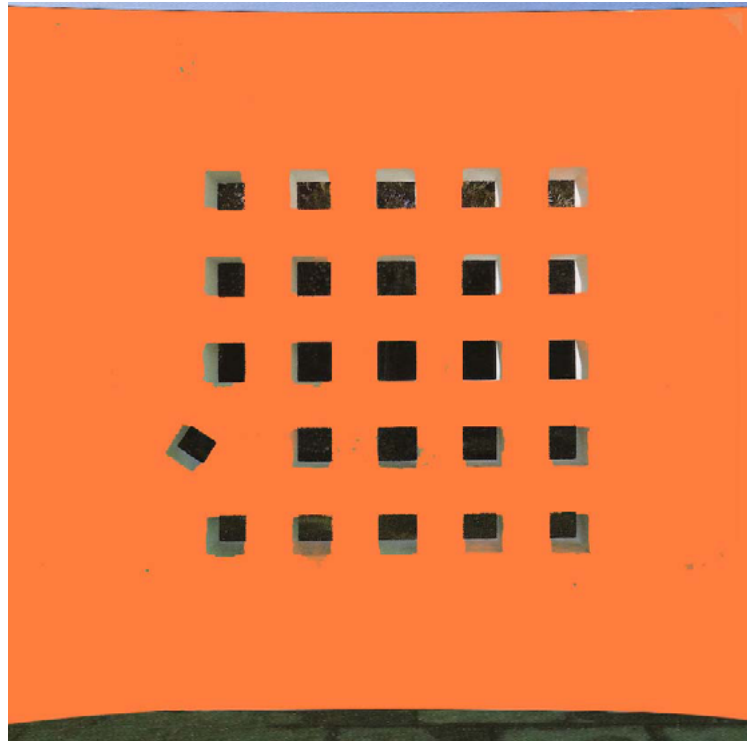
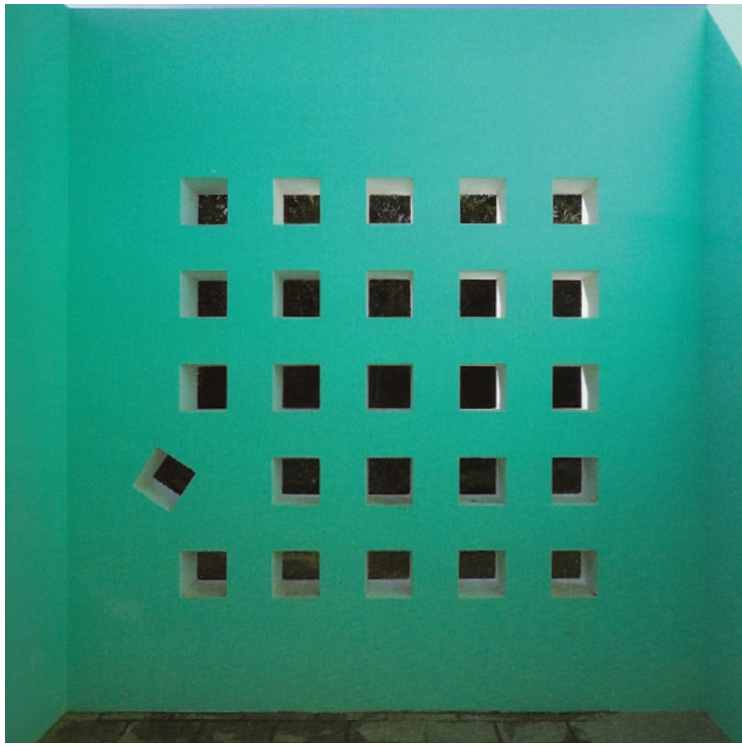
1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1976
joao nasi pereira
casa sidarus

a arte que constrói emoções

46 / 120

Ou, acrescentando um revestimento em tijolo no interior da cúpula da casa na quinta do lago, como acontece na casa Sidarus de João Nasi Pereira.



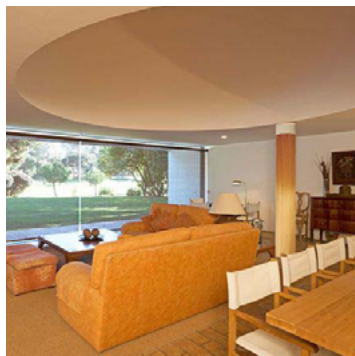
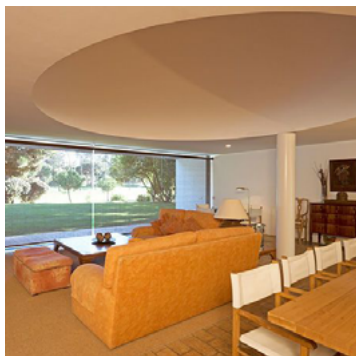
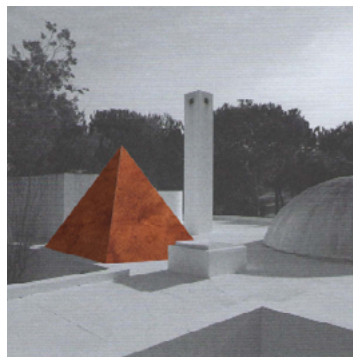
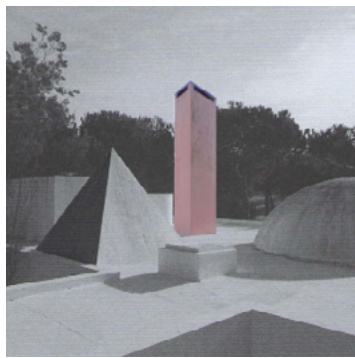
a arte que constrói emoções

47 / 120

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

1994
candido chuva gomes
casa dra. celeste gonçaves

E ainda, alterando o único momento de cor que existe na casa da quinta do lado, por uma cor existente noutra pátio exterior estudado.



a arte que constrói emoções

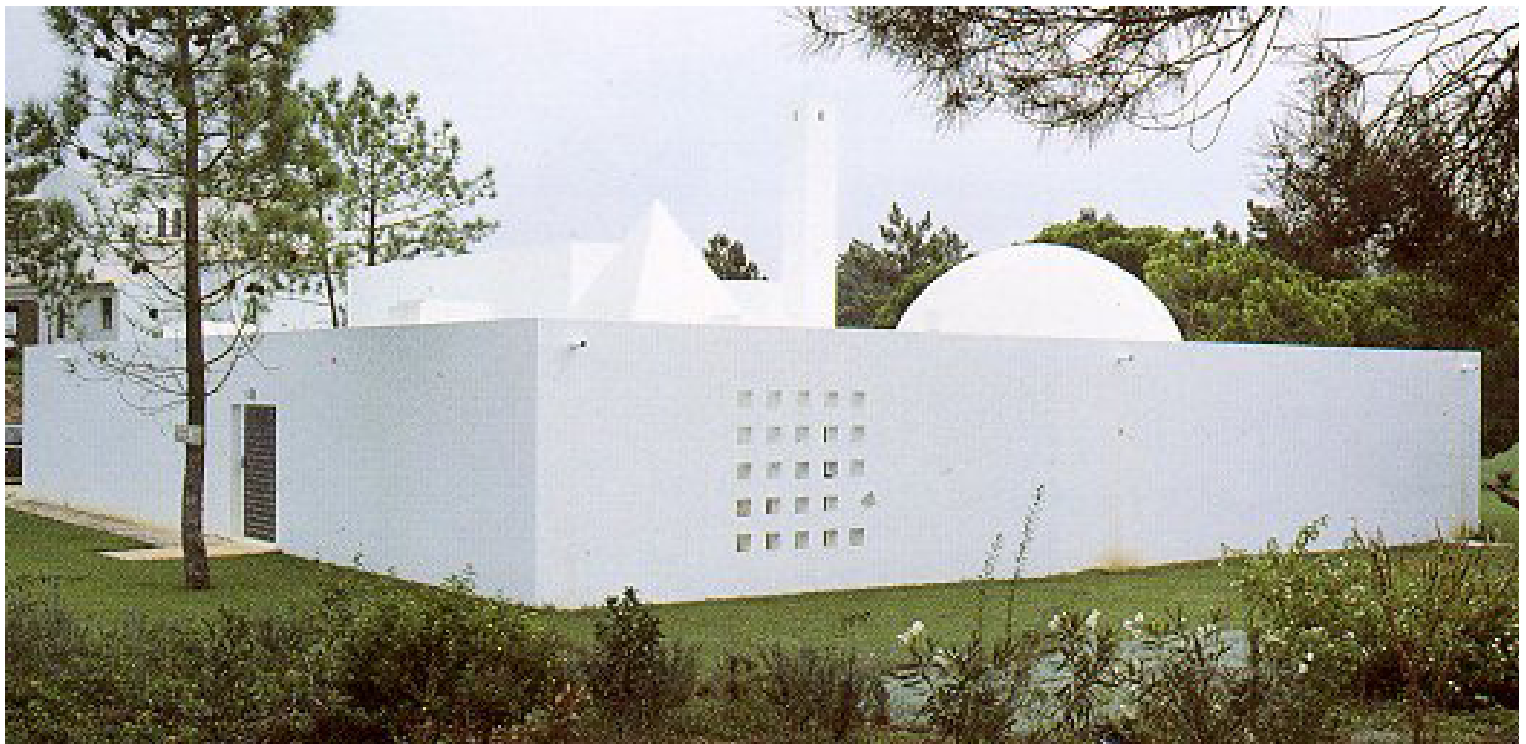
48 / 120

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

Estas escolhas devem-se à função dos vários elementos? Devem-se a escolhas aleatórias e/ou pensadas pelo próprio arquiteto? Estas escolhas são pensadas para provocar esta ou aquela sensação?

Creio que não haja uma resposta em absoluto para estas questões. Todavia, optar pela diferenciação de materiais ou cores, como o betão, a madeira ou até o branco, como acontece neste projeto, com o objetivo de marcar momentos, espaços, funcionalidades e subsequentemente causar sensações, julgo que seja este o propósito do arquiteto, podendo até mesmo combinar esteticamente esses materiais ou cores.

Supondo que haja duas casas iguais, uma toda de betão aparente e outra de pedra, ainda que apresentem cores similares e materiais que possam ser visualmente idênticos, mas distintos tanto na textura como no método construtivo, é esta diversidade dos materiais que causam, certamente, sensações diferentes.



a arte que constrói emoções

“a arte é a autoexpressão lutando para ser absoluta”

fernando pessoa, obras em prosa

49 / 120

1989
souto de moura
casa na quinta do lago

Considerando que a arquitetura é arte que nasce de uma atividade criadora e da manifestação humana, os temas são, conseqüentemente, abstratos e subjetivos. Então, é difícil refutar que a arquitetura não simula percursos e emoções planejados pelo arquiteto e vivenciados pelo observador da obra de arte.

Os projetos Pedro Maurício Borges e Eduardo Souto Moura foram sujeitos a alterações tectônicas e de cor com a intenção de corroborar que a arquitetura pode ser considerada a arte que constrói emoções.



a arte que constrói emoções

50 / 120

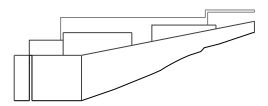
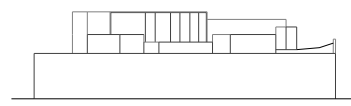
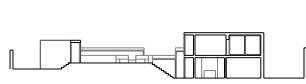
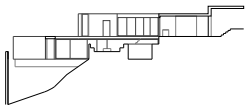
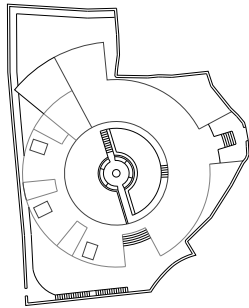
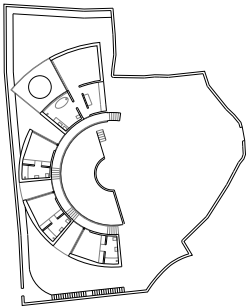
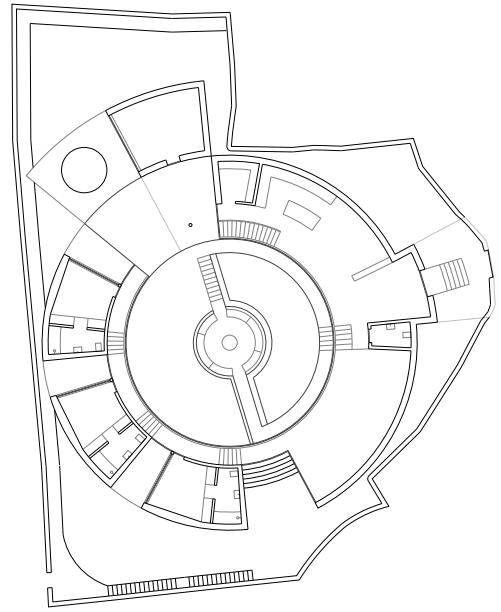
1992
alexandre manuel cruz silva
casa na rua padre xavier coutinho 95
99 101

Não obstante a situação planeada pelo arquiteto Alexandre Manuel Cruz Silva, por exemplo, a sua casa, originalmente cor-de-rosa, foi pintada de branco por quem a habitou. Ainda assim, não se pode negar que, independentemente da emoção, esta mudança nos causa algum tipo de sensação.

As ferramentas de produção de um projecto são lentes para a sua leitura e vice versa. Num pós investigação, propôs-se o difícil de exercício da passagem do crítico a criticado: desenhar uma casa.

Não foi imposta qualquer obrigação de relação com o arquivo que tinha sido desculpa para um momento anterior, ficando ao critério de cada um a relação ou falta dela com o que tinha sido estudado. Nada é mais contextual do que a eventual rejeição de um contexto.

Foram atribuídos terrenos sem qualquer valor particular de forma aleatória a todos os alunos. Regularmente, os mesmos foram trocados entre si, forçando cada actor desta dança colectiva a reagir rapidamente a novas condições e problemas. Não era objectivo uma apropriação do lugar, sendo cada um deles uma condição



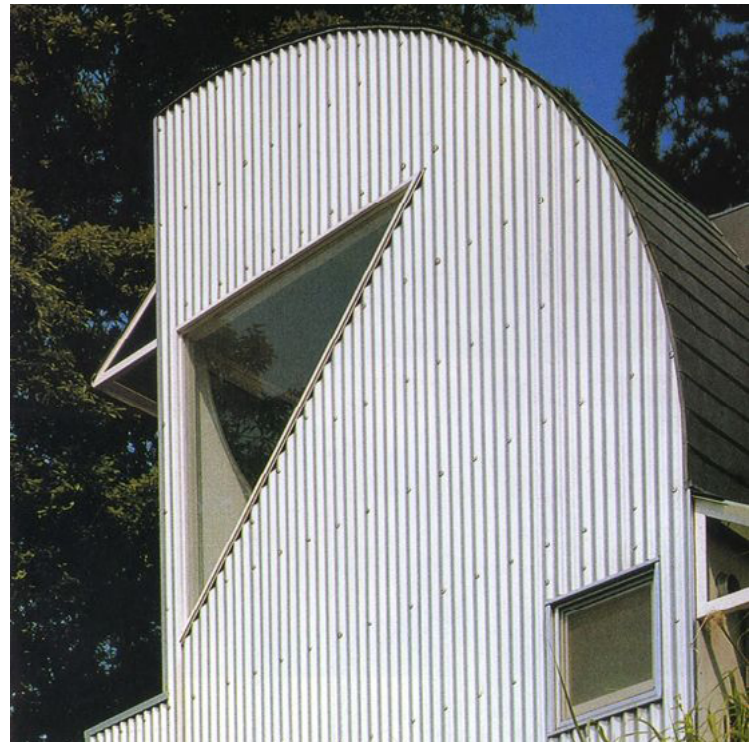
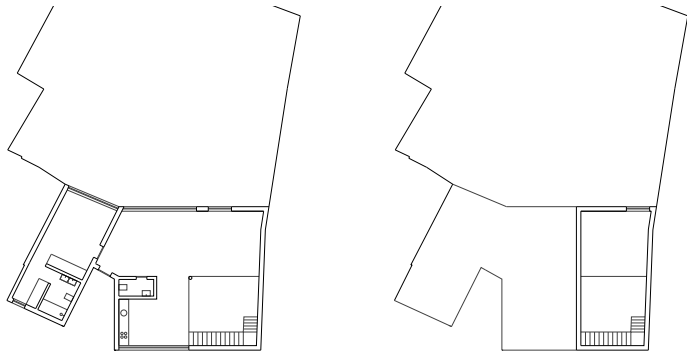
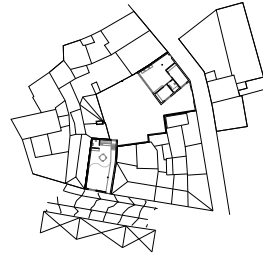
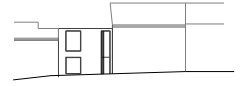
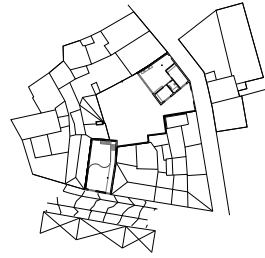
casa 7+x
1/500
1/1000

53 / 120

2011
vyllder vinck taillieu
casa BM

Numa primeira experiência, o objetivo foi ignorar todos os fatores envolventes e até mesmo as próprias condições do terreno.

Esta ideia inicial consistia num volume circular com um pátio no interior onde um corredor central em torno do mesmo dividia as várias divisões da casa em patamares. A entrada seria feita através do alpendre numa cota ligeiramente inferior à cota da rua. O acesso ao pátio poderia ser feito pelo volume na cota mais elevada ou pelo volume na cota mais baixa. Assim, a parte da casa com dois pisos ligaria a cozinha ao piso inferior, pelas escadas no interior.

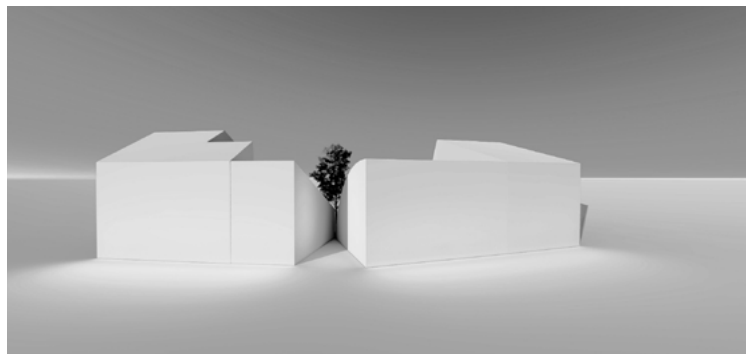
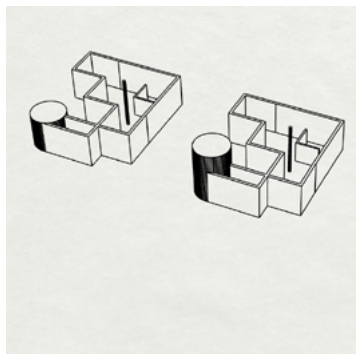
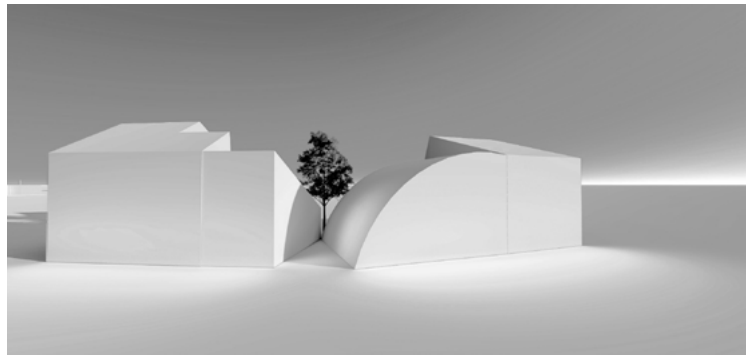
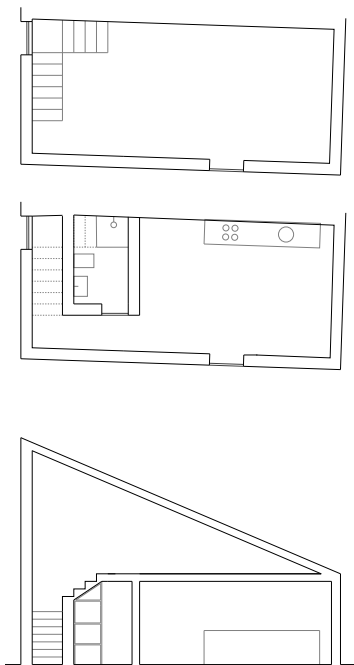
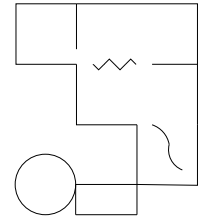
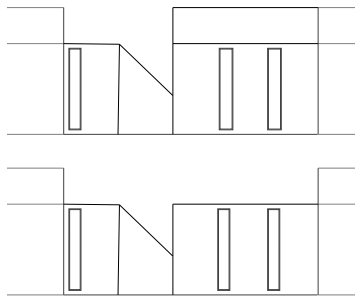
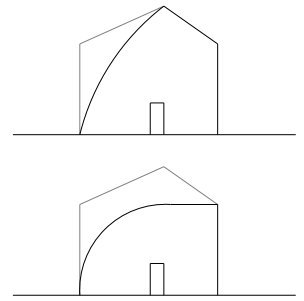
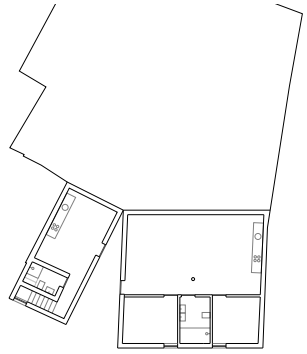


1984
kazuo shinohara
house in yokohama

casa 7+x
1/5000
1/1000
referência

54 / 120

Quando alterado o terreno, sendo este um lote de menor dimensão numa zona urbana, o objetivo foi explorar as condições envolventes e de que forma estas poderiam impactar a própria ideia do projeto. Neste caso, levantando questões como resolver as empenas das casas vizinhas, sem recorrer às coberturas tradicionais de telha em duas ou quatro água, ou como implantar uma casa numa rua estreita e cheia de construções podendo criar espaços de desfogamentos nos perfis de rua. Como por exemplo, apresenta-se a cobertura curva do arquiteto Kazuo Shinohara, com o propósito de experimentar diferentes hipóteses de coberturas.

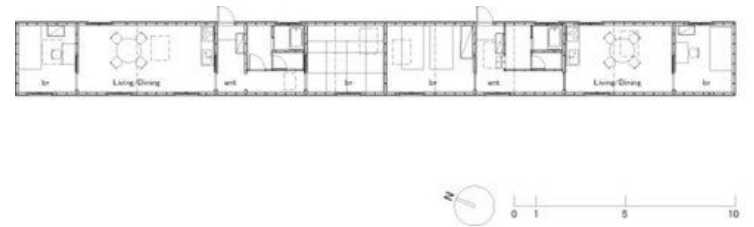


7

casa 7+x
1/500
1/200

55 / 120

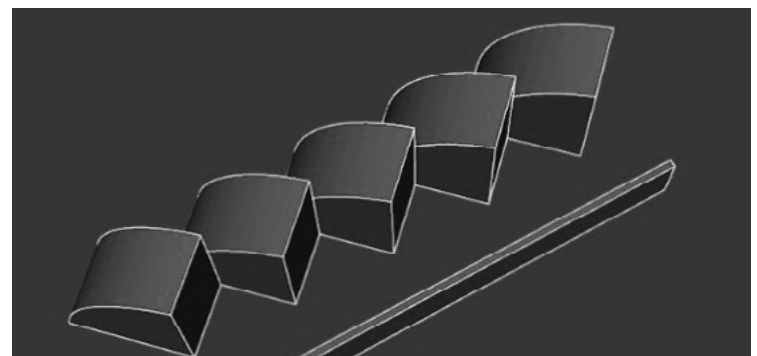
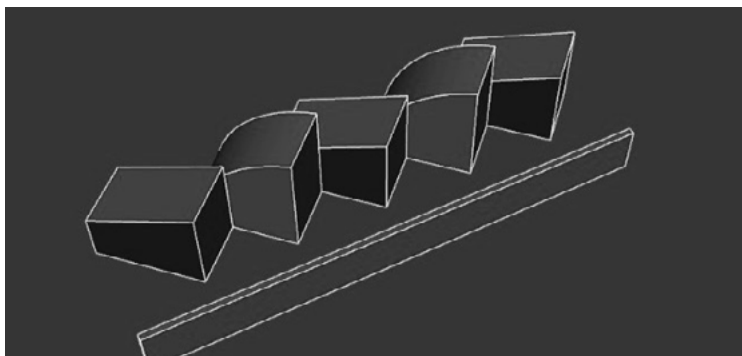
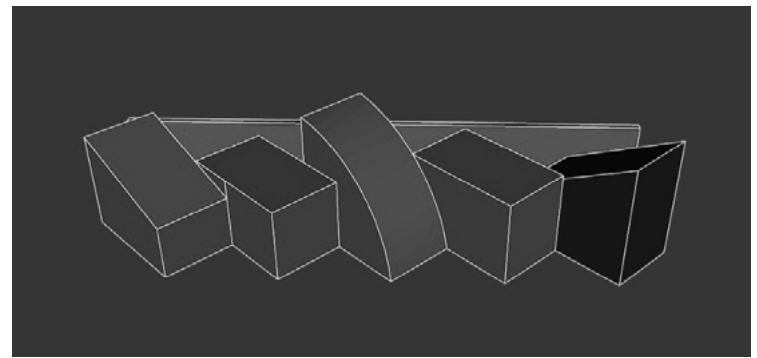
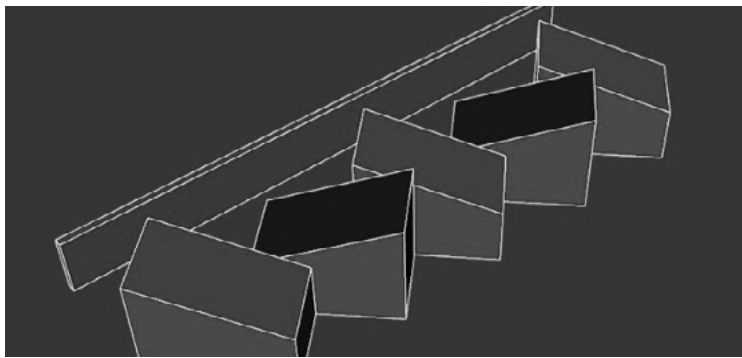
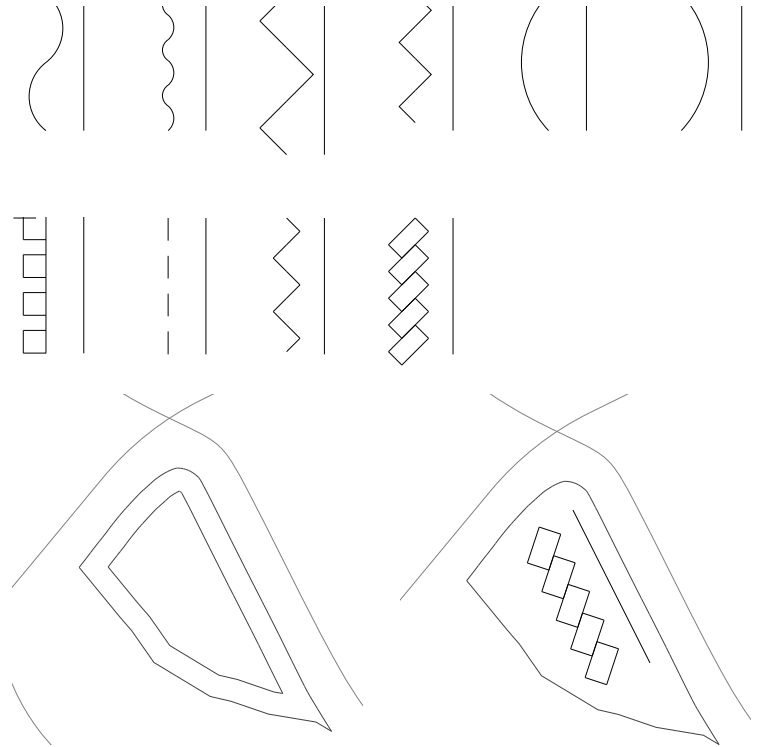
No seguimento desta exploração de ideias, e mencionando estas referências, surgem dois tipos de volumes que respondem a algumas das questões levantadas anteriormente ao mesmo tempo que se tenta perceber como a combinação de formas e linhas diferentes compõem um interior em "open space".



casa 7+x
referência

2006
sou fujimoto
house 7/2

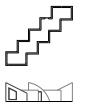
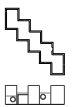
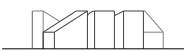
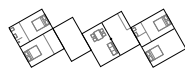
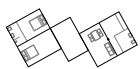
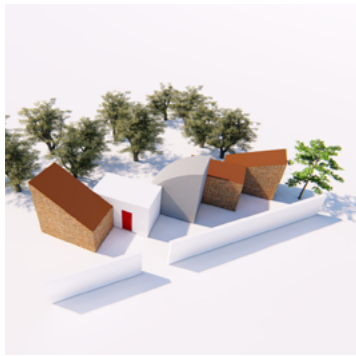
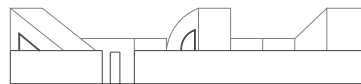
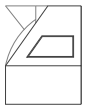
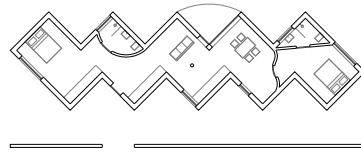
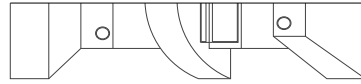
A casa 7/2 do arquiteto Sou Fujimoto é composta por sete volumes com características idênticas, que criam a ilusão de que cada volume poderá corresponder a uma divisão da casa ou até mesmo de que cada volume é apenas uma casa. Na realidade, trata-se de duas habitações com apenas um piso térreo, cujas divisões não correspondem com o alinhamento dos sete volumes.



casa 7+x
1/1000

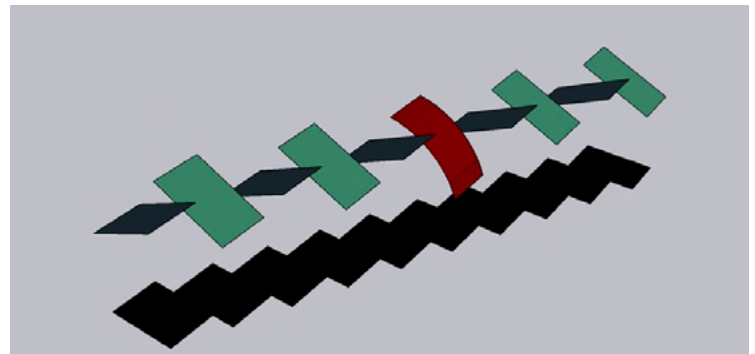
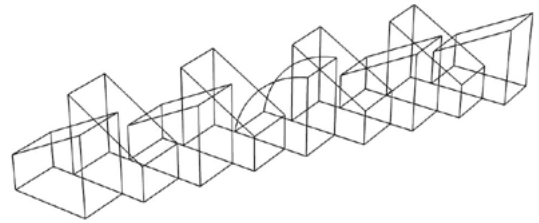
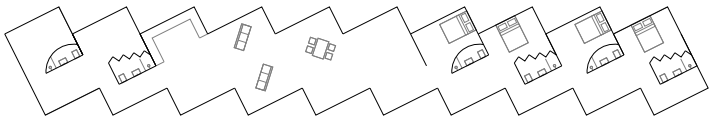
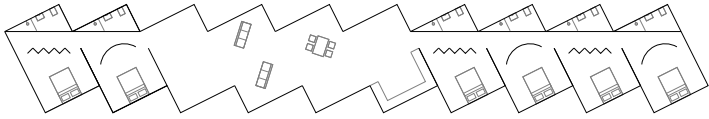
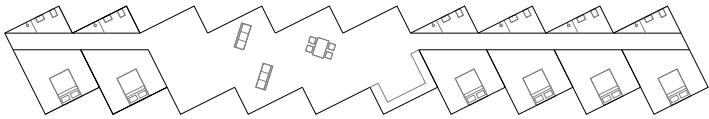
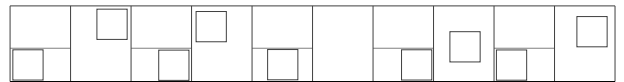
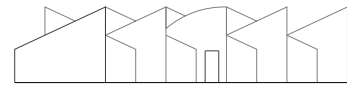
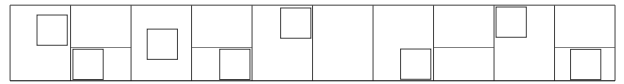
57 / 120

Depois de analisar este caso de estudo, surgiu a ideia de ter vários volumes, mas, com a nova mudança de terreno, surgiu a necessidade de entender que, num lote, a casa, geralmente, é separada do envolvente por um muro. Então, de que forma se implantariam os volumes num lote e que relação teriam com o muro envolvente. Posto isto, o muro seria paralelo à casa. Mas, de que forma podemos ter dois elementos paralelos que não sejam apenas duas linhas? Que elementos podem ser combinados para serem paralelos a outro elemento? Levanta-se, assim, o estudo dos diferentes volumes que, combinados num só, seriam paralelos ao muro envolvente. Contudo, questiona-se sobre o tipo de coberturas que os combinariam e, conseqüentemente, como se comportaria o interior destes volumes.



casa 7+x
 1/500
 1/1000

Neste momento do projeto, combinam-se dois volumes de cobertura plana, dois volumes de cobertura inclinada e um volume de cobertura curva. Depois, realizaram-se vários ensaios de organização espacial de modo a perceber como estes mesmos espaços seriam ligados entre si. Existiria um corredor? Existiriam paredes interiores a dividir um espaço? Concomitantemente, pensou-se, numa primeira hipótese, na materialidade e na cor para diferenciar os volumes.



casa 7+x

1/500

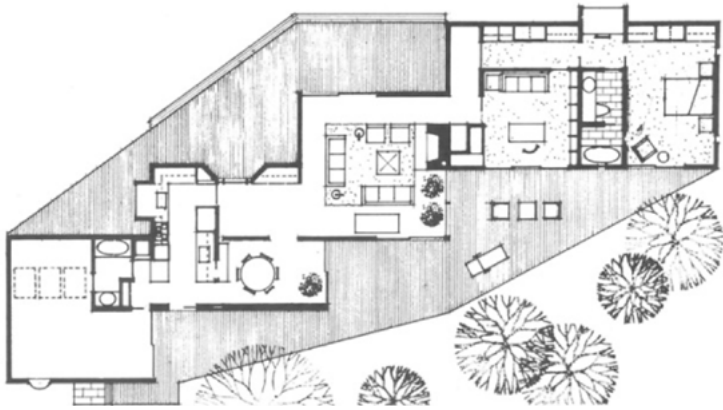
imagem em wireframe

imagem tridimensional das coberturas
e pavimentos

59 / 120

Realizaram-se novos ensaios por ser um terreno diferente. Verificou-se que os volumes da casa se poderiam repetir na quantidade necessária, conforme o espaço do próprio terreno. As medidas de 6x4 m, com um desvio de 2m de volume para volume, enfatizariam os diferentes volumes que corresponderiam a diferentes espaços, não deixando, por sua vez, de se relacionar.

Inicialmente, a organização espacial era dividida em duas partes: um x número de volumes em open space e um corredor que faria a ligação para as várias suites. Ainda que não estivesse criada uma regra específica, desenharam-se também as janelas dos alçados, definindo que o volume de cobertura curva não teria janela, já que nesta experimentação apenas um volume se distinguiria dos outros. Toma-se, aqui, a decisão de ter todos os volumes iguais à exceção do volume central, que corresponderá, posteriormente, ao hall de entrada.

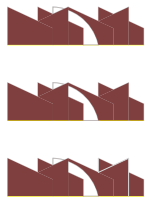
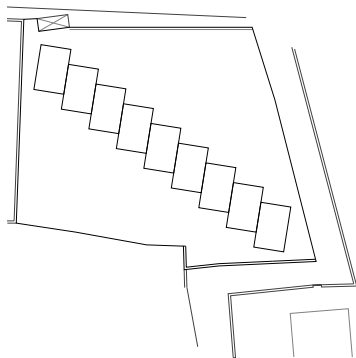
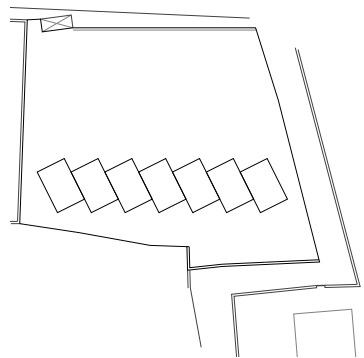
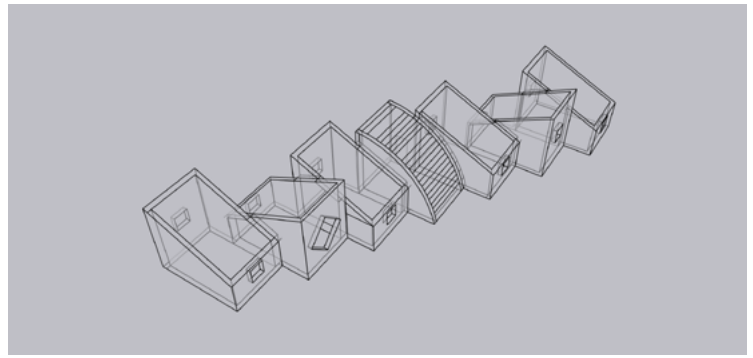
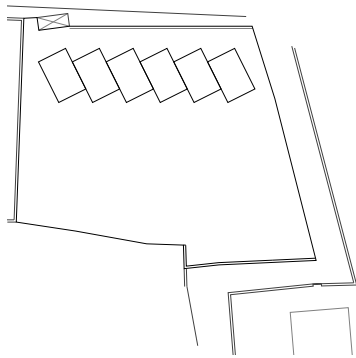
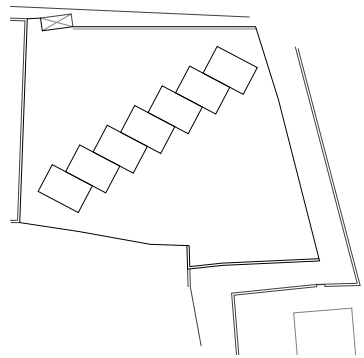
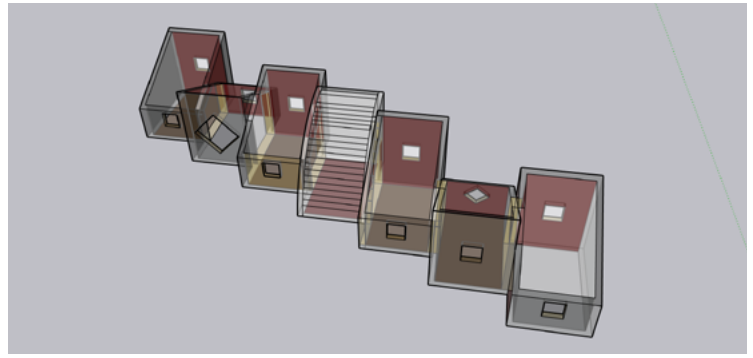
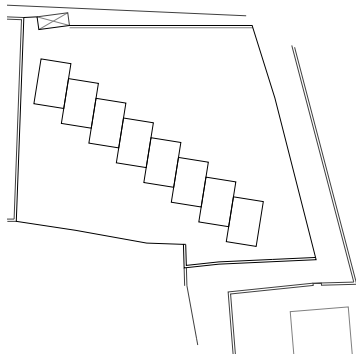
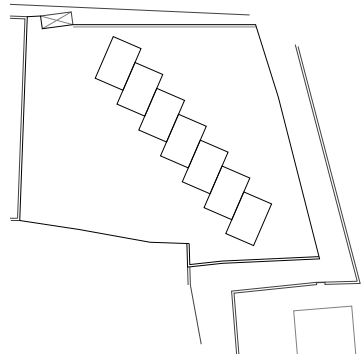
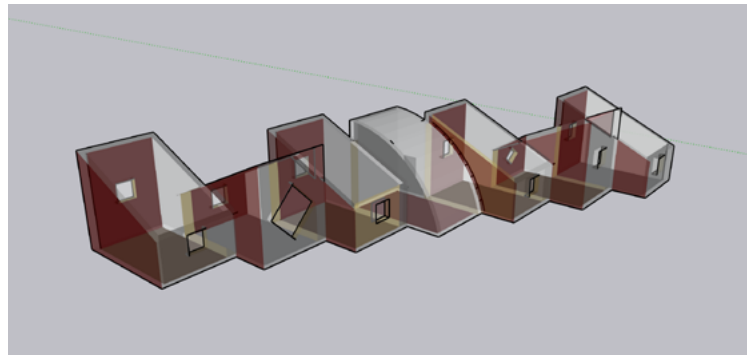
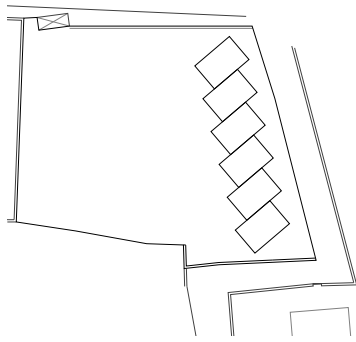
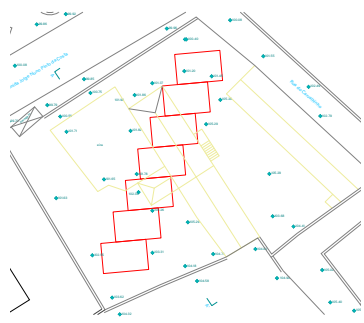


1978
hugh newell jacobsen
Dreier house

casa 7+x
referência

60 / 120

A casa Dreier é composta por 4 volumes, com coberturas de duas águas e uma chaminé. No interior, existe o espaço principal da casa onde se situa a entrada e a sala de estar com lareira, sendo a partir deste que se faz a ligação às restantes divisões. De um lado estão as divisões comuns da casa e do outro as divisões mais privadas. A passagem para as outras divisões da casa é interetada por paredes com vãos, desvendando outros espaços, ou por um pequeno corredor que liga a sala de estar à zona do quarto.

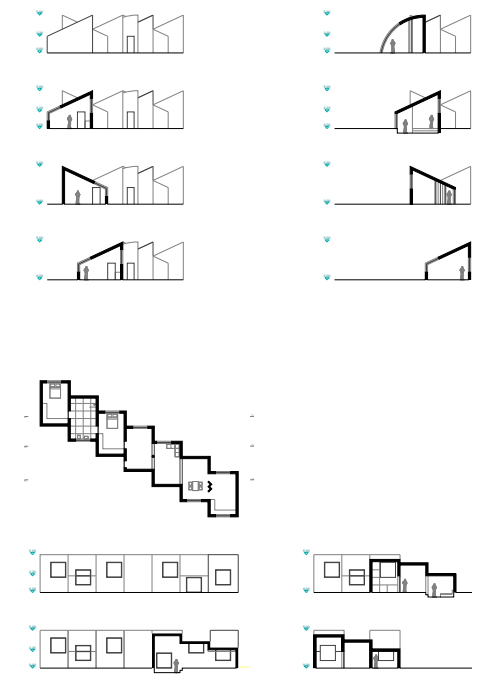
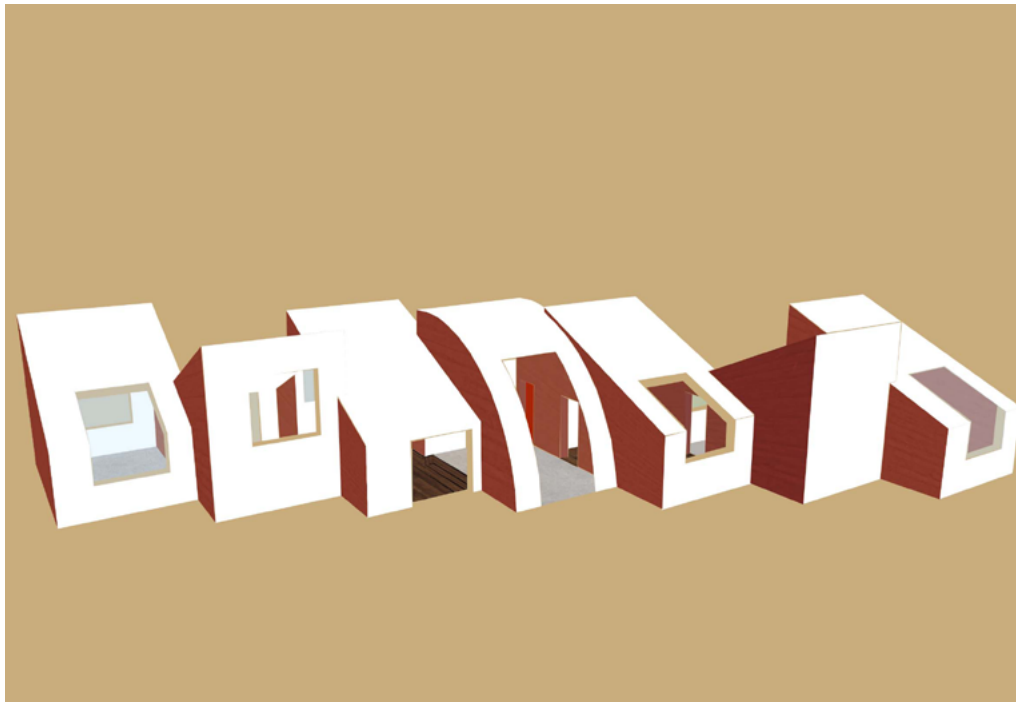
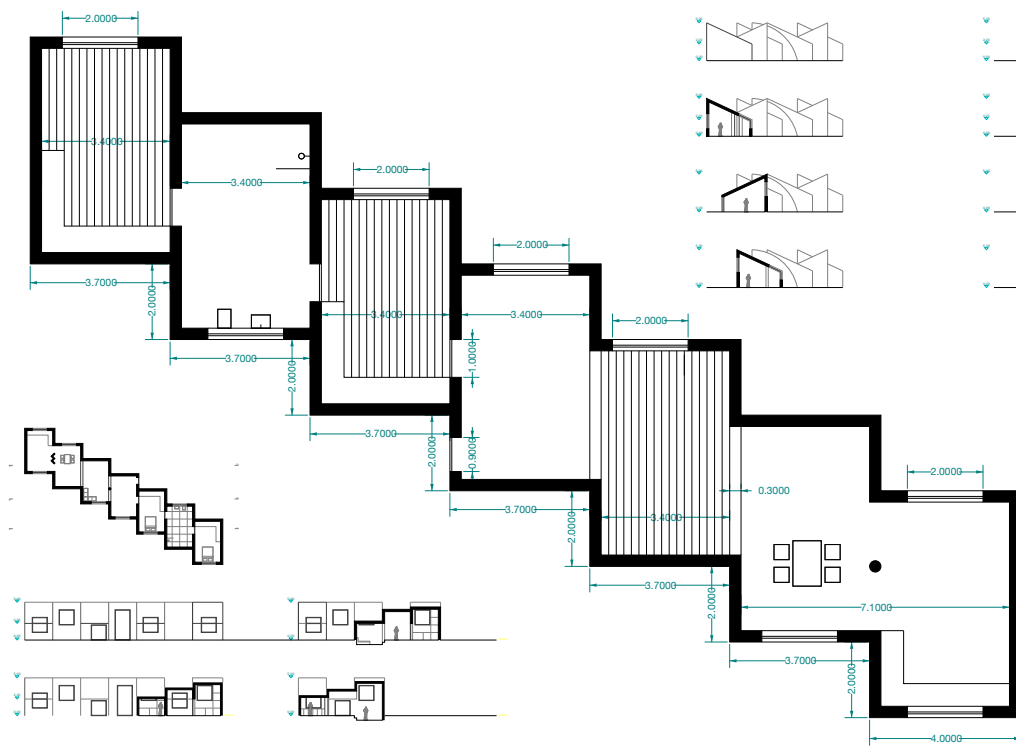


casa 7+x
1/1000
imagens tridimensionais

Decidiu-se, entretanto, que cada volume corresponderia a uma divisão, não existindo hierarquia espacial. Todas as divisões teriam a mesma área, comportando-se de forma idêntica, e repetir-se-iam os volumes entre si, com a exceção do volume de cobertura curva.

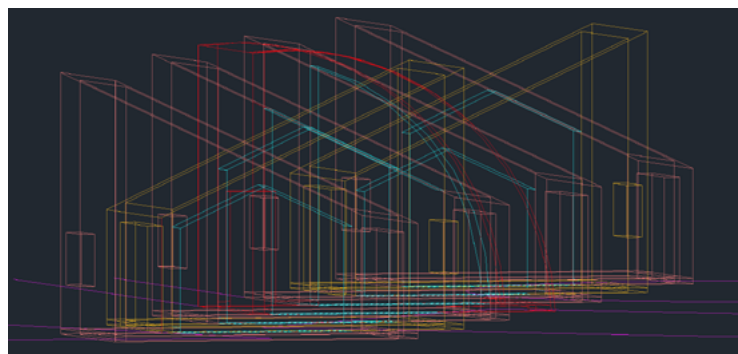
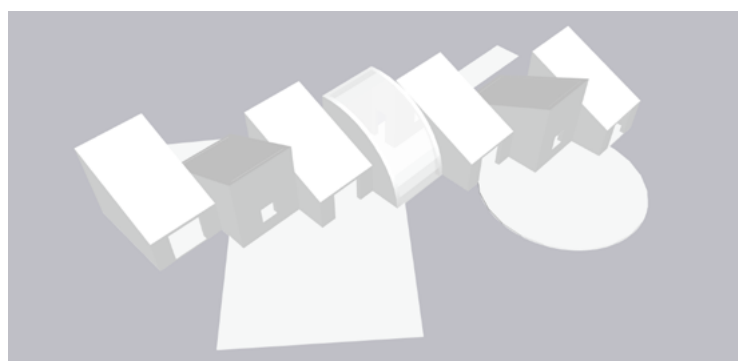
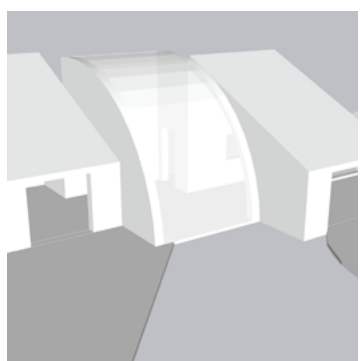
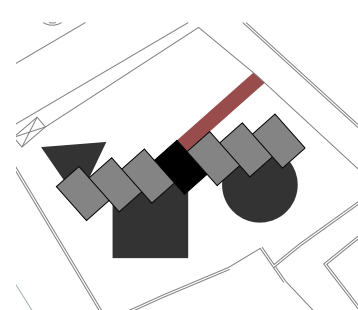
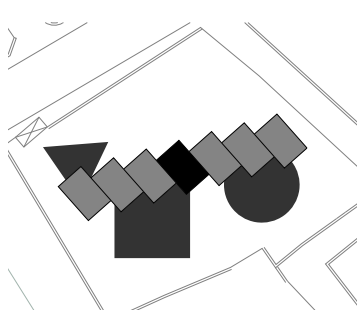
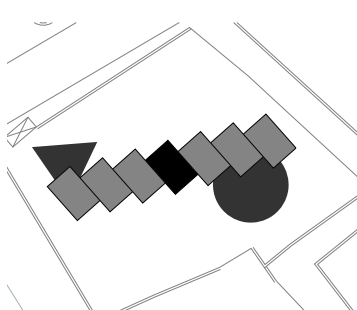
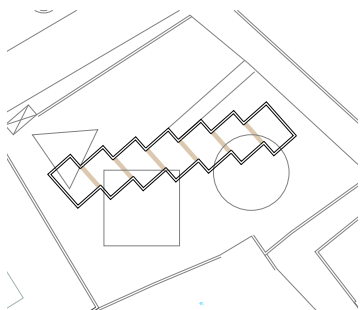
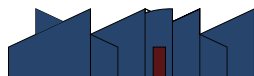
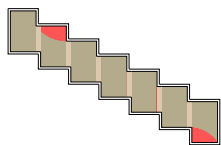
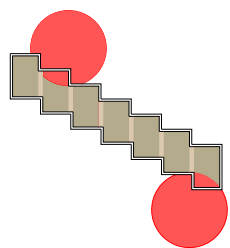
Dando prosseguimento à expansão do projeto, era necessário entender de que forma os volumes se estenderiam num terreno, percebendo que esta decisão seria relevante tanto para o número de volumes como para a orientação solar da casa. Além disso, continua-se a pensar nos diferentes alçados da casa tanto pelo tipo de vãos como pela cor a aplicar, já que os volumes são todos iguais, mas distinguindo-se pela orientação da inclinação das coberturas, à exceção do referido volume central.

Como se pode ver nos alçados abaixo, pensou-se que poderia haver uma exceção de um vão nos alçados laterais assim como se ponderou que a cor poderia ser diferente em cada fachada ou, ainda, alternando a cor de acordo com o volume.



casa 7+x
 1/1000
 1/200
 imagens tridimensionais

Assim, desenham-se os cortes dos volumes, em que se observa cada volume individualmente, nos cortes transversais e, em conjunto, nos cortes longitudinais. Ainda se considerou rebaixar o pavimento interior de um volume para testar a possibilidade de diferenciar os espaços no interior, e os próprios pavimentos interiores poderiam ser diferentes consoante a utilização do espaço. Porém, concluiu-se que esta ideia não era a melhor opção para este projeto.



casa 7+x

1/1000

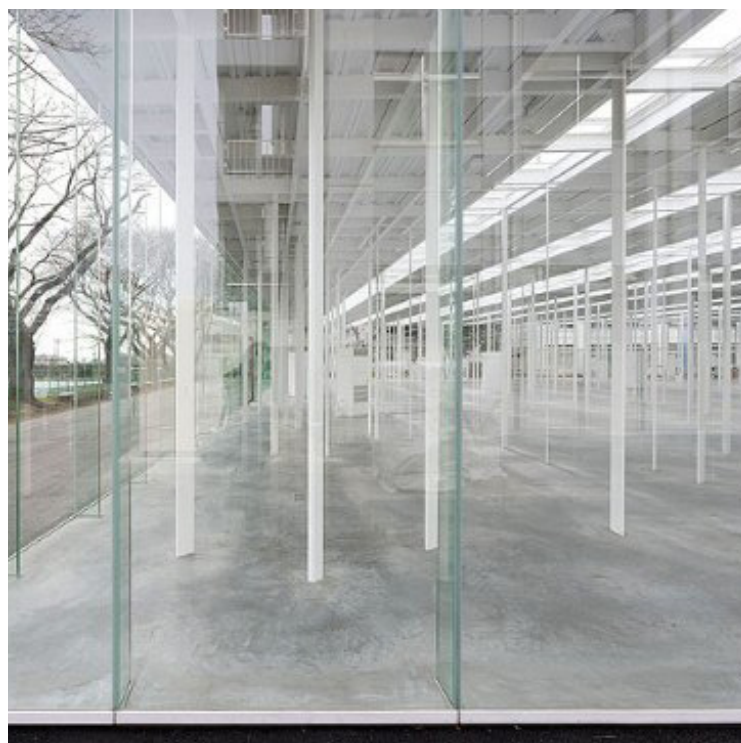
imagens tridimensionais

imagem em wireframe

63 / 120

Na sequência das várias experimentações relacionadas com os pavimentos, decidiu-se que o interior teria todo o mesmo pavimento, não diferenciando, desta maneira, os espaços. Porém, surgiu a ideia de os pavimentos dos espaços exteriores se relacionarem com os interiores, entrando pelo interior adentro e criando, assim, espaços que, por um lado, marcariam zonas do interior e, por outro, influenciariam o ambiente interior das divisões que interseitam. Além disso, complementaríamos a casa.

No canto inferior esquerdo, a imagem exemplifica os dois tipos de vãos que a casa possui. Os azuis representam as janelas, posicionadas de acordo com a orientação do volume, em que na parede mais alta há um vão de 2x2 metros e na parede mais baixa, um vão de 1x1 metro. Já os cor-de-rosa, representam o resultado da interseção entre cada volume.



casa 7+x
referência

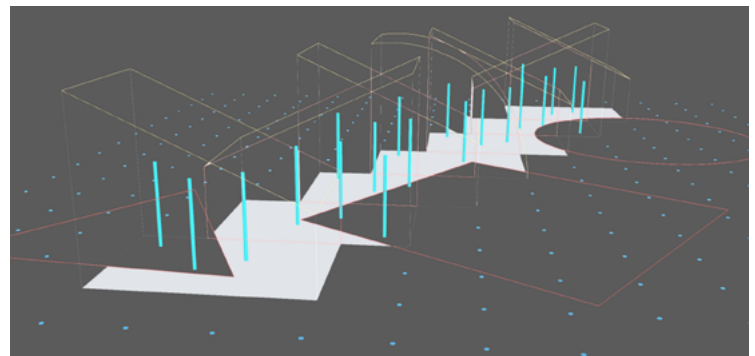
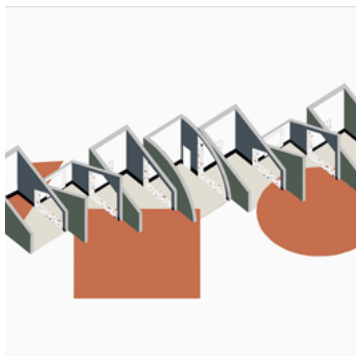
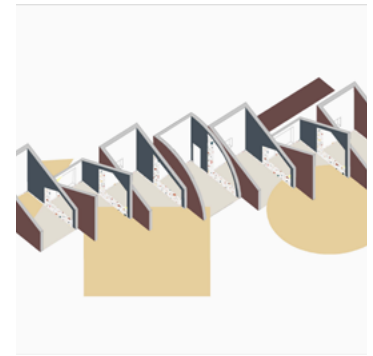
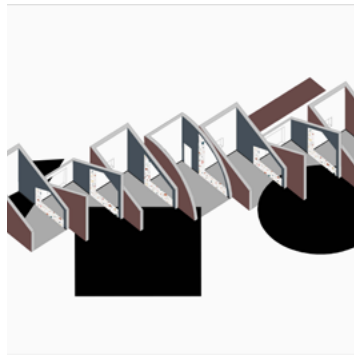
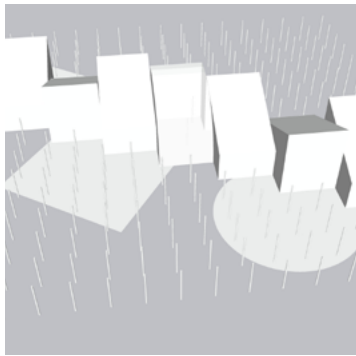
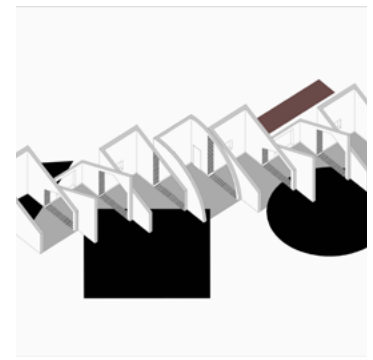
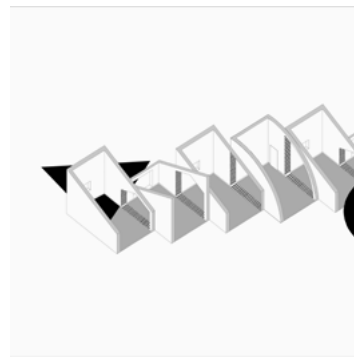
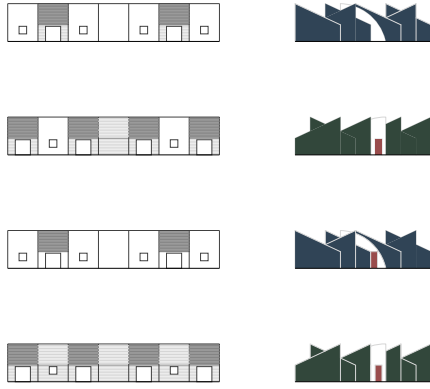
2008
Junya Ishigami kanagawa
institute of technology workshop

O instituto de Junya Ishigami kanagawa é um prisma quadrangular composto por uma leve e elegante estrutura metálica. São 305 colunas de vários tamanhos que sustentam o telhado, mas sua cor branca mantém o foco no espaço e na vista, não na estrutura. O vidro do chão ao teto faz o edifício em plano aberto preservar a sensação de transparência do edifício, pois o olho do espectador pode disparar diretamente pelo espaço ininterrupto. As colunas, embora aparentemente aleatórias, foram colocadas especificamente para criar a sensação de espaços definidos, mas a sua qualidade não restritiva fornece um layout flexível para corresponder às necessidades de mudança dos alunos.



casa 7+x
referência

O interior da loja Kindo visa complementar a experiência para adultos e crianças, criando um espaço dinâmico onde cada um dos atributos do labirinto de contas é utilizado para a exposição dos produtos. Os tubos funcionam como expositores de roupas e as missangas são usadas para exibir uma variedade de acessórios. O interior cumpre a sua função de espaço único que complementa na perfeição o estilo da marca.



casa 7+x

66 / 120

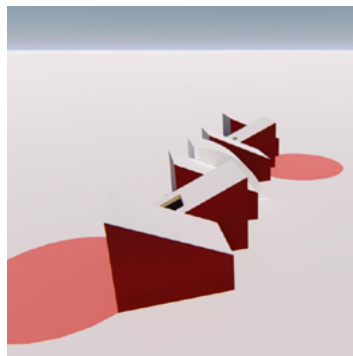
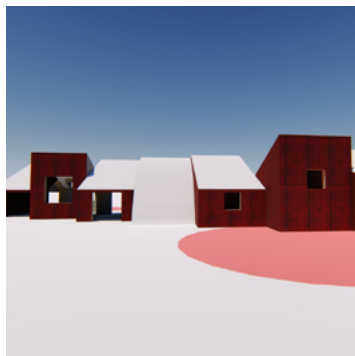
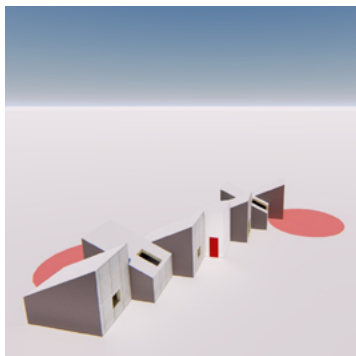
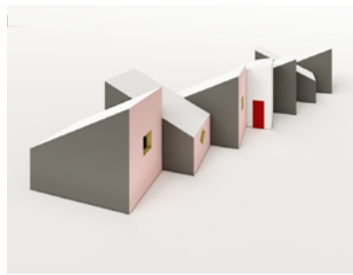
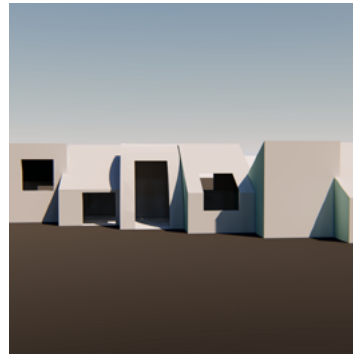
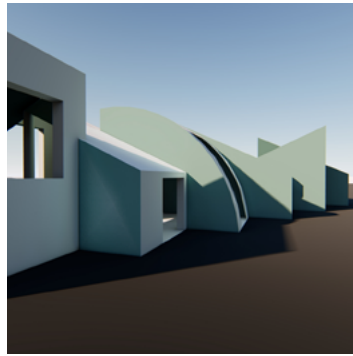
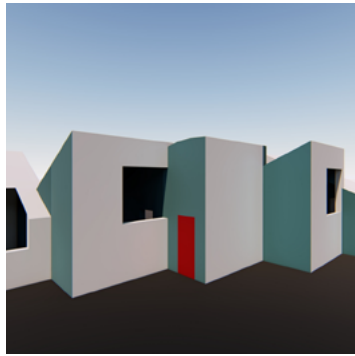
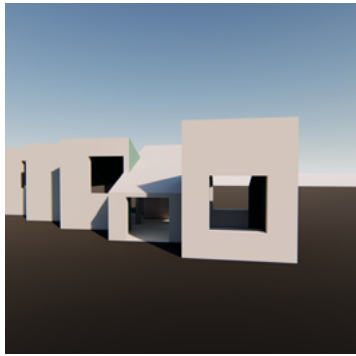
1/1000

axonometrias com materialidade

imagens tridimensionais e wireframe

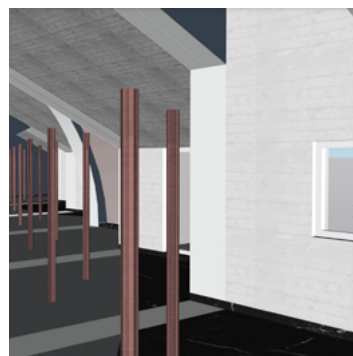
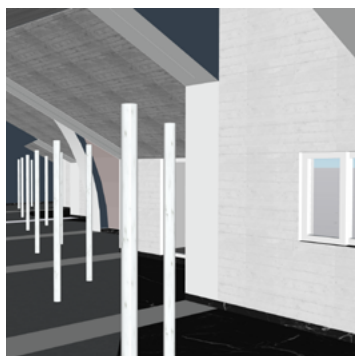
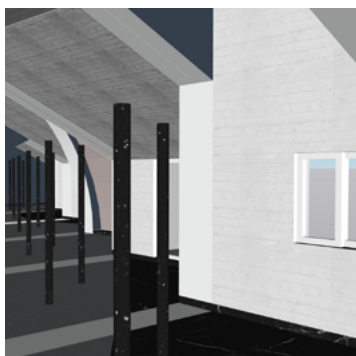
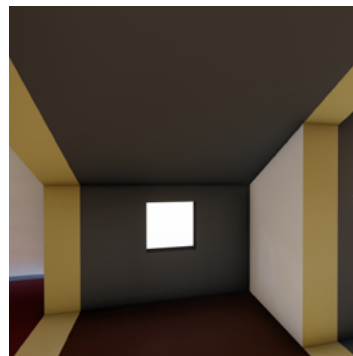
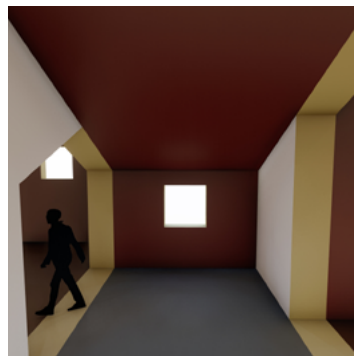
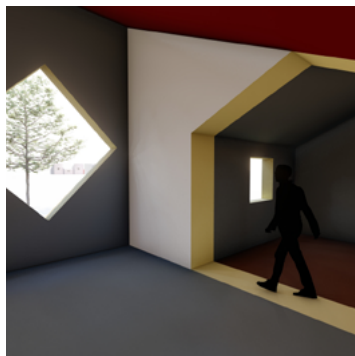
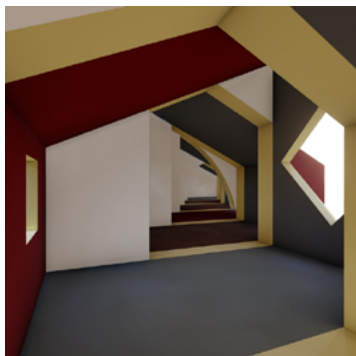
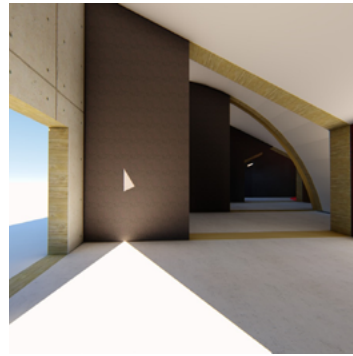
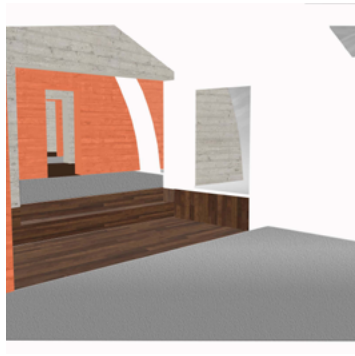
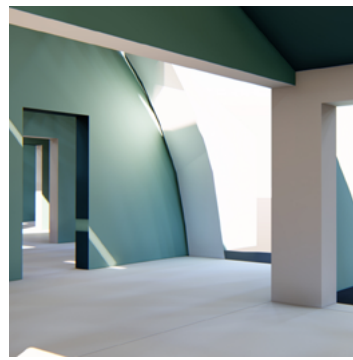
Nas diferentes imagens de axonometria, delibera-se sobre a escolha das cores adequadas para as diferentes fachadas, pavimentos e vãos no interior. Compreende-se que estes vãos interiores têm de ser marcados distintamente de forma a destacarem-se, pois são elementos que fazem a transição entre as diferentes divisões.

Com os casos de estudos anteriores, surgiu a ideia de desenhar um objeto que se relacionasse com os espaços, lhes desse privacidade, e onde se situassem as questões de ordem funcional, como a iluminação, as tomadas e interruptores, e fosse, ainda, os expositores de arrumação necessária para a própria casa. Posto isso, era necessário perceber de que forma esses espaços interiores funcionariam e de que forma se poderia trazer algum tipo de privacidade para cada espaço. Com essa ideia nasceu uma métrica de 2X2 m onde se criaram pilares metálicos. As várias imagens explicam de que forma esses pilares se poderiam repetir. Concluiu-se que no exterior da casa essa métrica seria marcada por uma diferenciação de material e no interior resultariam os pilares de 2m, que ao estarem ligados se criaria uma estrutura onde pudessem andar painéis/cortinas que diferenciariam e separariam os espaços entre si.



casa 7+x
imagens tridimensionais do exterior

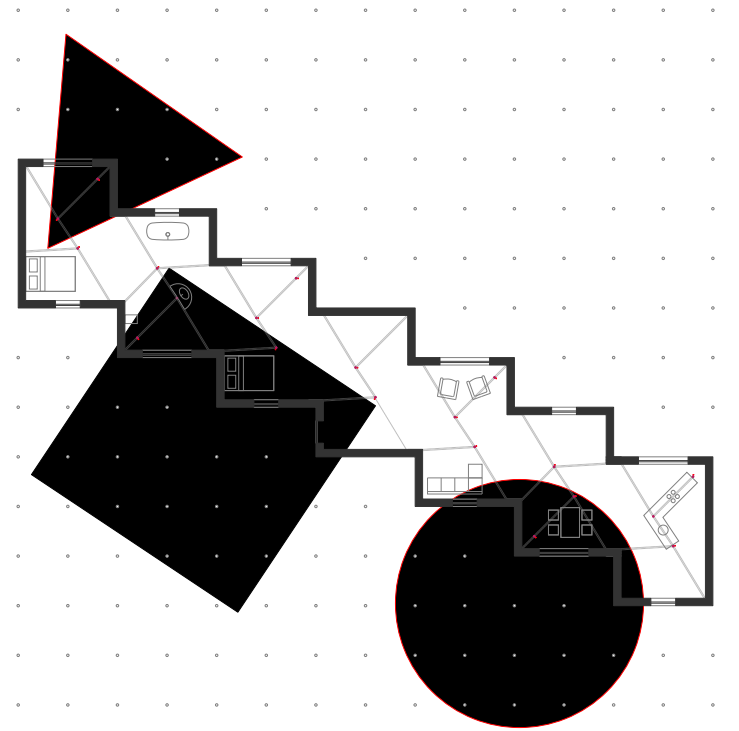
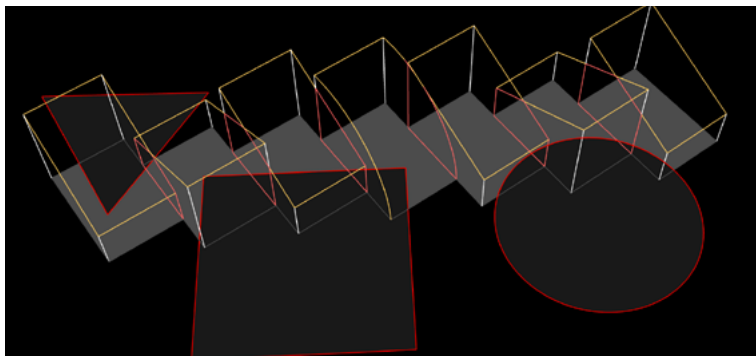
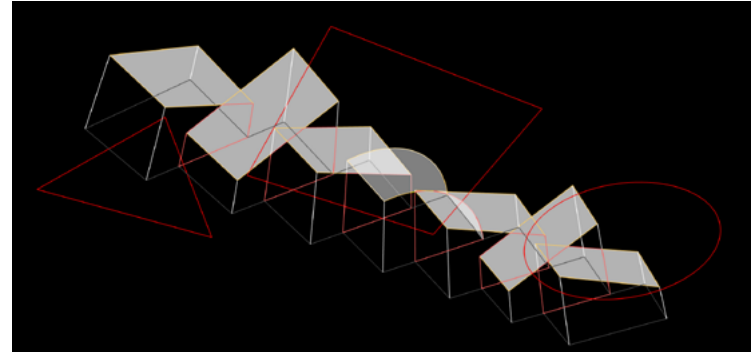
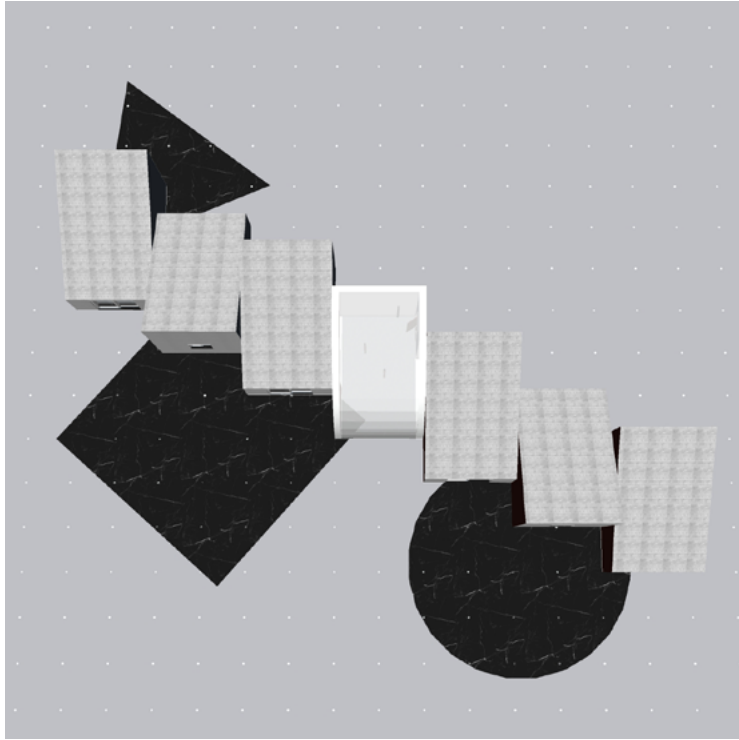
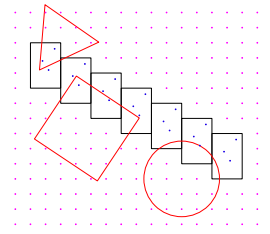
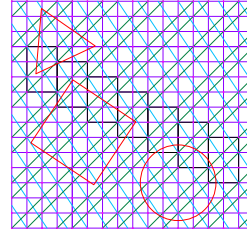
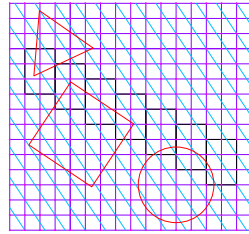
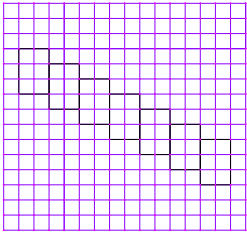
Nas diferentes imagens observa-se a evolução do estudo da materialidade e da cor do projeto, e como as diferentes fachadas se relacionam. De forma sucinta, estas imagens mostram a evolução do projeto tanto a nível de cor, da materialidade, dos vãos, dos pavimentos e dos exteriores como a relação que existe entre as várias fachadas. Inicialmente, no projeto, toda a face exterior era da mesma cor, realçando a porta vermelha de entrada. Também mostram a diferença dos quatro alçados que se relacionam pelos tons branco, rosa e vermelho, e onde é visível a janela em losango que seria a exceção de um dos alçados laterais. Por fim, utiliza-se uma fachada em betão à vista, uma fachada em betão à vista pigmentado e os outros elementos a branco. Já os pavimentos exteriores que entram pela casa relacionam o exterior com o interior.



casa 7+x
imagens tridimensionais do interior

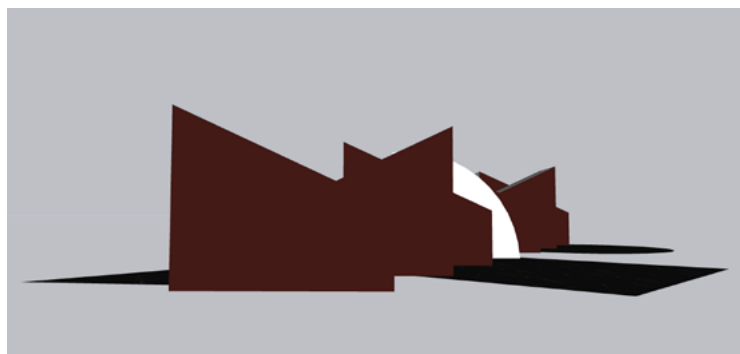
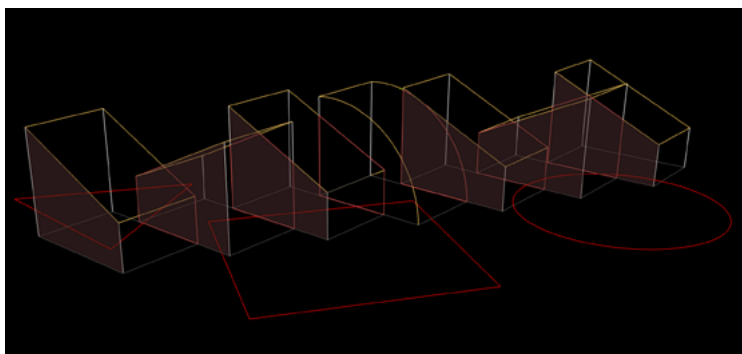
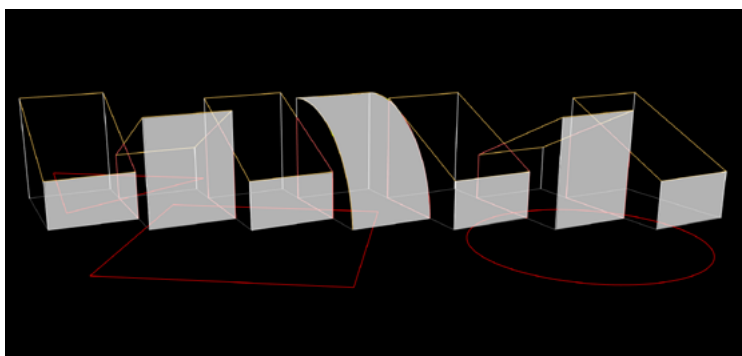
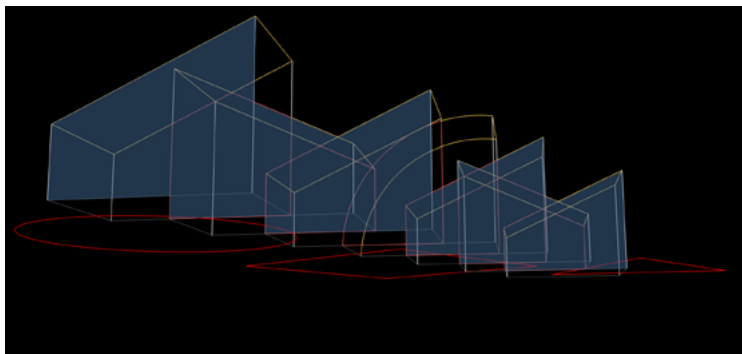
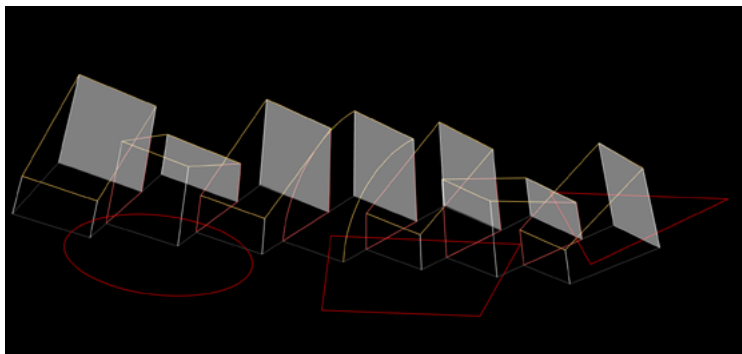
As alterações que se podem ver no exterior acontecem também no interior. Inicialmente tentou entender-se de que forma a cor influenciaria os espaços, mas, à medida que se mudavam os materiais e cores no exterior, essas modificações refletiam-se também no interior. Reparou-se então que as paredes eram sempre da mesma cor ou material quando perspetivadas do mesmo ângulo, devendo-se ao facto de cada alçado ter uma cor/materialidade diferente e, por sua vez, repetir-se no interior. Nas últimas imagens, pretende-se conseguir a cor adequada de forma que esta estrutura interior se releve em relação à escolha de materiais e cores já feitas para o resto da casa.

No final aritmético do semestre, consolidou-se um objecto. Uma "casa", um "projecto", uma "ideia". Em limite, um protótipo de qualquer coisa que podia ser real, ainda que nunca tenha sido esse o objectivo. Os projectos foram apresentados em dois momentos a dois júris, um da academia e outro da prática; cada aluno, que agora era também autor, levou consigo o que bem entendeu.



casa 7+x
1/1000
imagens tridimensionais
imagens em wireframes

Resumindo, há uma métrica de 2x2m que cria os retângulos correspondentes a cada divisão, os três diferentes pavimentos exteriores que entram para o interior, e ainda os pilares que formam o objeto interior. É este último elemento que dá todo o ambiente à casa e divide os espaços entre si. Definido que a casa é composta por 7 volumes base, cada um corresponde a uma divisão, hall de entrada, cozinha, sala de jantar, sala de estar, dois quartos, e casa de banho, que, em conjunto, funcionam como "open space".



casa 7+x

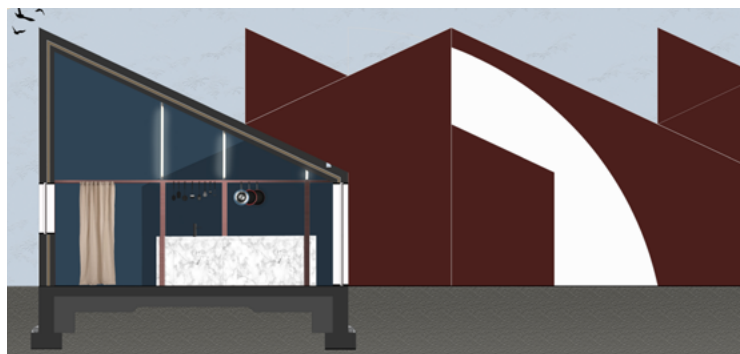
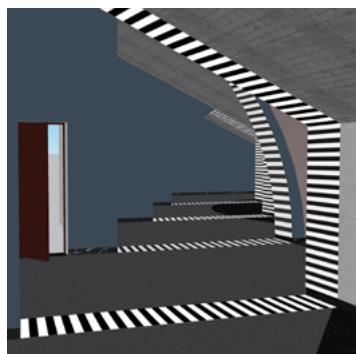
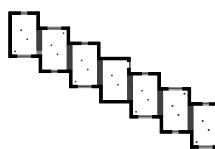
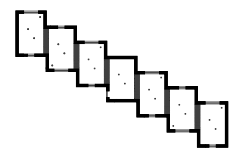
imagens em wireframe

imagens tridimensionais dos quatro

alçados

71/120

Cada alçado tem uma cor correspondente, reforçando a ideia de ser apenas um volume, diferenciando-se apenas o elemento central pela forma, cor e materialidade, sendo que é também o único com uma designação imposta, hall de entrada. Os volumes são todos em betão, sendo que na cobertura este material é aparente, num dos alçados é apenas pintado de branco e nos restantes o betão é rebocado nas diferentes cores, azul, bordeaux e branco. O pavimento interior é também em betão, ainda que seja utilizado de forma diferente, e os três pavimentos exteriores são em mármore preto.



casa 7+x

1/1000

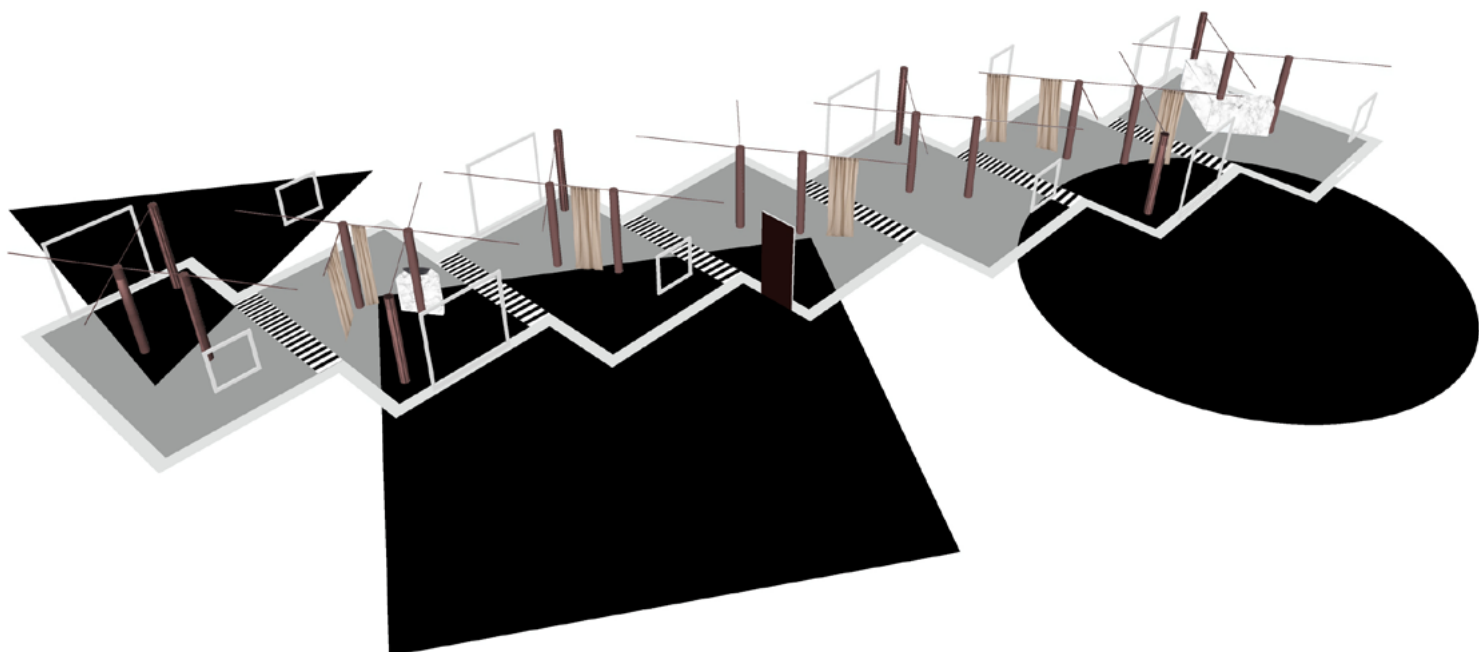
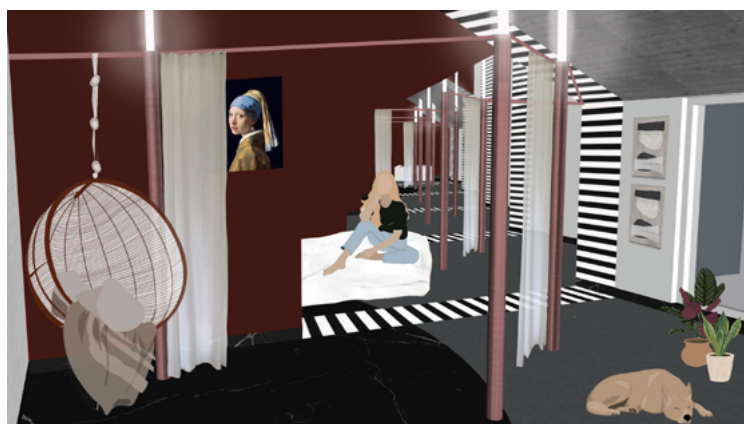
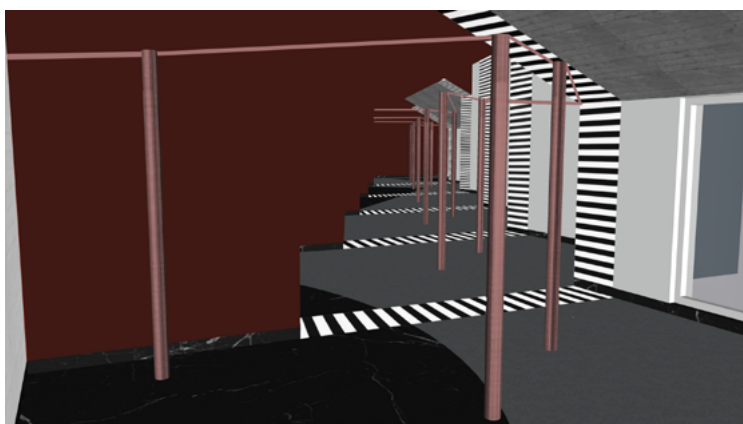
1/2000

imagem tridimensional do interior

cortes construtivos

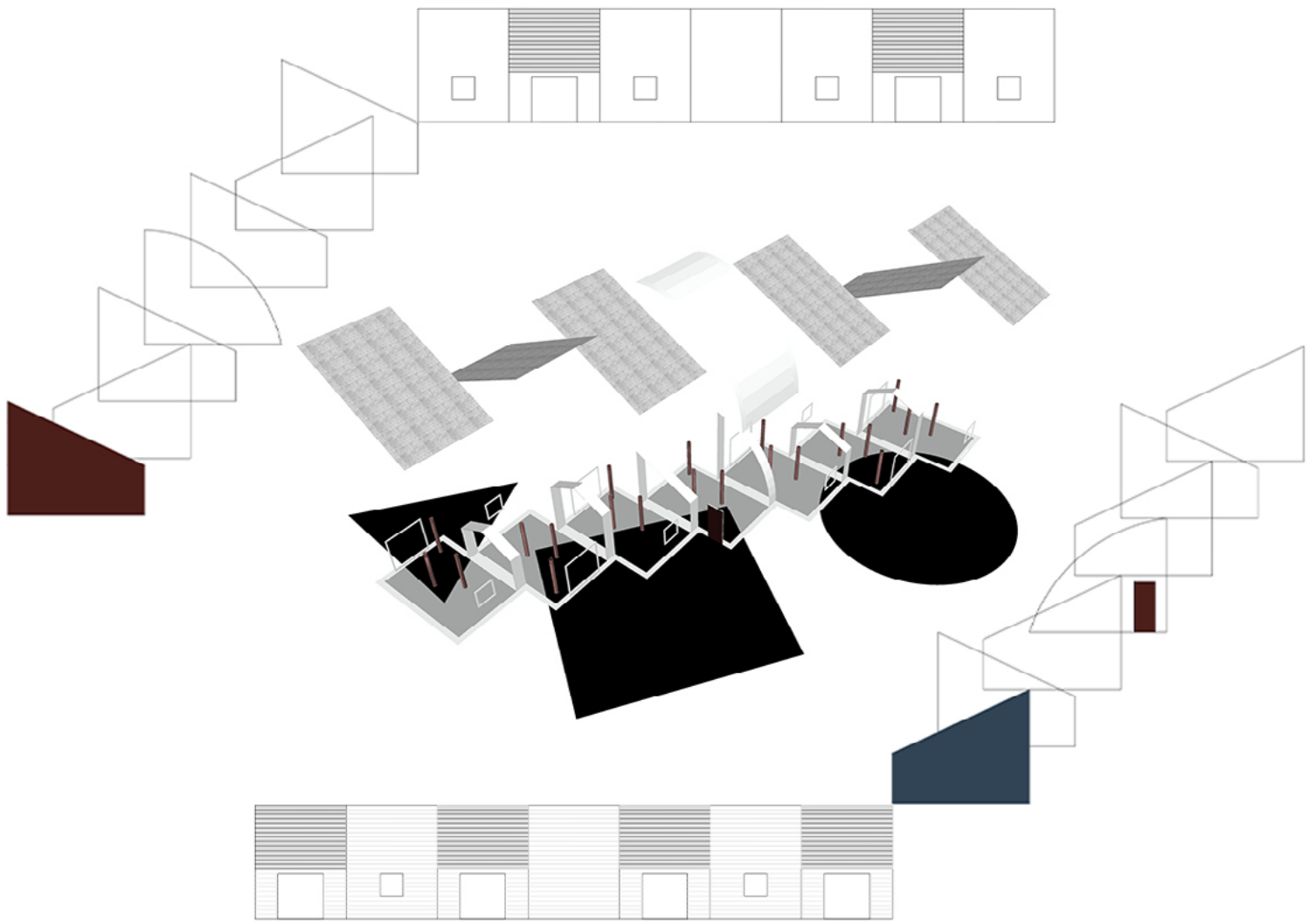
72 / 120

Nos alçados, é possível distinguir a diferente materialidade ou cor, e nos cortes o funcionamento de um único volume ou a ligação entre eles. No interior, a percepção dos diferentes espaços é marcada pelos vãos que as interseções dos volumes criam, sendo que a escolha do mármore preto e branco enfatiza ainda mais esta separação. Através da imagem tridimensional do espaço interior é perceptível esta ideia de open space em que todas as divisões comunicam entre si ao mesmo tempo que é feita a marcação de cada divisão através dos tais vãos interiores.



casa 7+x
imagens tridimensionais interiores

Com a inserção desse elemento final, obtém-se a iluminação dentro da casa, assim como outros elementos de questão funcional, enquanto se criam espaços mais privados nas diversas divisões. É possível, então, apreender o ambiente que se cria no interior quando se adiciona todas as componentes que constituem a casa assim como elementos de decoração ou de escala humana.

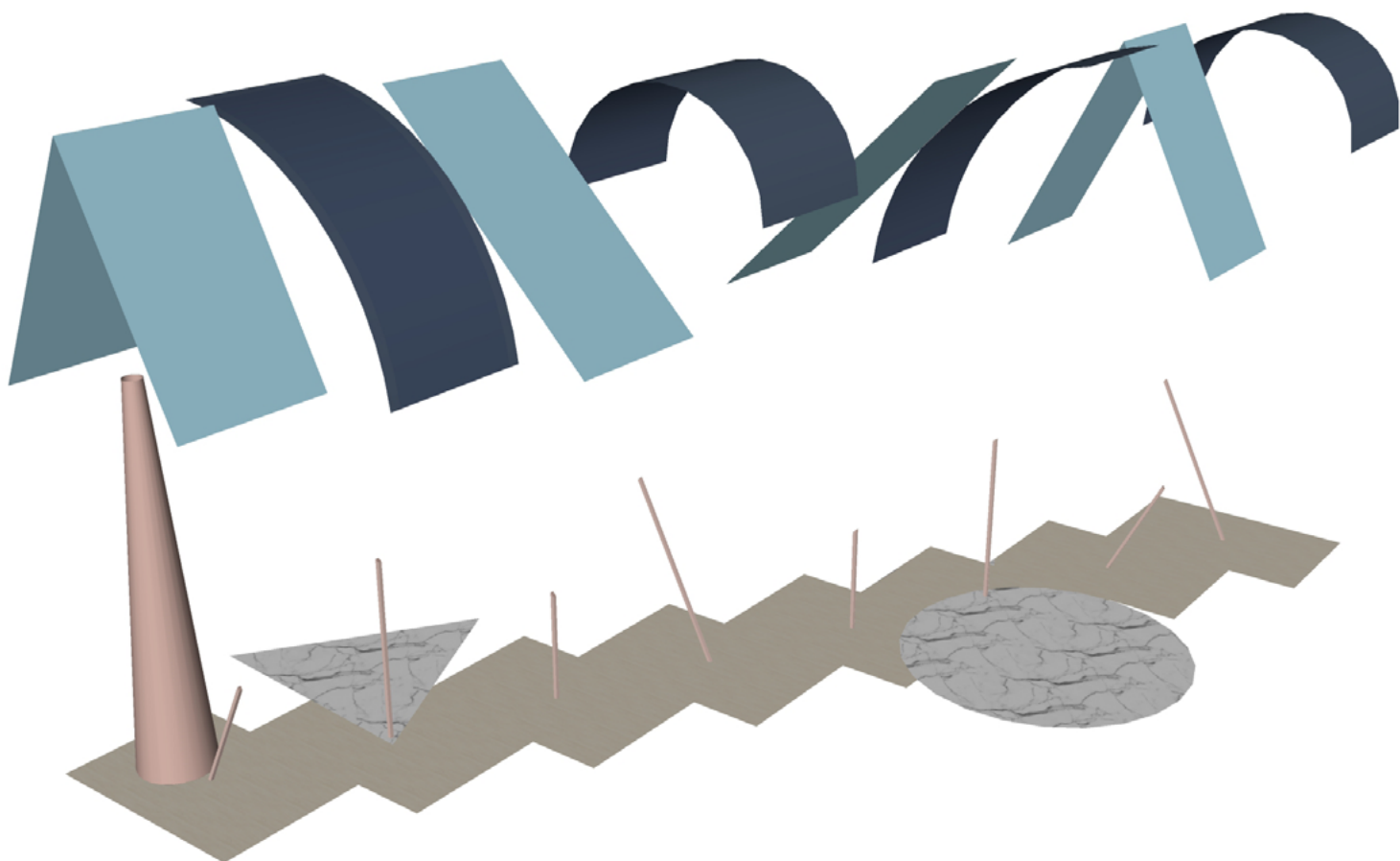


casa 7+x
axonometria explodida

Esta imagem final mostra como todos os elementos anteriormente estudados e deliberados funcionam em conjunto, desde a ligação entre pavimentos, a inserção de um objeto interior que traz privacidade, os vários alçados que compõem a casa até às diferentes materialidades e cores utilizadas para marcar momentos e funcionalidades.

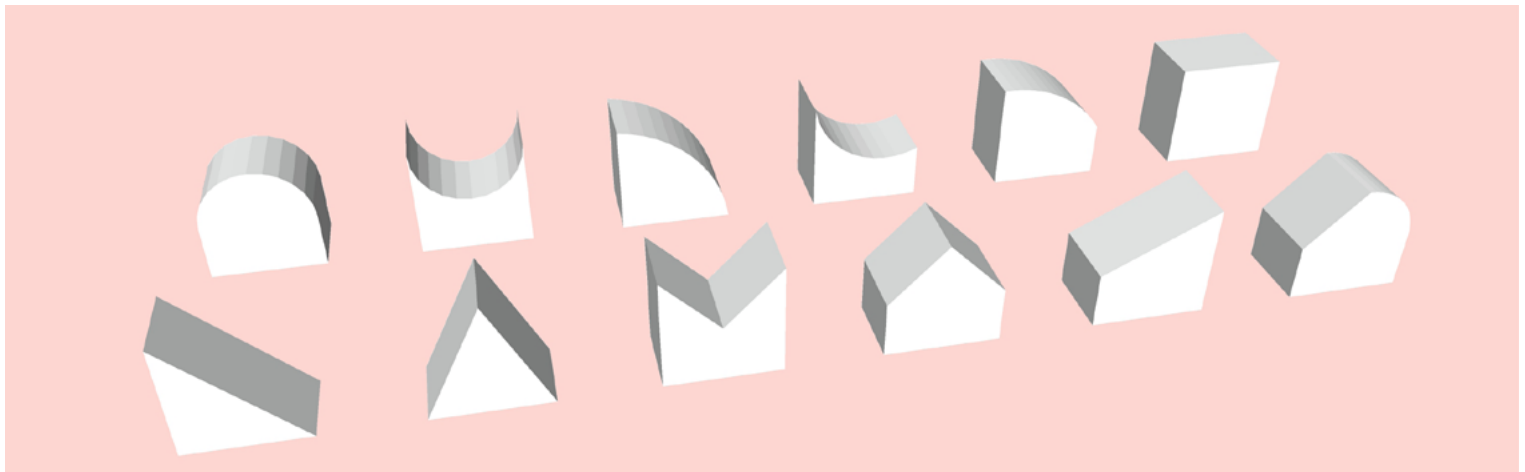
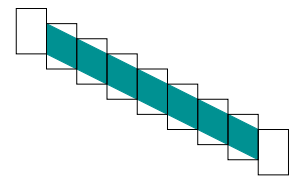
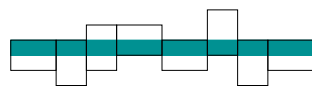
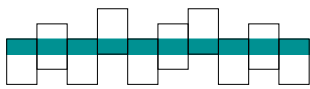
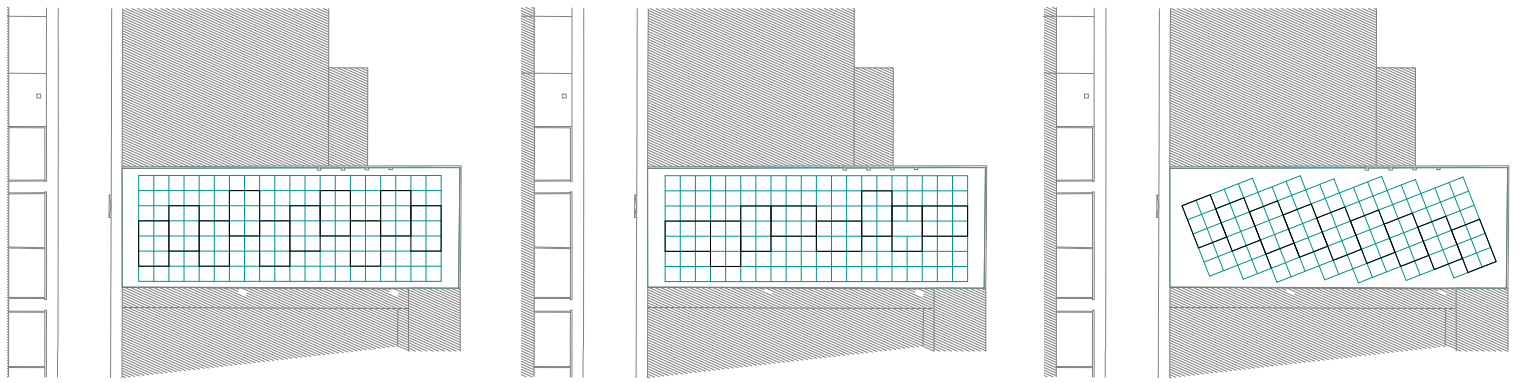
Como exercício final, foi proposta uma última troca de terreno e dada liberdade total, numa quase ausência de crítica, para que cada um produzisse o seu projecto final. Talvez esse objecto, e este capítulo, seja o único que responde efectivamente ao enunciado do PFA, sendo tudo o resto que o antecedeu apenas processo.

Adolf Loos escreveu, em 1910, que “a casa deve agradar a todos, ao contrário da obra de arte, que não tem que agradar a ninguém sendo a obra de arte um assunto privado para o artista e a casa não.” Aos alunos foi pedido o oposto: que, como autores, desenhassem a sua casa como a sua obra de arte, e que apenas a eles a mesma interessasse. Tudo o resto que daí resultasse seria um produto colateral dessa atitude.



casa 7+x
axonometria explodida

Versatilidade é a palavra que marca este projeto. Ainda que nenhuma divisão seja definida, todas elas o podem ser. Os oitos volumes, que podem ter qualquer definição, diferem apenas na forma como assenta a cobertura. São estas mesmas coberturas que viabilizam a definição de cada espaço já que o pavimento é igual em toda a casa, causando a sensação de ser um só. Esta habitação não tem porta de entrada, nem tem divisão de hall de entrada definida numa determinada zona. Por isso, existem oito possibilidades de entrar na casa. Porém, dessas oito hipóteses, a transição do exterior para o interior ocorre de duas formas díspares: uma, de forma mais ténue pelo pavimento exteriores em mármore, e outra, diretamente do exterior para o pavimento interior, em madeira. Quanto aos elementos arquitetónicos, os pilares e a chaminé têm uma função. O primeiro marca o centro de cada divisão, já o segundo encontra-se sempre no primeiro volume para marcar o início da sequência volumétrica.

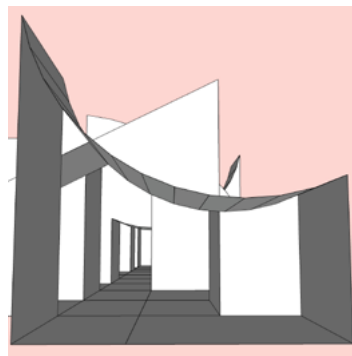
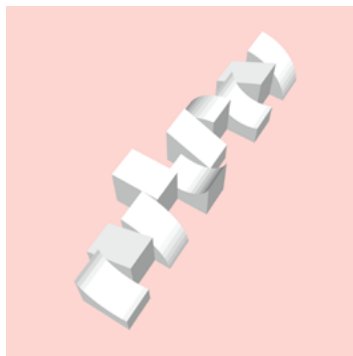
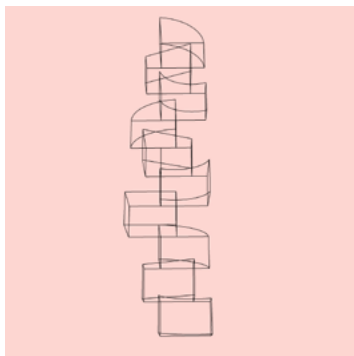
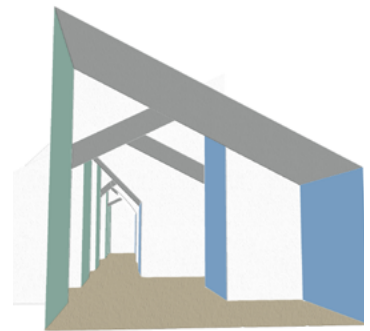
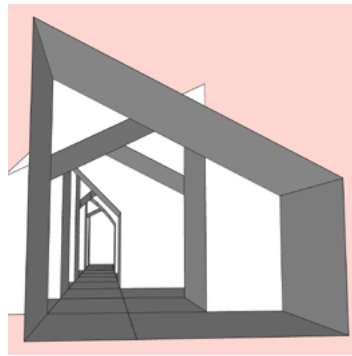
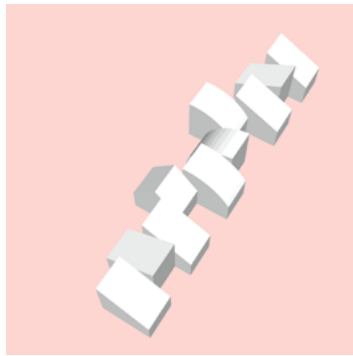
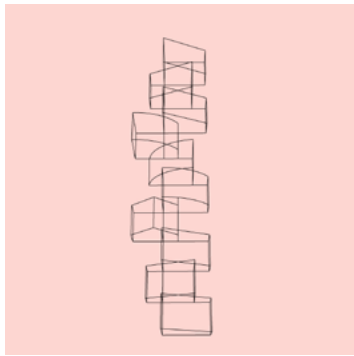
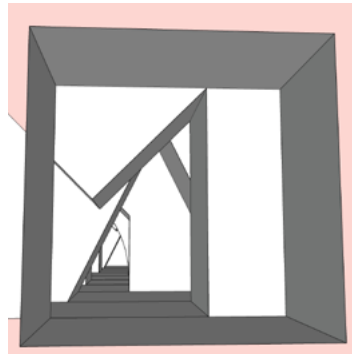
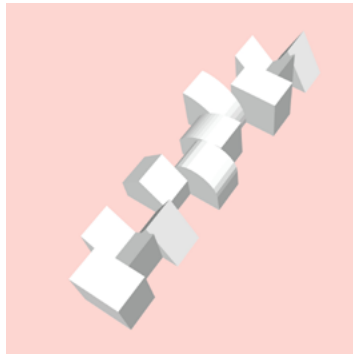
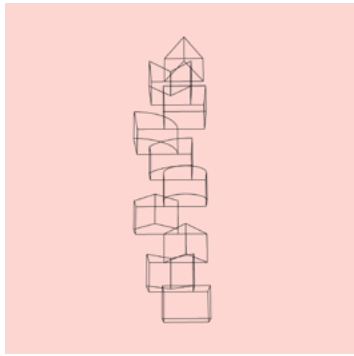


casa 7+x
 1/1000
 imagem tridimensional

Após uma nova proposta de alteração de terreno, emergiram alguns dilemas: dar continuidade ao projeto? Alterar o conceito do projeto? Ou manter o conceito do projeto e alcançar a sua viabilização?

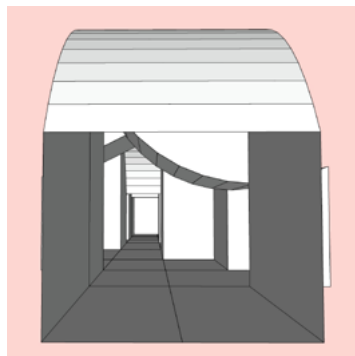
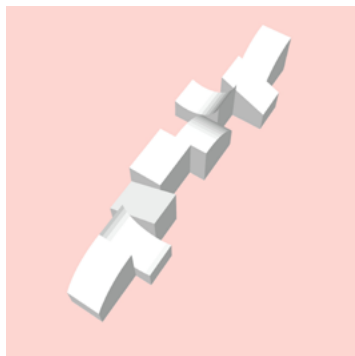
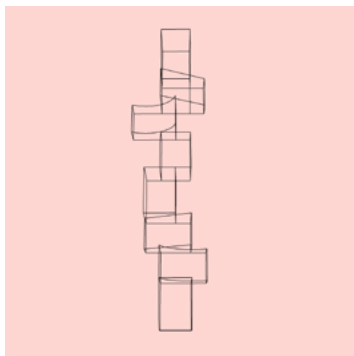
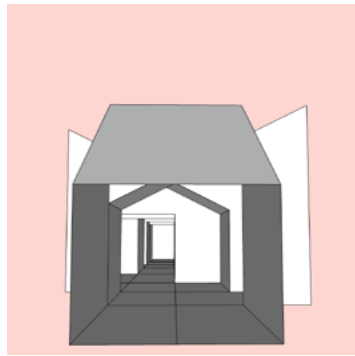
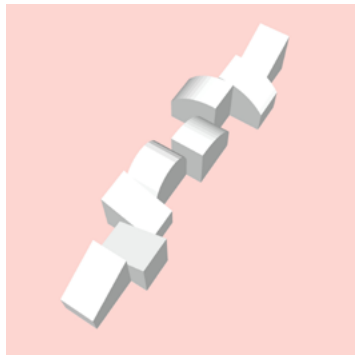
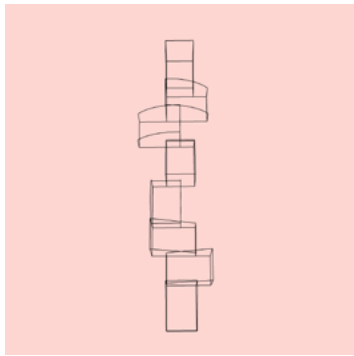
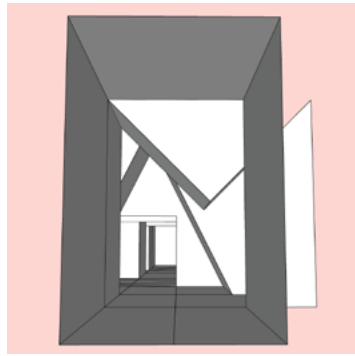
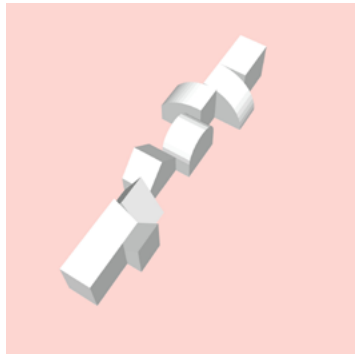
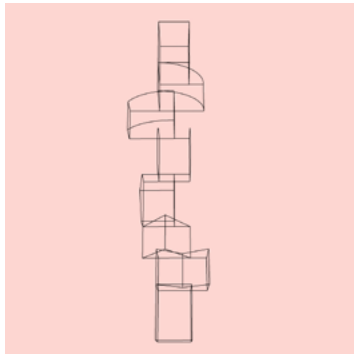
Nestes desenhos, procura-se demonstrar a melhor implantação para o projeto mantendo a métrica e a área dos volumes com a objetivo de manter igualmente a ideia de open space. Apresentam-se três possíveis reorganizações dos retângulos, variando na sua orientação e no desalinhamento existente. Nas duas primeiras reorganizações dos retângulos, estes, em conjunto, geraram um corredor, não cumprindo a ideia open space. Além disso, estudaram-se as várias possibilidades para a volumetria e as possíveis coberturas para um volume.

Dando continuidade ao processo, estudaram-se os diferentes tipos de volumetria e cobertura possíveis para um volume que, combinado com as três formas de implantação anteriores, originaram diferentes resultados. O objetivo era perceber as relações espaciais resultantes dessas combinações.



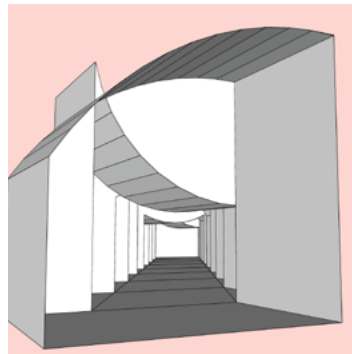
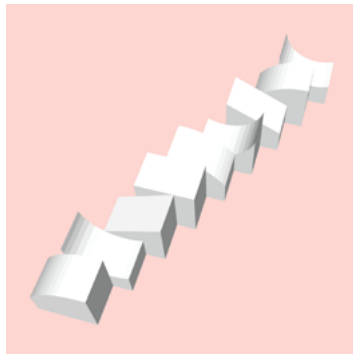
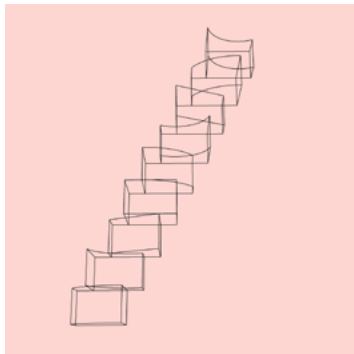
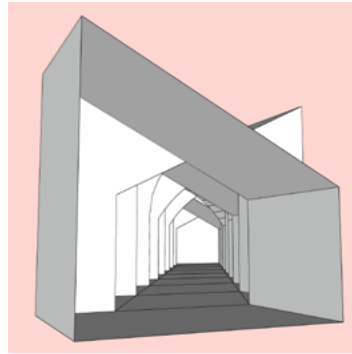
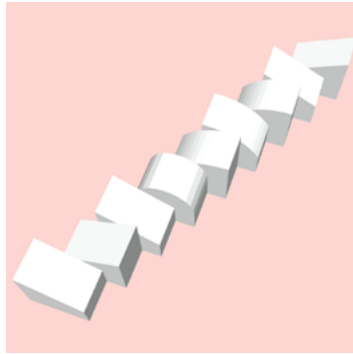
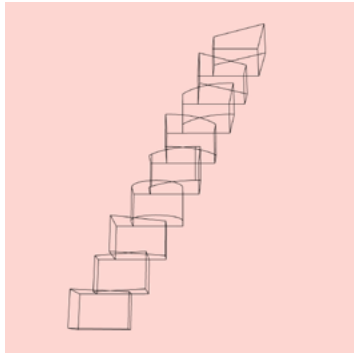
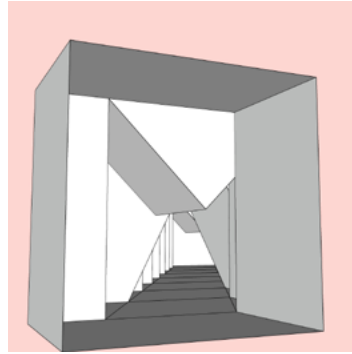
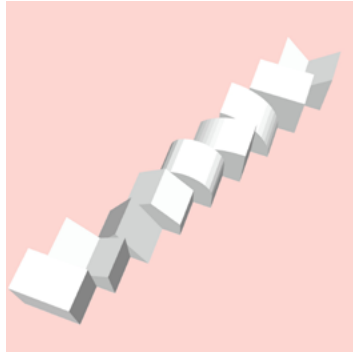
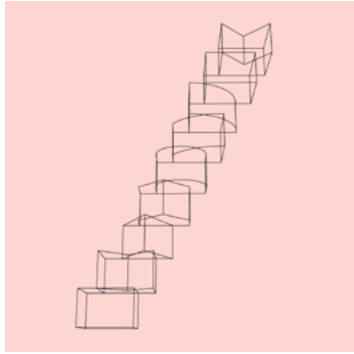
casa 7+x
imagens tridimensionais

Com o objetivo de mostrar que apenas a terceira implantação seguia o objetivo de ter um espaço open space, fizeram-se várias experimentações. Deste modo, ainda que de forma aleatória, sem regra, fez-se a junção dos 12 sólidos identificados acima na sequência da primeira implantação. As diferentes imagens mostraram os estudos destes conjuntos em linha, em volume e em interior, observando-se que, independentemente da forma dos volumes, resulta sempre um espaço de passagem que se assemelha a um corredor, mesmo que se introduzam cores que diferenciem as paredes, como se exemplifica na imagem isolada à direita.



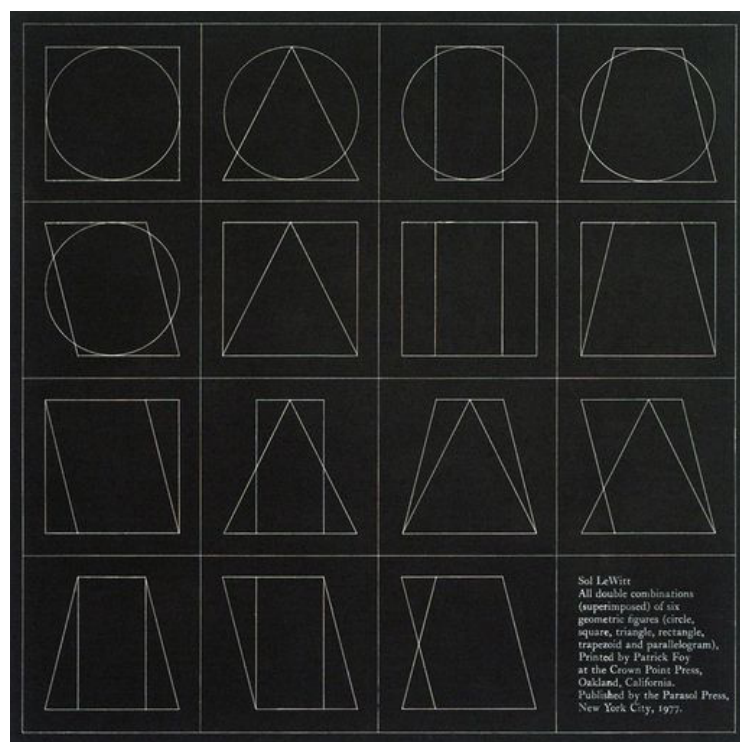
casa 7+x
imagens tridimensionais

Aplicando a segunda hipótese de implantação, alguns dos volumes dispõem-se de forma mais alongada em perpendicular à orientação da implantação, como se demonstra nas imagens. Desta forma, a questão do corredor não é tão evidente, como no exemplo anterior, mas não deixa de haver um espaço que se força a ser espaço de passagem. Novamente aplicou-se a cor para diferenciar os vários alçados interiores para comprovar o que se afirmou acima.



casa 7+x
imagens tridimensionais

Já nesta última hipótese de implantação, e ainda que escolhidos os volumes aleatoriamente, é quase impossível distinguir o espaço de passagem do espaço vivenciado, correspondendo assim ao objetivo de ter um open space em que todas as divisões comunicam entre si. Assim, toda a casa é área de passagem e toda a casa é área vivenciada. A imagem interior a cores, em que se observa a escala humana, evidencia ainda mais esta questão. Ficou selecionada a implantação da versão de projeto anterior, que funcionou com retângulos de 6x4 metros com um desalinhamento de 2 metros por cada retângulo.

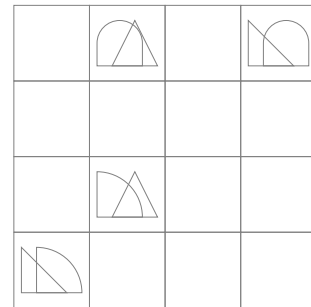
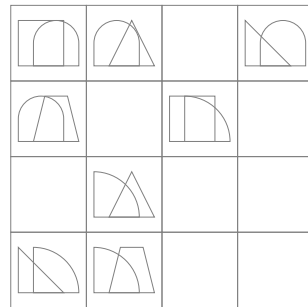
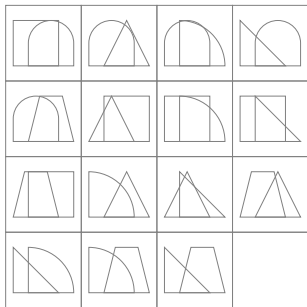
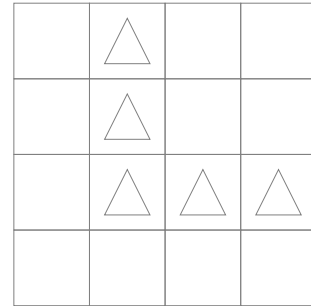
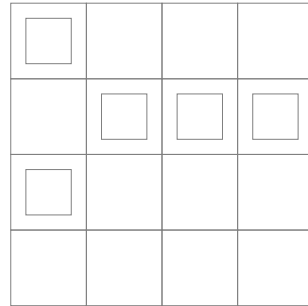
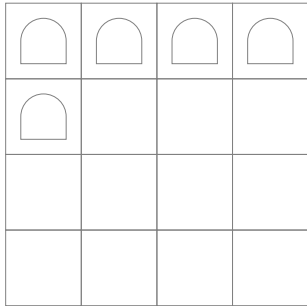
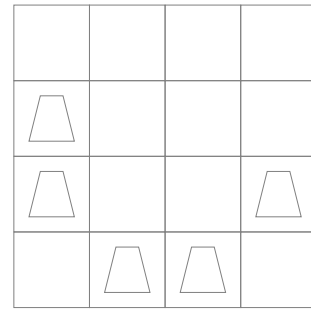
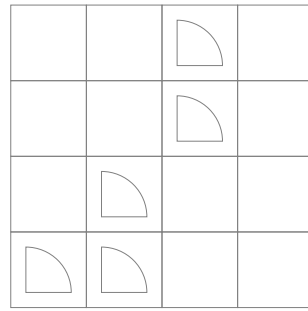
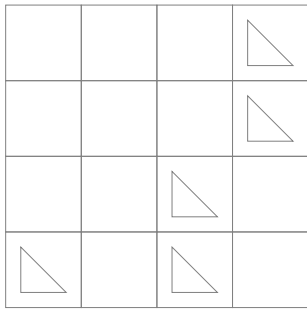


casa 7+x
referência

82 / 120

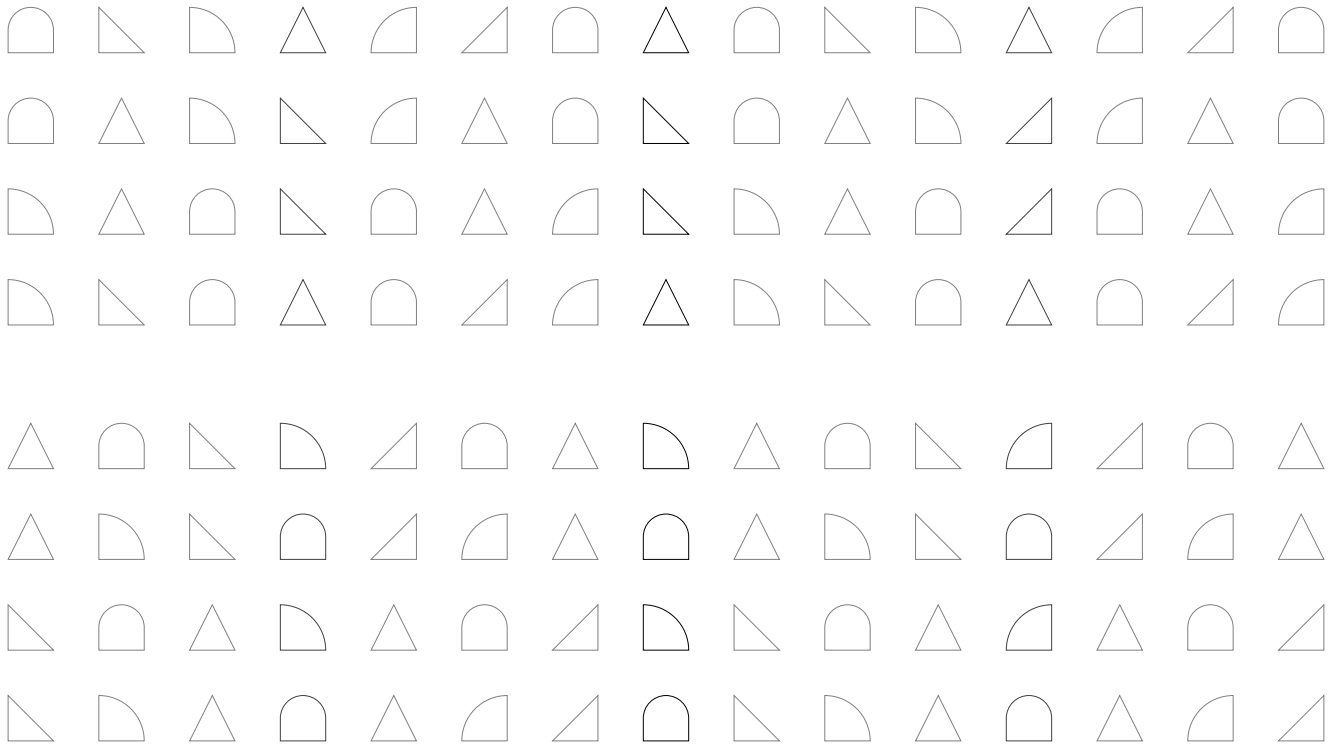
1977
sol leWitt
all double combinations of six
geometric figures

O quadro de Sol Lewitt consiste na combinação de seis formas geométricas, o círculo, o triângulo, o retângulo, o trapézio e o paralelograma.



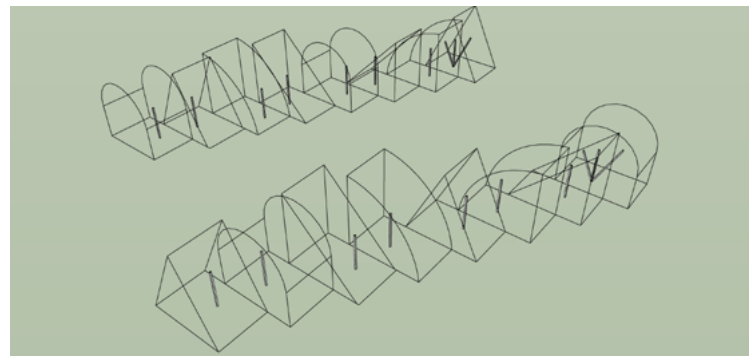
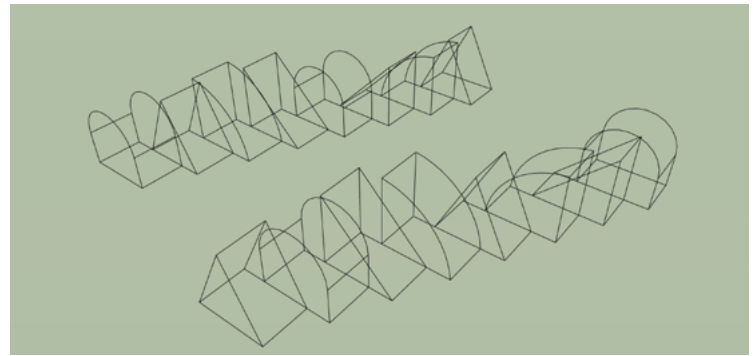
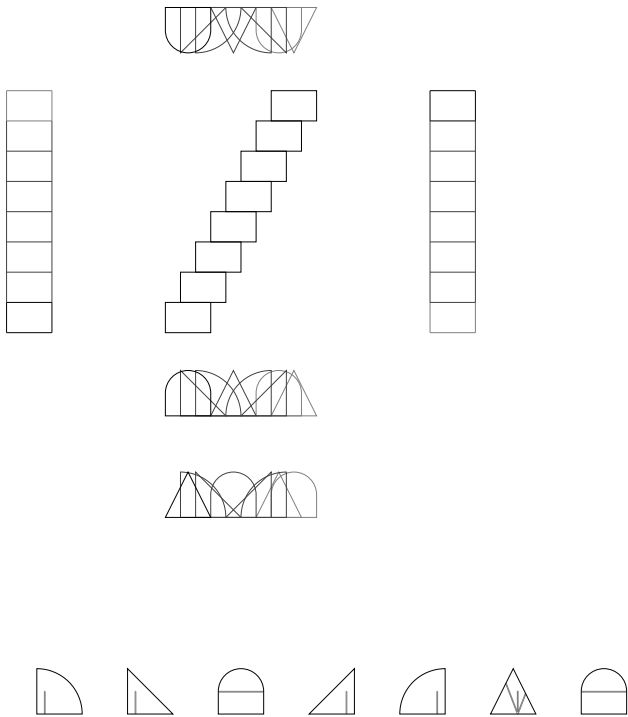
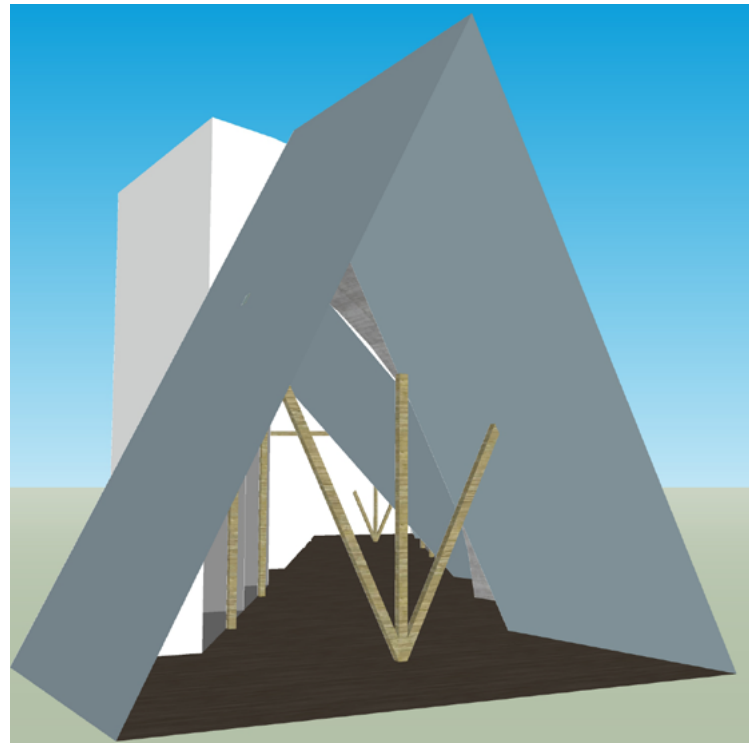
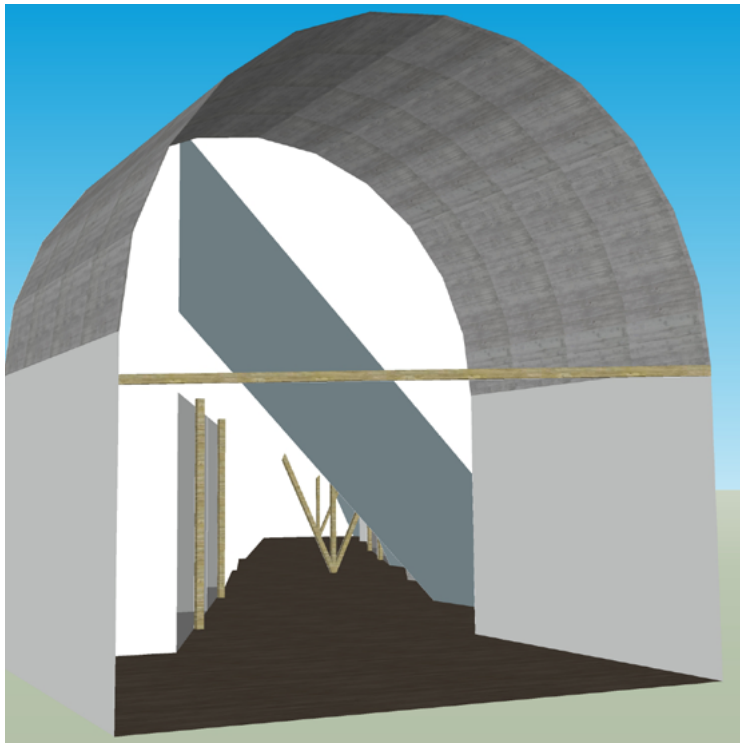
Tal como na obra all double combinations o six geometric figures, de Sol Lewitt, combinaram-se seis formas geométricas que pudessem corresponder à volumetria de um módulo. Duas formas surgiam do círculo, duas seriam triângulos e as últimas duas retilíneas, neste caso, o retângulo e o trapézio. Na combinação destas formas geométricas, em conjunto com o desvio de 2m correspondente ao desvio que cada volume tinha na forma de implantação, observou-se que a conjunção entre a curva e a reta é mais estimulante. E, por isso, escolheu-se juntar as formas triangulares e circulares existentes nas imagens.





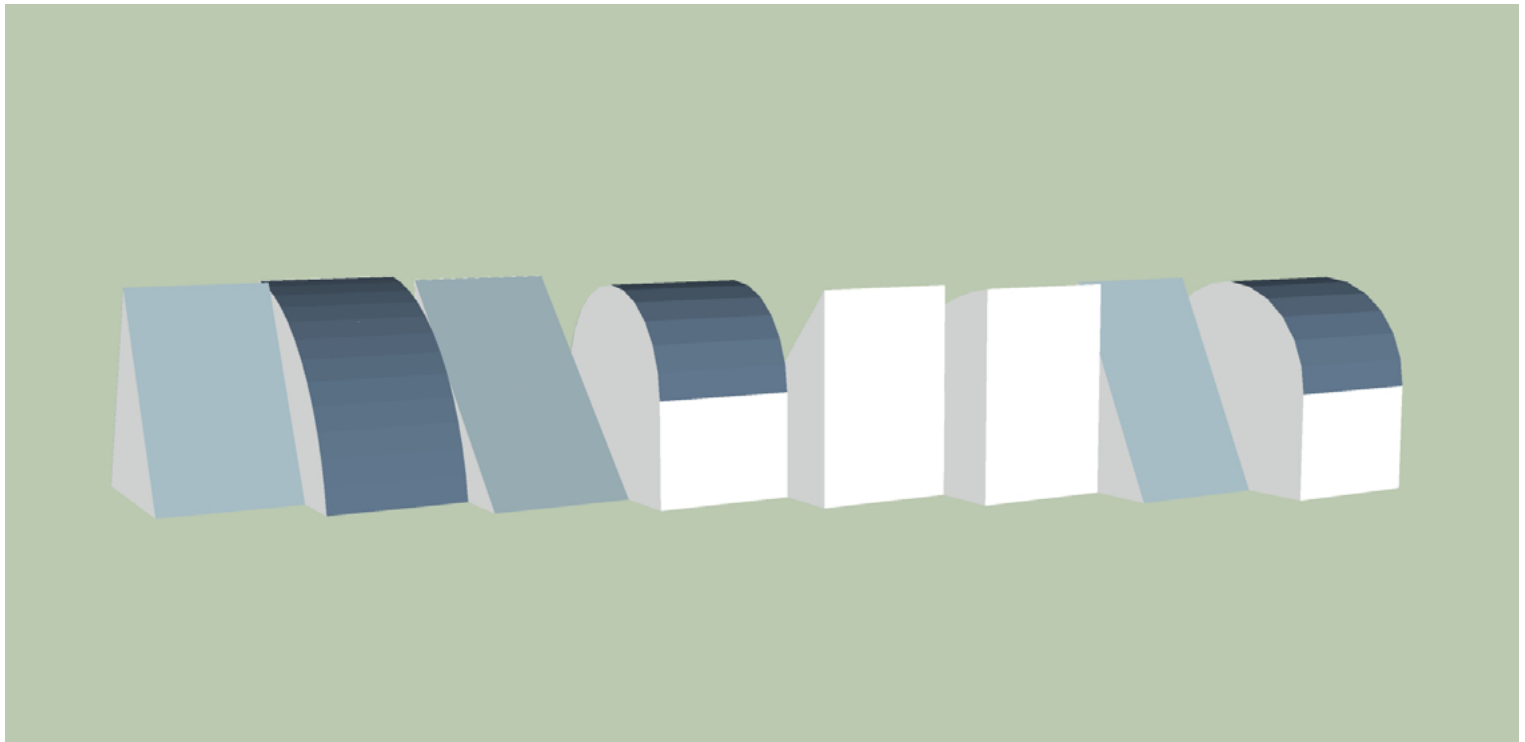
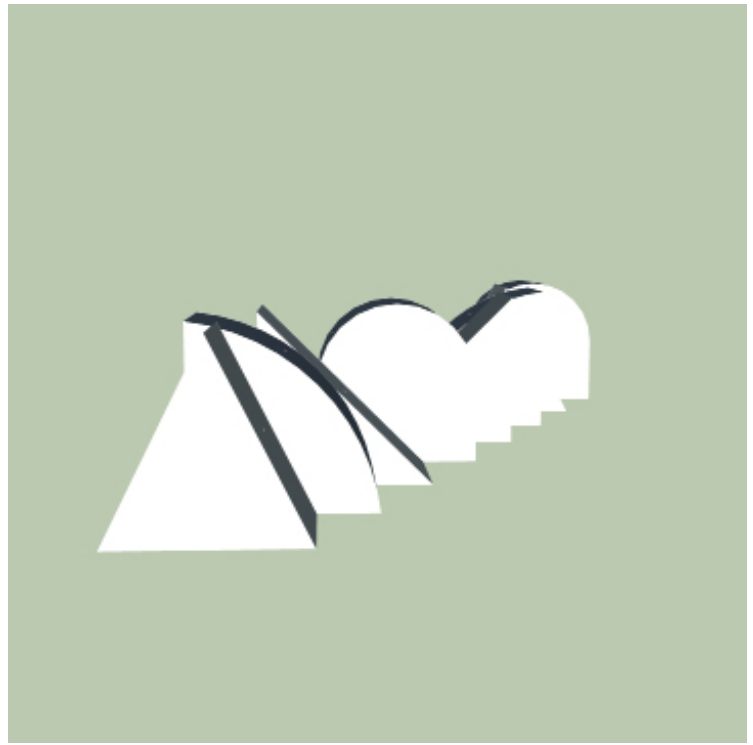
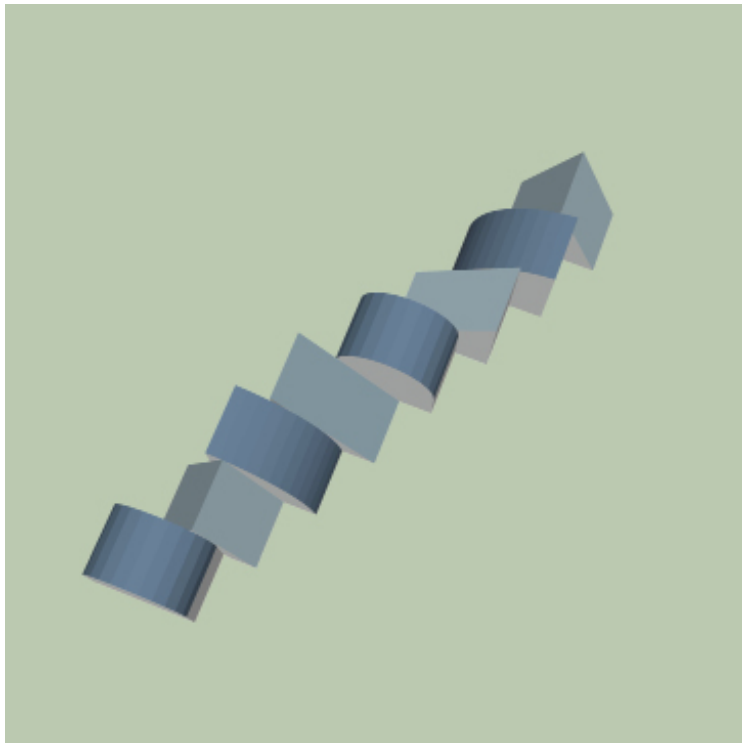
Assim, verificou-se que o quarto elemento tinha de ser o ponto de viragem, ou seja, a quarta figura passava a ser o eixo da simetria, a partir do qual os três elementos seguintes se repetiam. E assim sucessivamente, até ao oitavo elemento em que a simetria se voltaria a repetir.

Como se observou, estas sequências poderiam repetir-se infinitamente sempre dentro desta lógica de simetria, e qualquer uma destas combinações funcionaria para formar a volumetria dos módulos. Tal como se pretendia, a junção destas formas geométricas resultou num volume que, no interior, era percecionado como um só espaço alongado, na medida em que poderia parecer infinito consoante o número de volumes e tendo em conta a área do local onde estaria inserido.



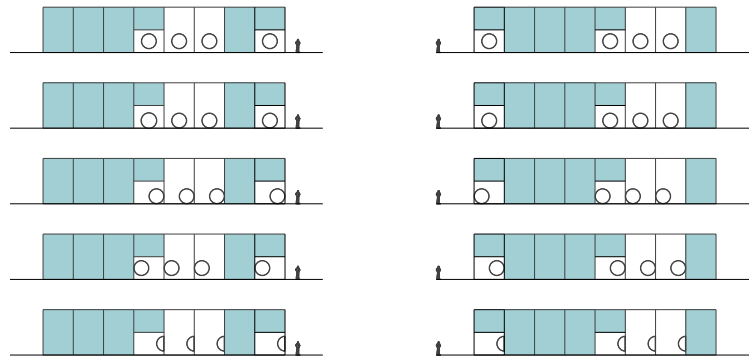
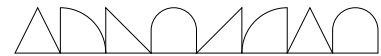
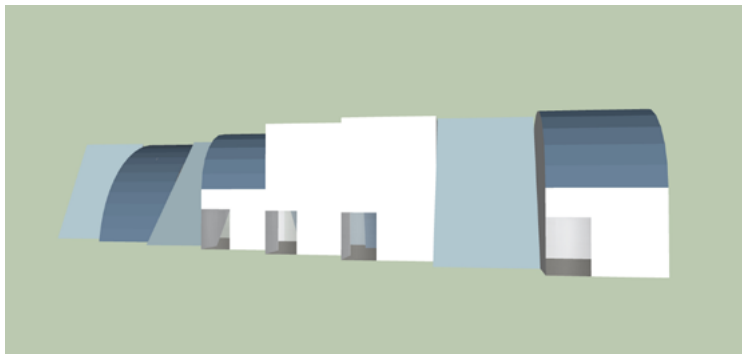
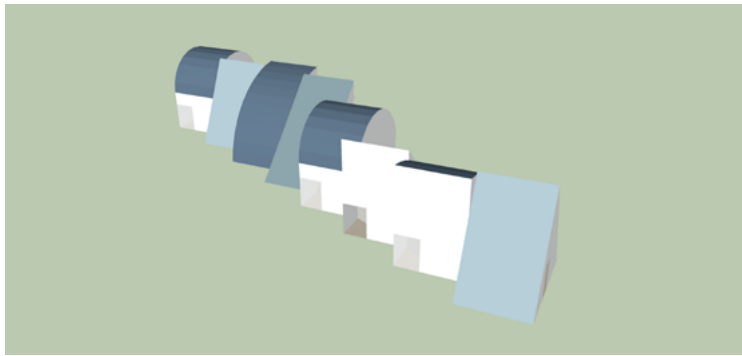
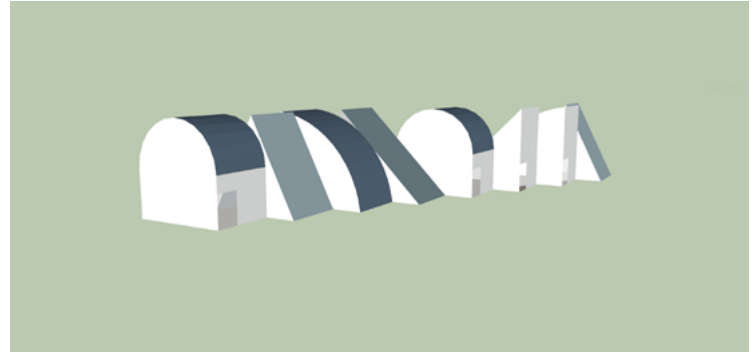
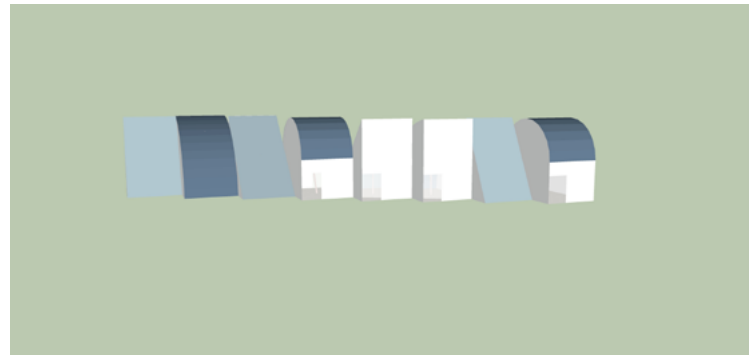
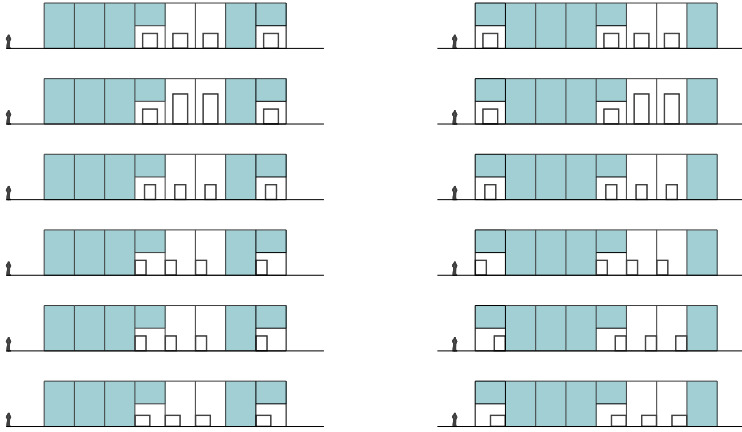
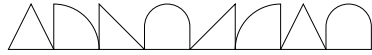
casa 7+x
 1/1000
 imagens tridimensionais
 imagens em wireframe

Apesar de todas as seqüências funcionarem, era imperativo escolher uma que daria continuidade à ideia da casa, optando-se, inicialmente, pelas duas opções cujo primeiro e quarto elementos são simétricos, com o intuito de enfatizar ainda mais esta questão. Assim retomou-se alguns dos temas abordados na versão de projeto anterior, como a materialidade, a cor, a privacidade e os pilares, e fez-se uma primeira versão em que estes conteúdos foram articulados nas duas hipóteses sequenciais escolhidas, mas ainda de forma aleatória. No entanto, levantavam-se questões sobre o contraste entre a curva e a reta, o uso de diferentes cores e materialidades a aplicar e, a forma e quantidade de pilares a empregar.



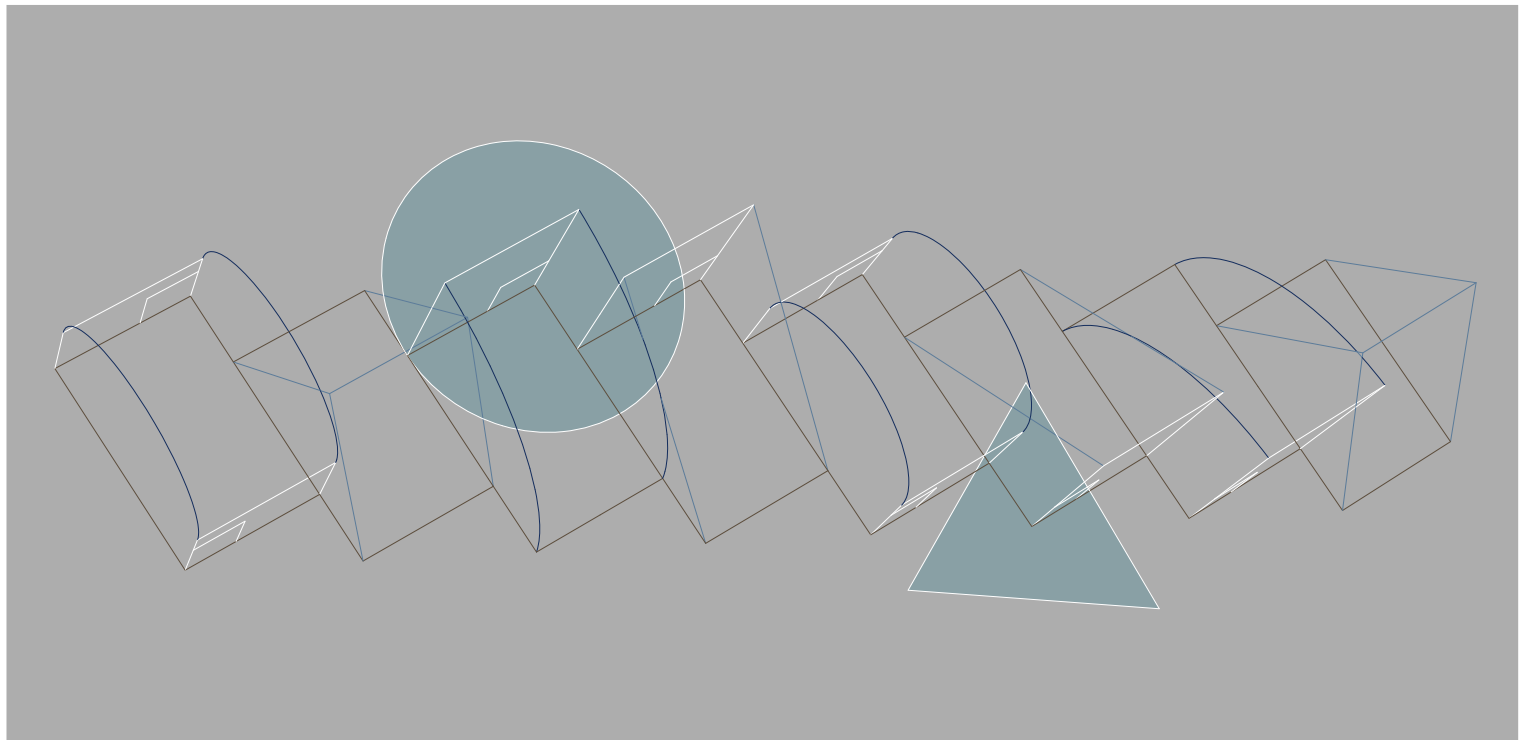
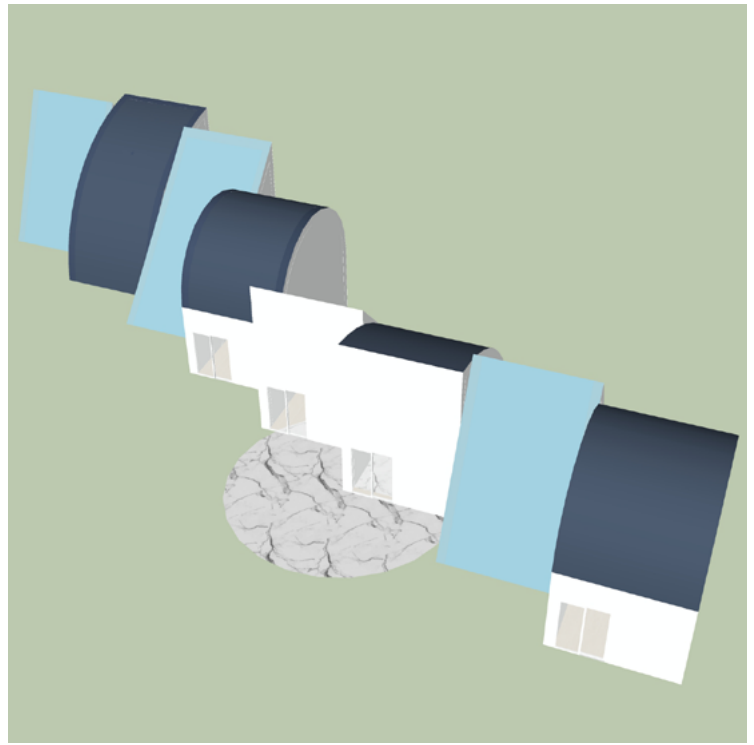
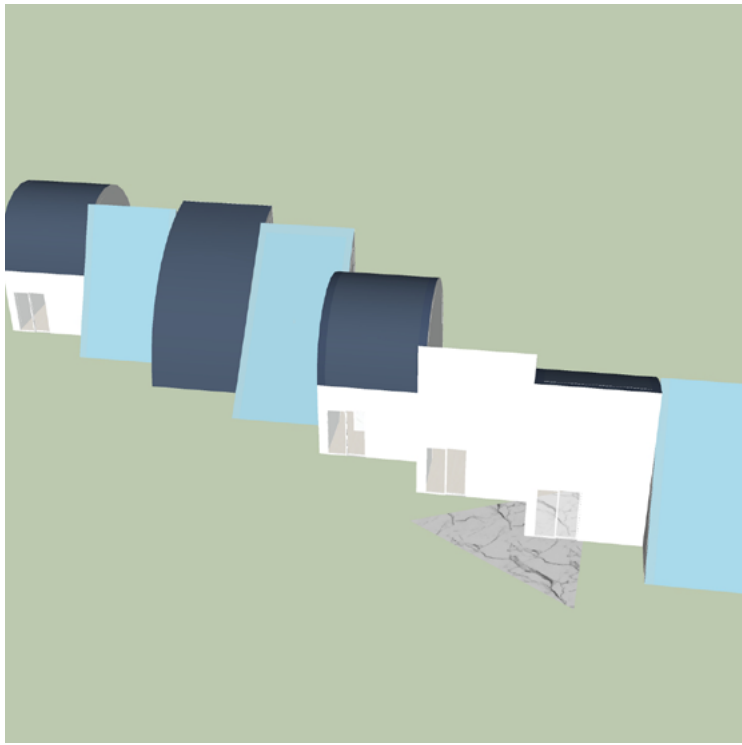
casa 7+x
imagens tridimensionais

Assente a volumetria da casa, escolheram-se três cores. A primeira, a cor branca, que definiu as paredes verticais, o azul-claro, a segunda cor que definiu as coberturas retilíneas, e uma terceira cor, azul-escuro, que definiu as coberturas curvas. Os dois tons de azul enfatizaram, ainda mais, a diferença entre os dois tipos de cobertura, em contraste com o branco das restantes paredes.



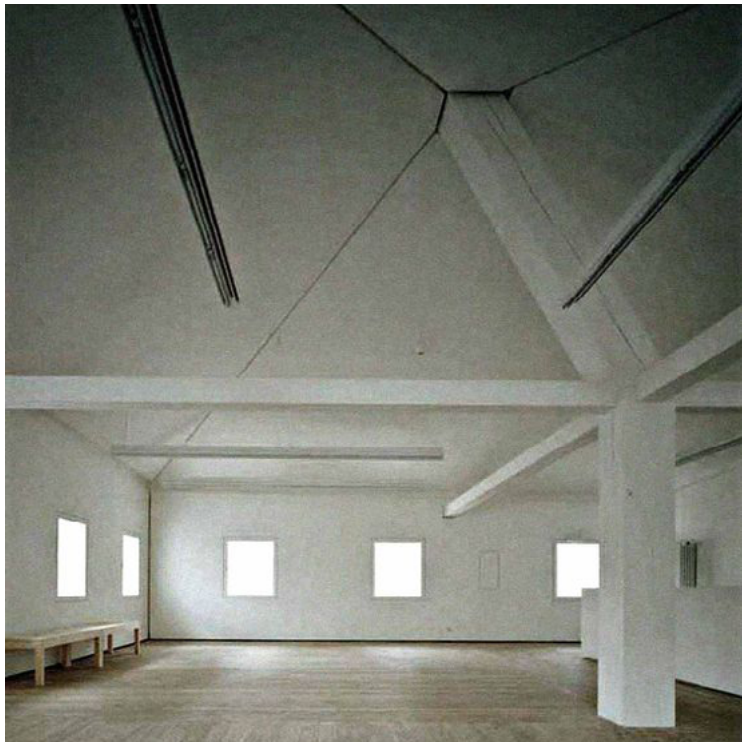
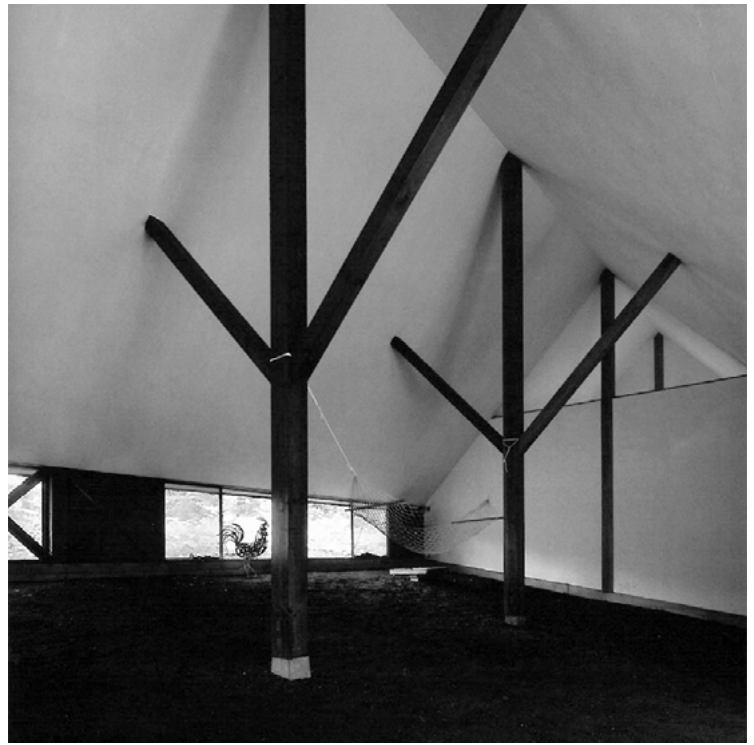
casa 7+x
 1/1000
 imagens tridimensionais

Em seguida, questionou-se sobre os vãos mais adequados ao projeto, ficando determinado que apenas as paredes brancas os teriam, e por isso, apenas um volume teria dois. Num alçado situar-se-iam no canto esquerdo e no alçado oposto, no canto direito da fachada branca de cada volume. Estas aberturas, para além de ventilar naturalmente a habitação e funcionando como janelas, seriam também consideradas as diversas portas de entrada para a própria casa, sendo possível, consequentemente, a habitação possuir oito entradas.



casa 7+x
imagens tridimensionais
imagens em wireframe

Em articulação com interior, os pavimentos exteriores posicionados em zonas estratégicas, zonas de entrada, funcionariam como espaço exterior e, ao mesmo tempo, criariam uma passagem suave entre o exterior e o interior, caso fosse utilizado o respetivo vão para entrar. Ainda que se esteja no exterior da casa, estes pavimentos causam a sensação de se estar no interior da mesma.



casa 7+x
referência

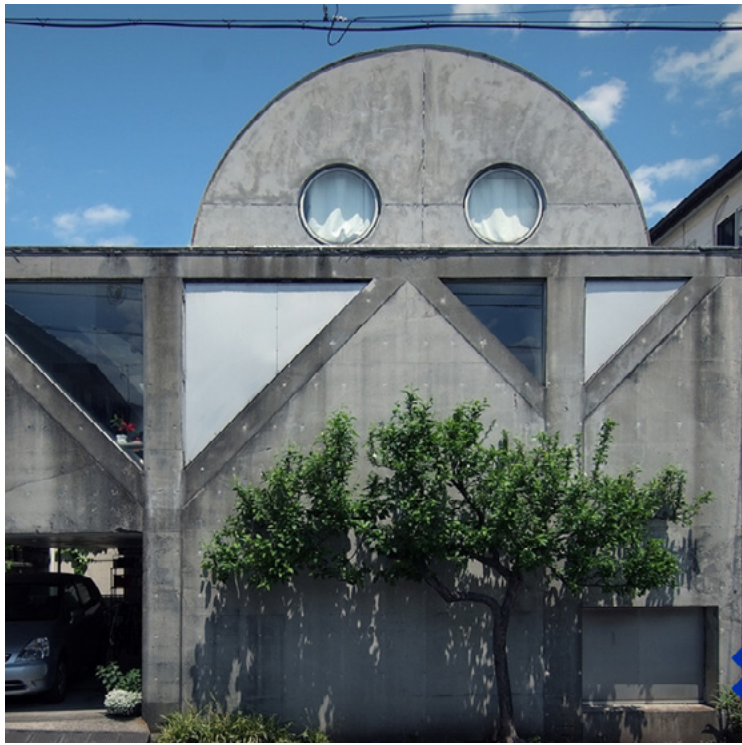
1966
kazuo shinohara
house in Whit

1972
kazuo shinohara
tanikawa house

1999
valerio olgiati
das gelbe haus

2011
vlyder vinck taillieu
house bernheimbeuk

Estes casos de estudo retratam especificamente exemplos de elementos verticais de casas e respectivas funções, mas não deixando de acrescentar riqueza ao espaço ou até mesmo defini-lo.

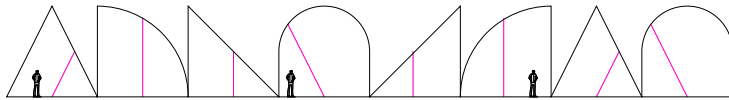
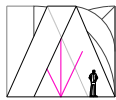
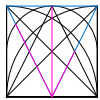
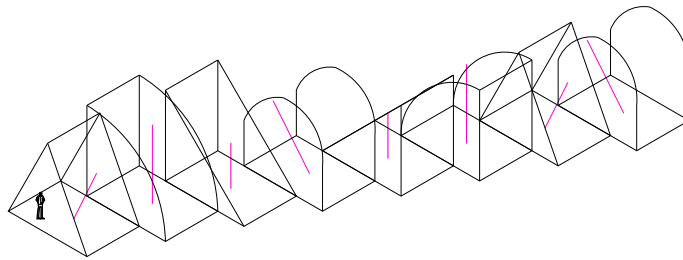


1973
kazuo shinohara
house in uehara

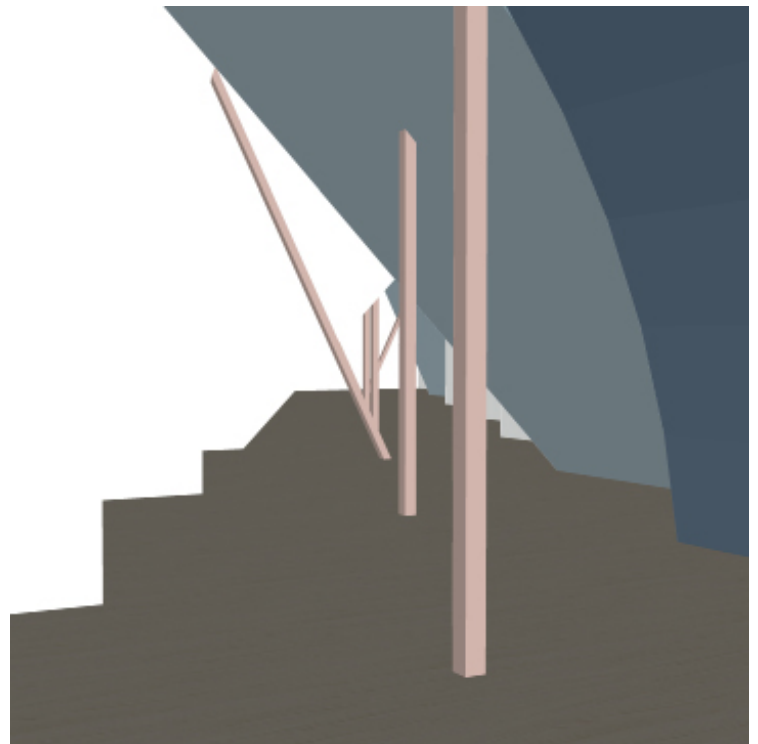
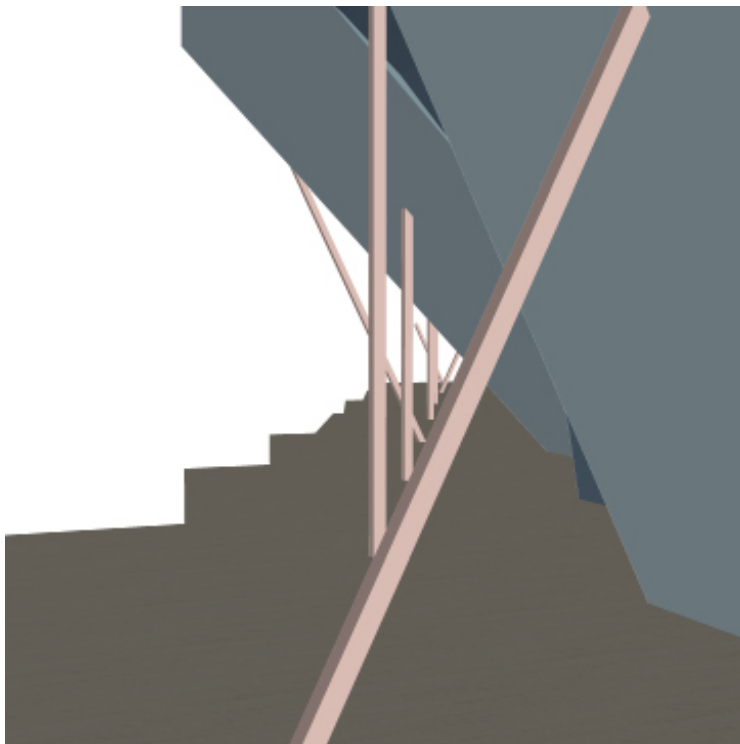
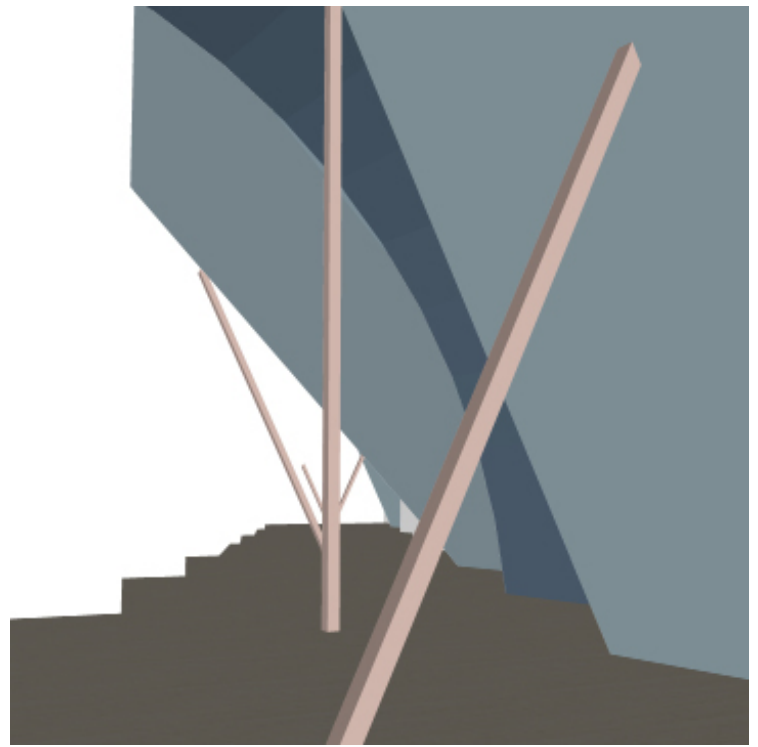
casa 7+x
referência

91/120

A casa em Uehara de Kazuo Shinohara possui esse elemento vertical que, no primeiro piso, aparenta ser apenas uma grande coluna e no segundo divide-se em três veias, pode ser vista na fachada como elemento estrutural e definidor dos vãos. Já no interior da habitação funciona como definidor do espaço e ainda como uma peça de arte ou até como uma peça de mobiliário, devido às suas dimensões.



Com o intuito de simplificar o interior do projeto, e definidas as hipóteses volumétricas da mesma, era necessário trazer um elemento vertical que, tal como na obra de Kazuo Shinohara, definisse cada espaço, marcando o centro de cada divisão e quebrando de forma descontínua a visão alongada por toda a casa, continuando a resolver as questões de ordem funcional, ao mesmo tempo que relaciona os módulos entre si. Assim, as figuras com cobertura de uma água seriam as que teriam o pilar vertical, e as outras duas teriam o pilar inclinado.



casa 7+x
imagens tridimensionais do interior

Partindo da primeira imagem, observa-se numa determinada perspectiva uma estrutura idêntica à de Kazuo Shinohara. Porém, na realidade, os pilares podem ser interpretados e percebidos de diversas formas, consoante a perspectiva em que são vistos, marcando cada divisão ao mesmo tempo que comunica com todos os espaços. Além disso, também se percebe o distanciamento desde o primeiro ao último volume.



1917
giorgio de chirico
appearance of the chimney



casa 7+x
referência

Tanto a pintura de Giorgio de Chirico como a de Joan Miró revelam um elemento vertical que se impõe, tratando-se em ambos os casos de uma chaminé. Na primeira, a chaminé impõe-se pela altura por detrás dos edifícios, enquanto na segunda a chaminé é o elemento central da fachada da casa desenhada.



19__
hugh newell jacobsen
the fletcher residence

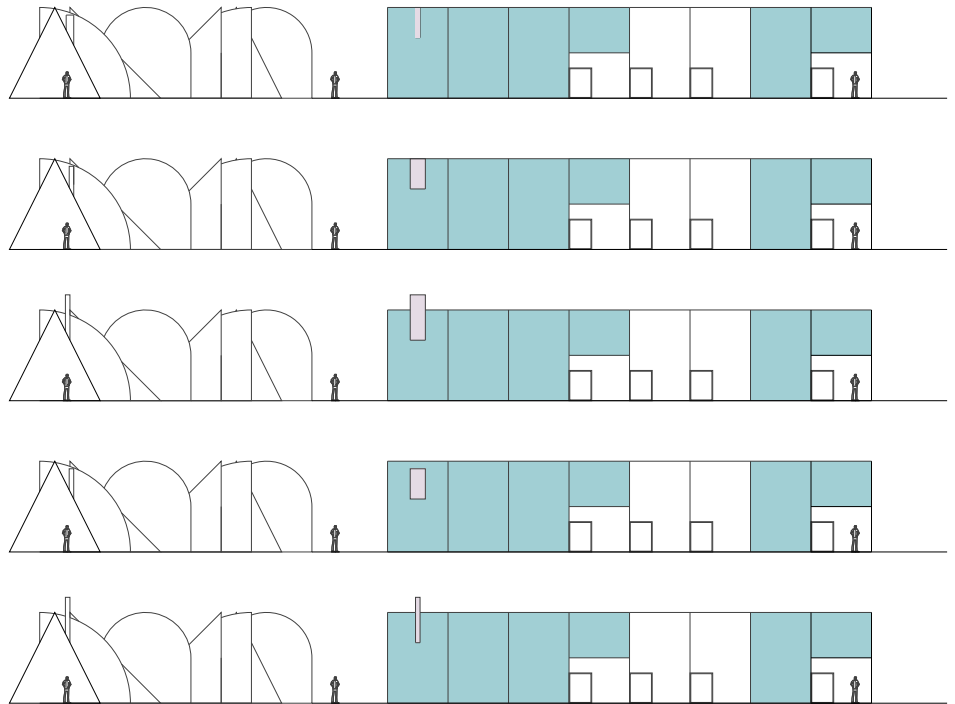
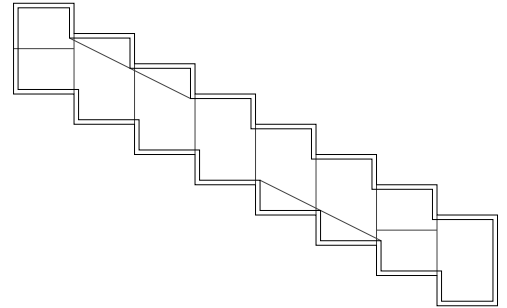
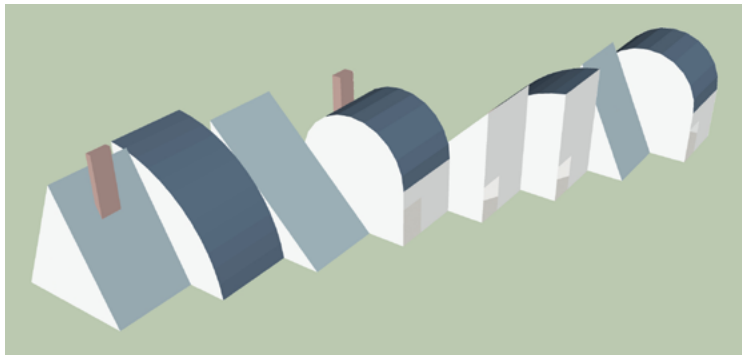
1978
hugh newell jacobsen
dreier house

1981
hugh newell jacobsen
buckwalter house

2020
tw Ryan Architects
three chimney house

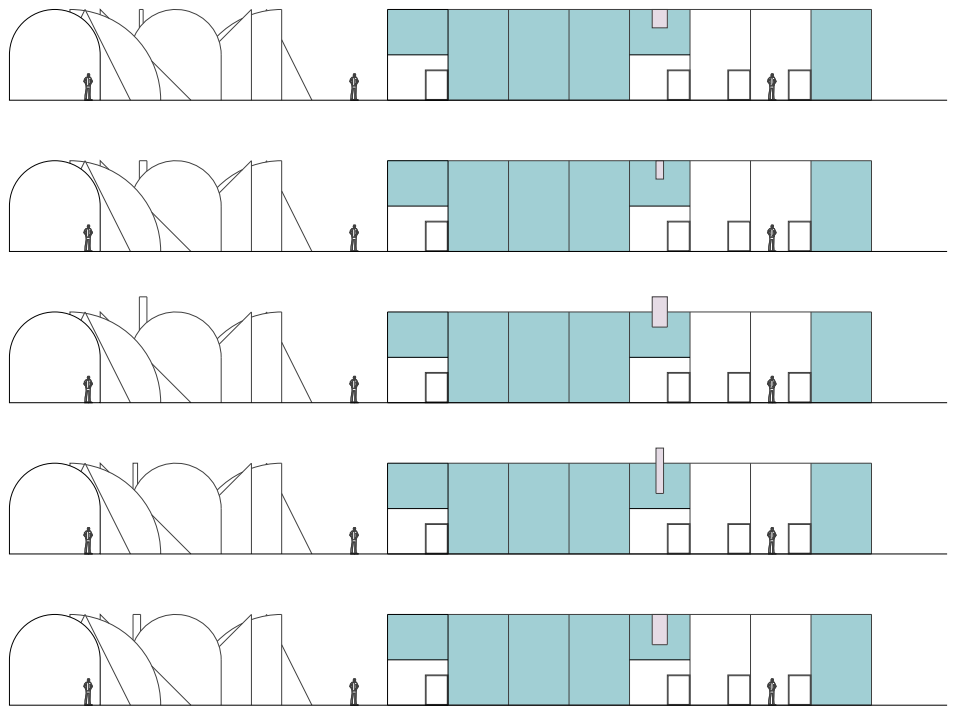
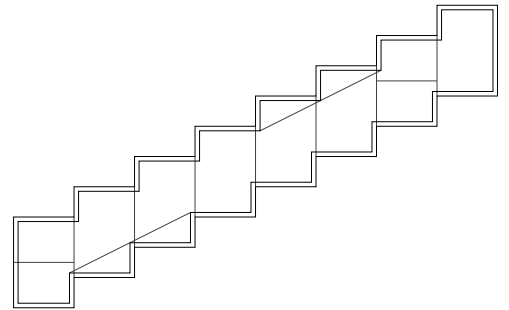
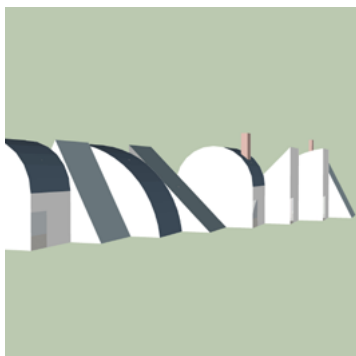
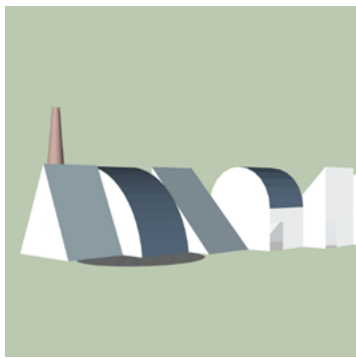
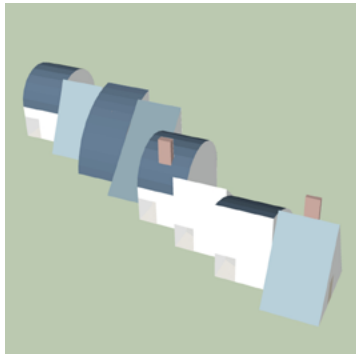
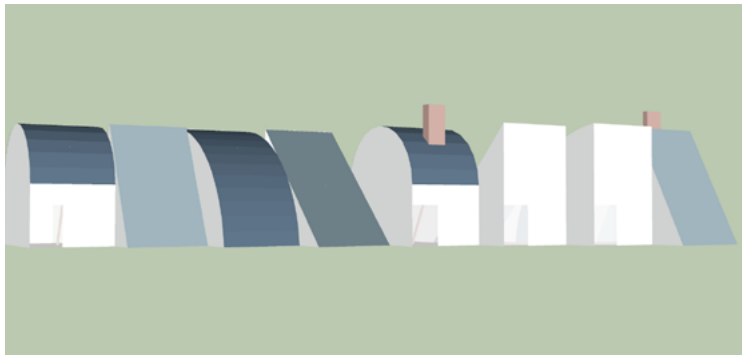
casa 7+x
referência

Em muitas das obras de Hugh Newell Jacobsen, uma chaminé impõe-se na cobertura, que é representada de forma idêntica, mas difere na quantidade. Todavia, este elemento vertical é sempre mais alto do que a cobertura inclinada das suas obras, e, como se constata nos exemplos, é sempre um elemento de força no projeto. Tal como na casa de Tw Ryan architects, situada na beira de uma floresta, esta serve-se das chaminés altas para se destacar no local e servir de referência a quem passeia pelo grande terreno.



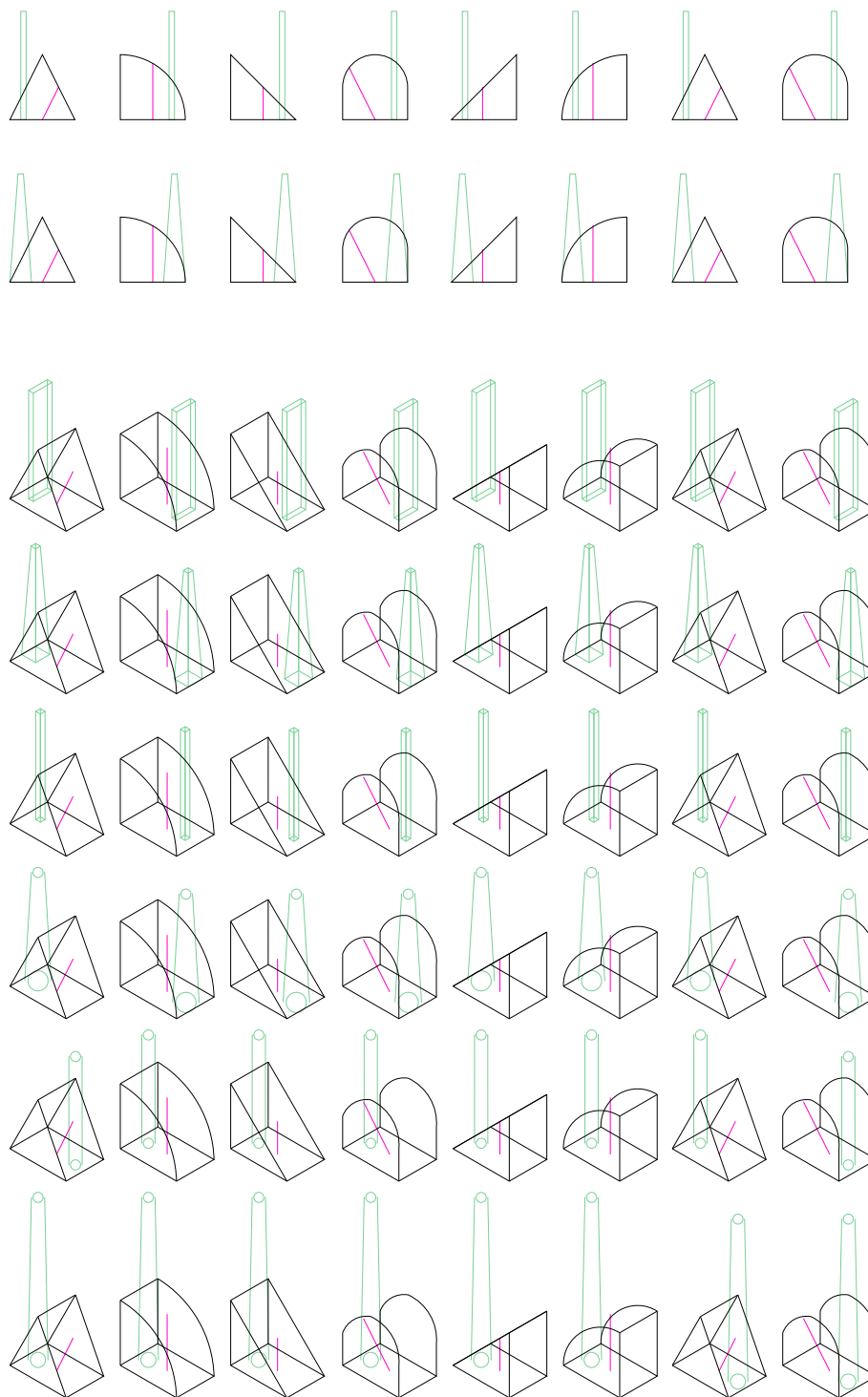
casa 7+x
1/1000
imagens tridimensionais

Apesar de terem sido introduzidos pavimentos que evidenciassem no chão diferentes entradas na casa, inseriu-se, ainda, outro elemento arquitetônico, um elemento vertical que destacasse a casa à distância, uma chaminé. Tal decisão foi influenciada pelas obras de arte dos artistas Joan Miró e Giorgio de Chirico e ainda pelos casos de estudo investigados ao longo do ano.

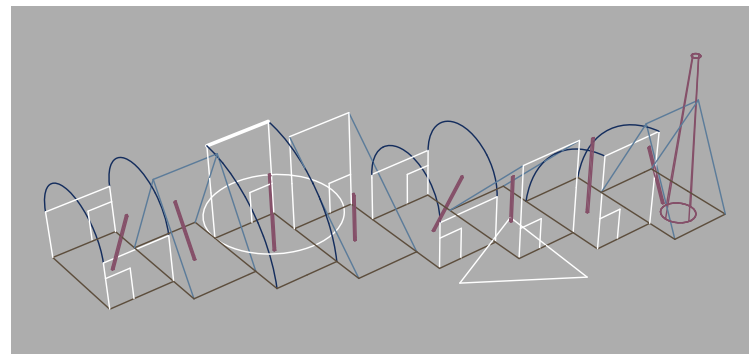
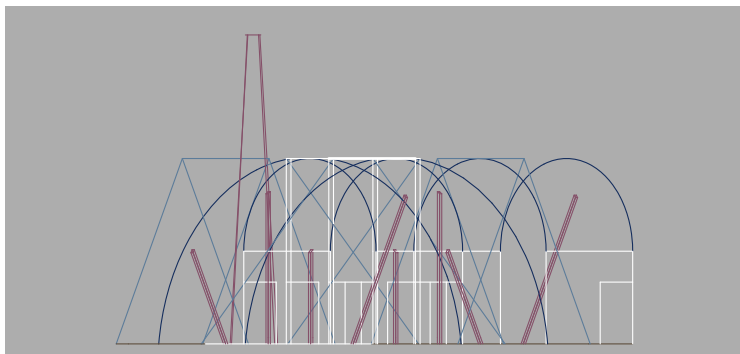
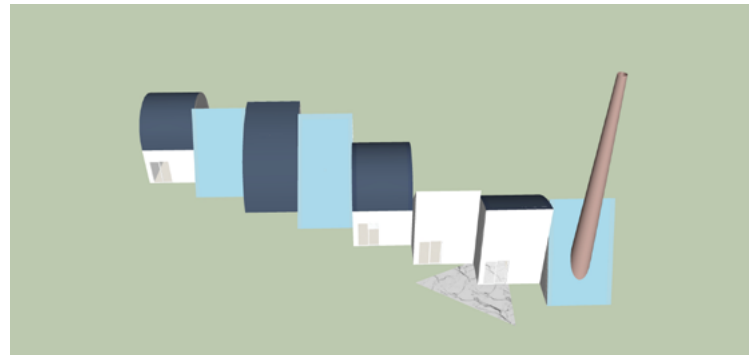
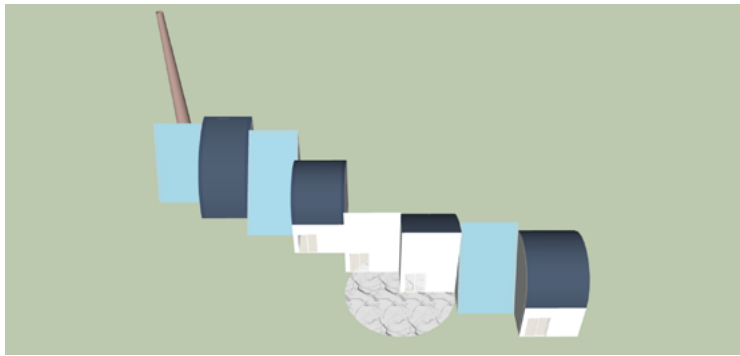
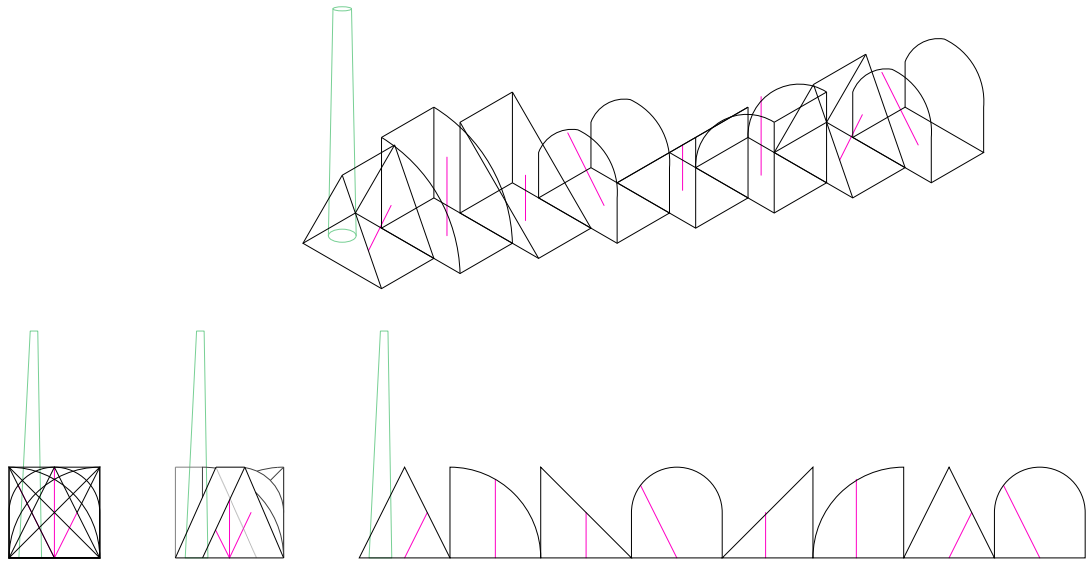


casa 7+x
1/1000
imagens tridimensionais

Inicialmente, fez-se um primeiro estudo para definir o número de elementos verticais. Seguidamente, ponderou-se no formato que deveria ter. Posteriormente, aquando dessas tentativas iniciais, verificou-se que a chaminé não tinha altura suficiente para se afirmar no envoltente.

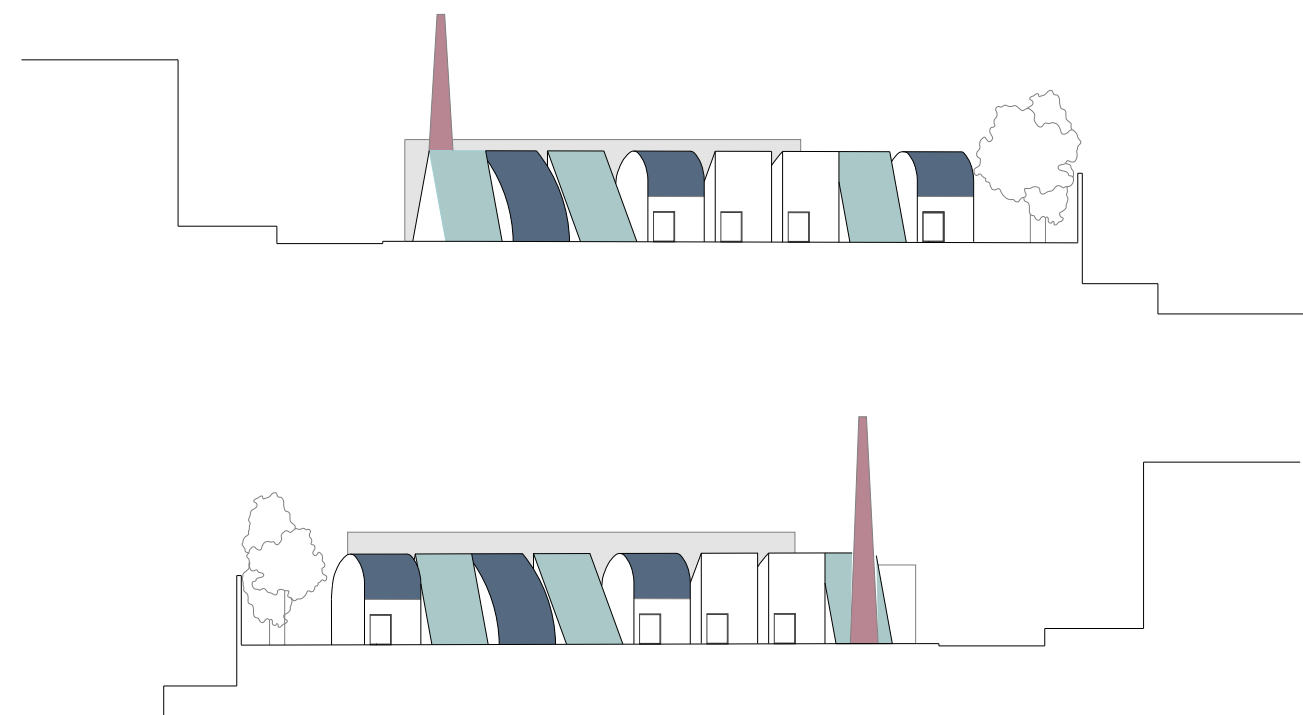


Esta experiência mostrou como qualquer uma das opções volumétricas funcionaria para a ideia do projeto, pois, apesar da forma que o elemento vertical tomou, existiriam diversas hipóteses, e este teria de funcionar em qualquer um dos volumes, desde que se apresentasse no primeiro volume. O intuito seria marcar a presença da casa no local envolvente e marcar o início da sequência volumétrica. Assim sendo, qualquer divisão poderia ter a lareira, dependendo de como se organizaria sequencialmente o espaço interior.



casa 7+x
 1/500
 imagens tridimensionais
 imagens em wireframes

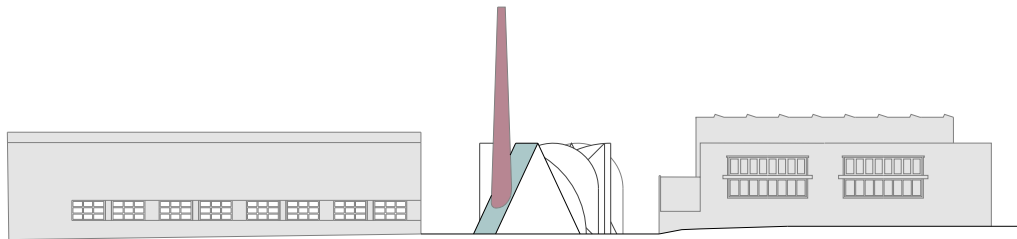
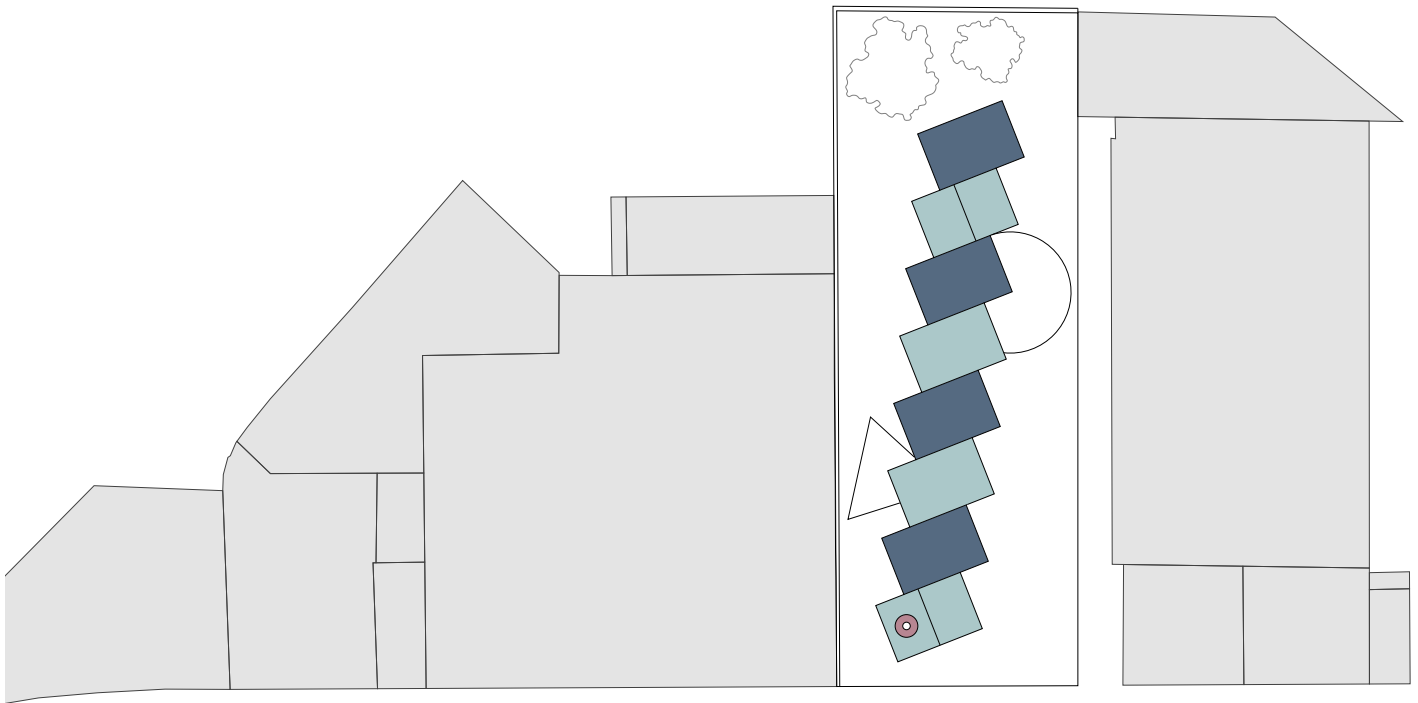
Tal como no quadro de Giorgio de chirio, optou-se pela chaminé em cone, mais alta que na hipótese anterior, afirmando bem a sua presença, como podemos ver nas diferentes imagens e perspetivas da casa.



casa 7+x
1/500



A ideia do projeto necessitava de autonomia do local e do seu envolvente, sendo este na rua do monte da estação, no Porto, e por isso, sem impacto no desenvolvimento do conceito. Todavia, o terreno determinaria o número de volume da casa.

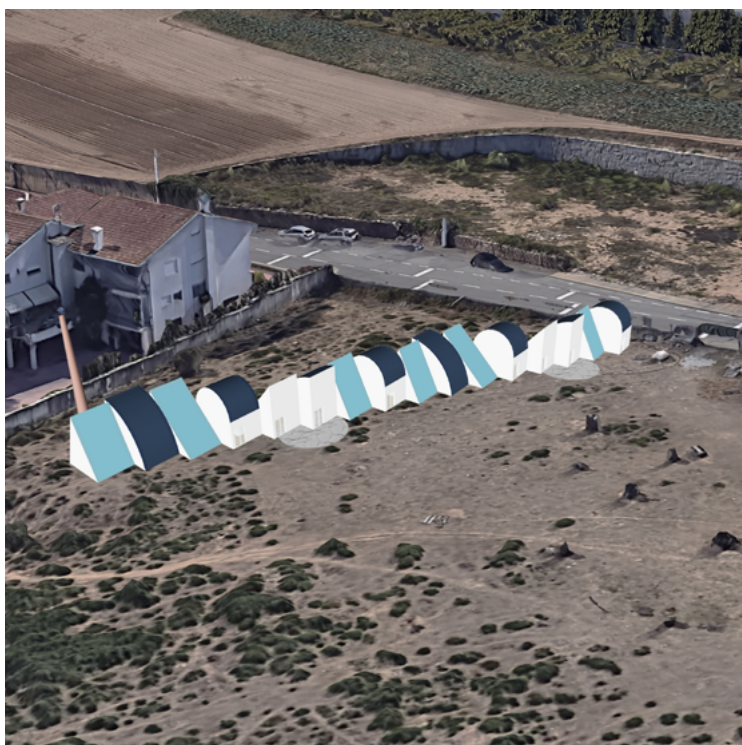
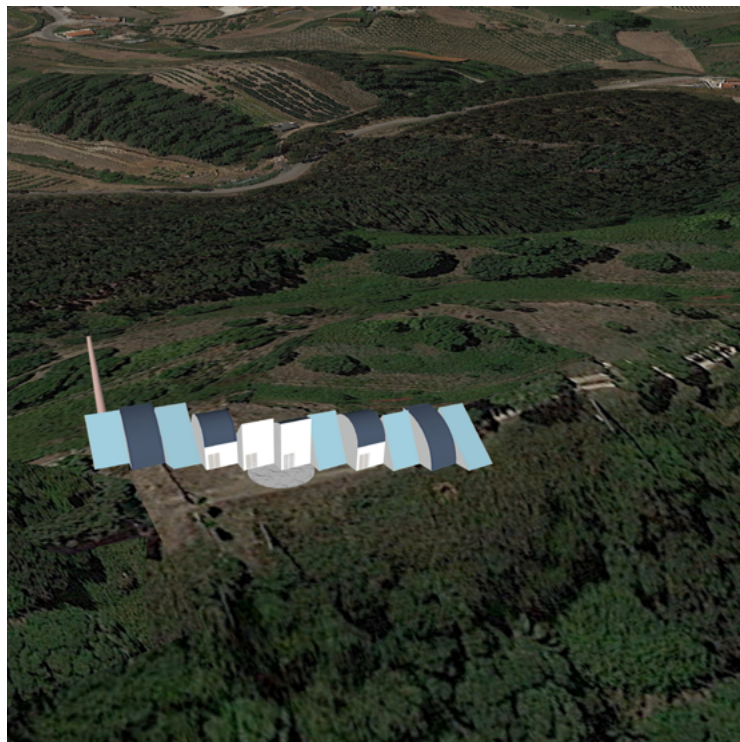
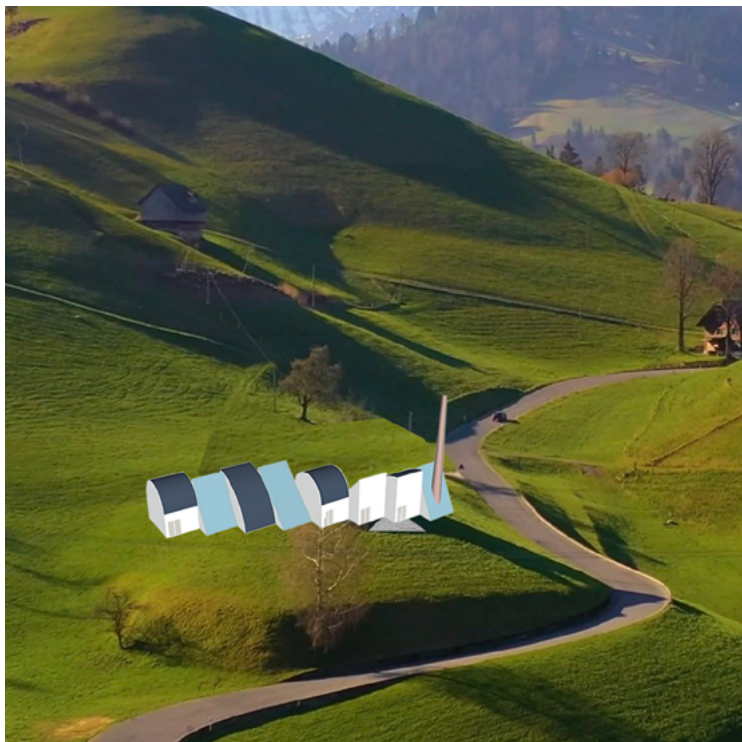


casa 7+x
1/500



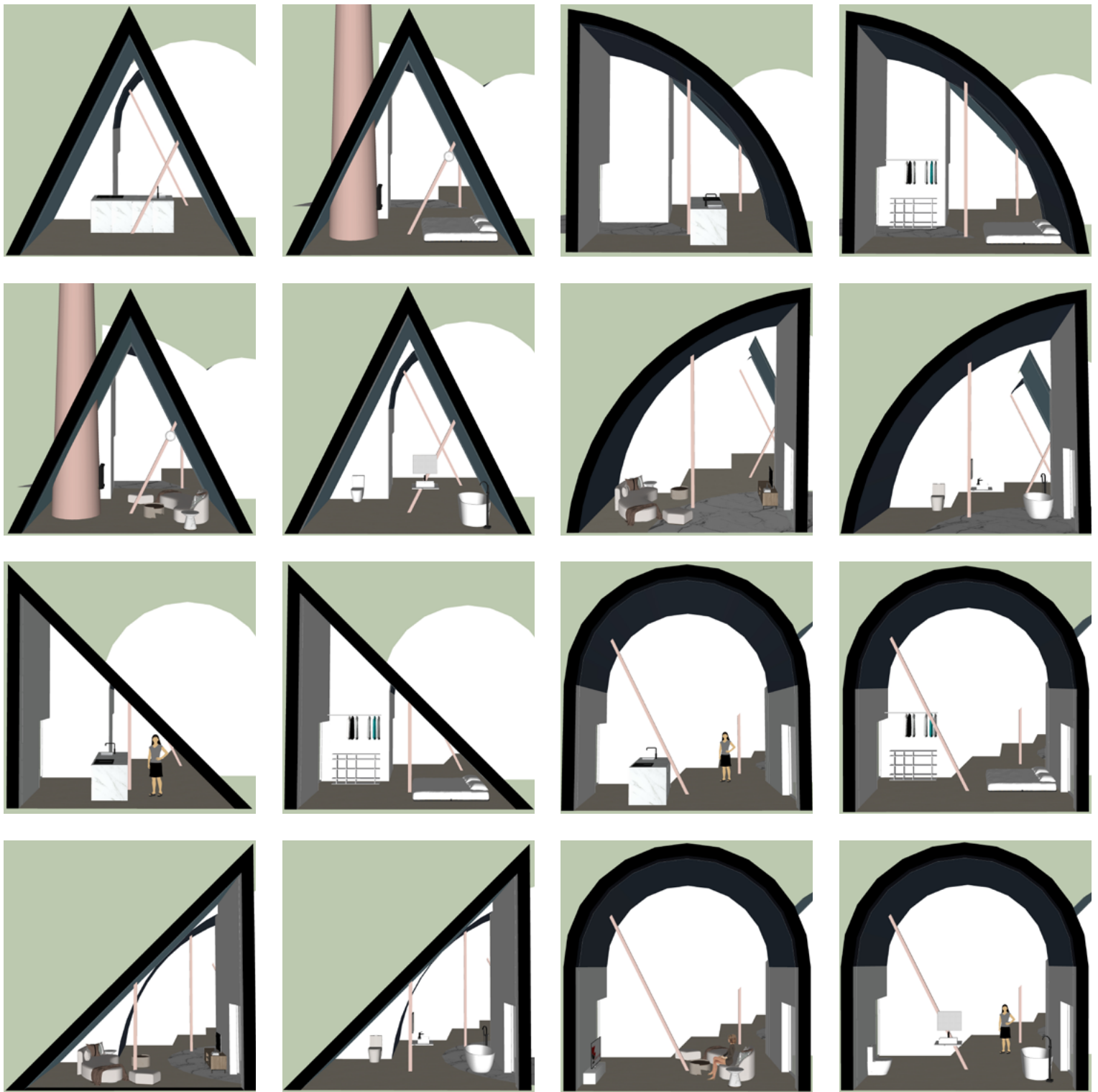
101/120

Apesar disto, e por ser um projeto versátil, funcionaria para o local designado, visível na planta de implantação e nos alçados. Cumpriria a cêrcea e a área de implantação do lote.



casa 7+x
imagens tridimensionais do projeto em
diferentes locais

Para certificar a versatilidade da volumetria do projeto, apresentaram-se exemplos de outros pontos onde o mesmo se poderia implantar. Demonstrou-se, assim, a variante do número de volumes, de acordo com a área do terreno ou da necessidade de quem habitaria a casa.

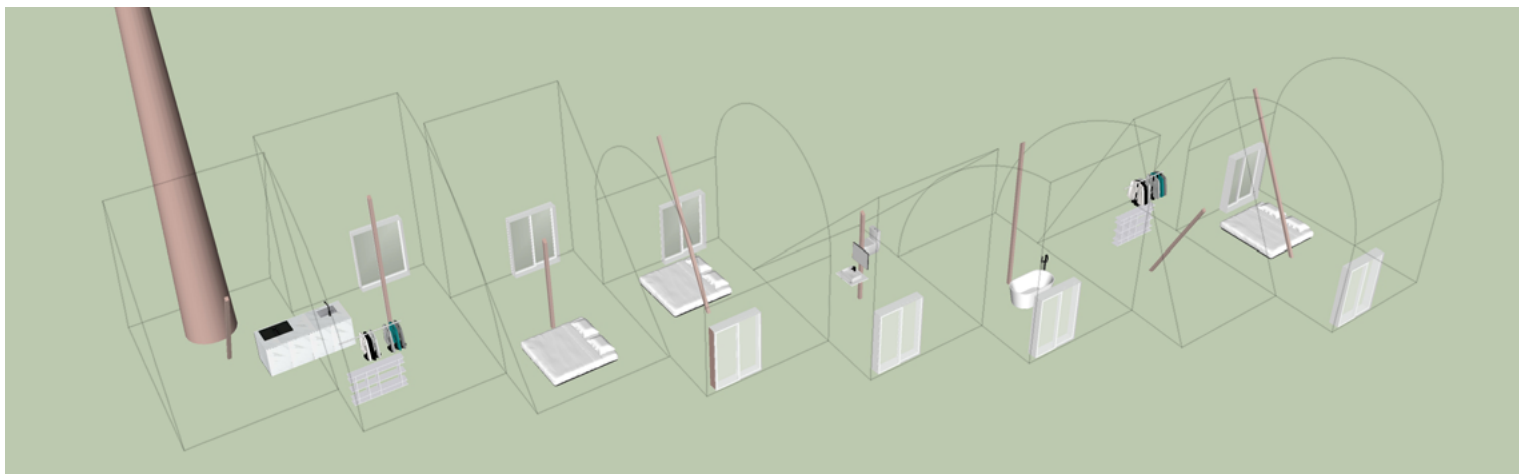
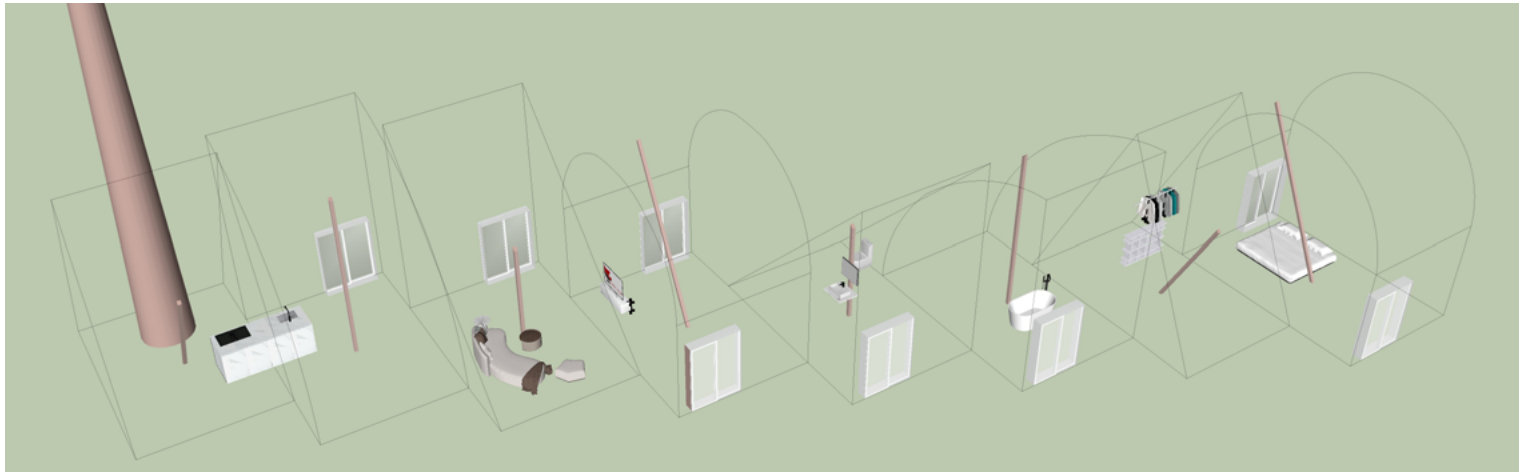
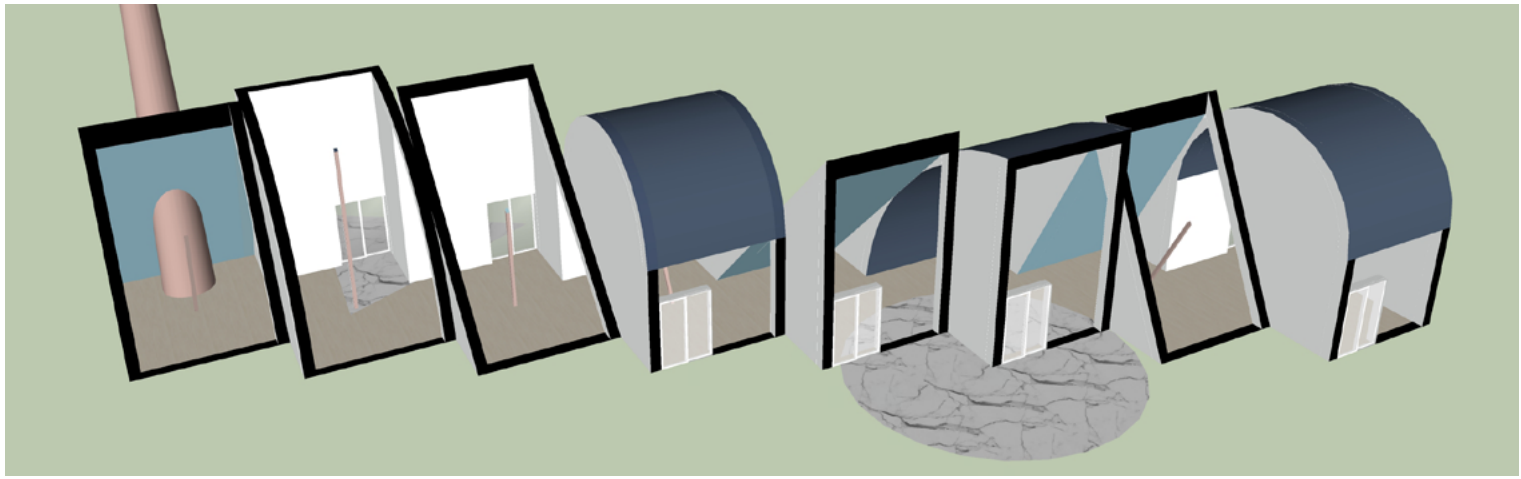


casa 7+x
 imagens tridimensionais das diversas
 hipóteses de interior

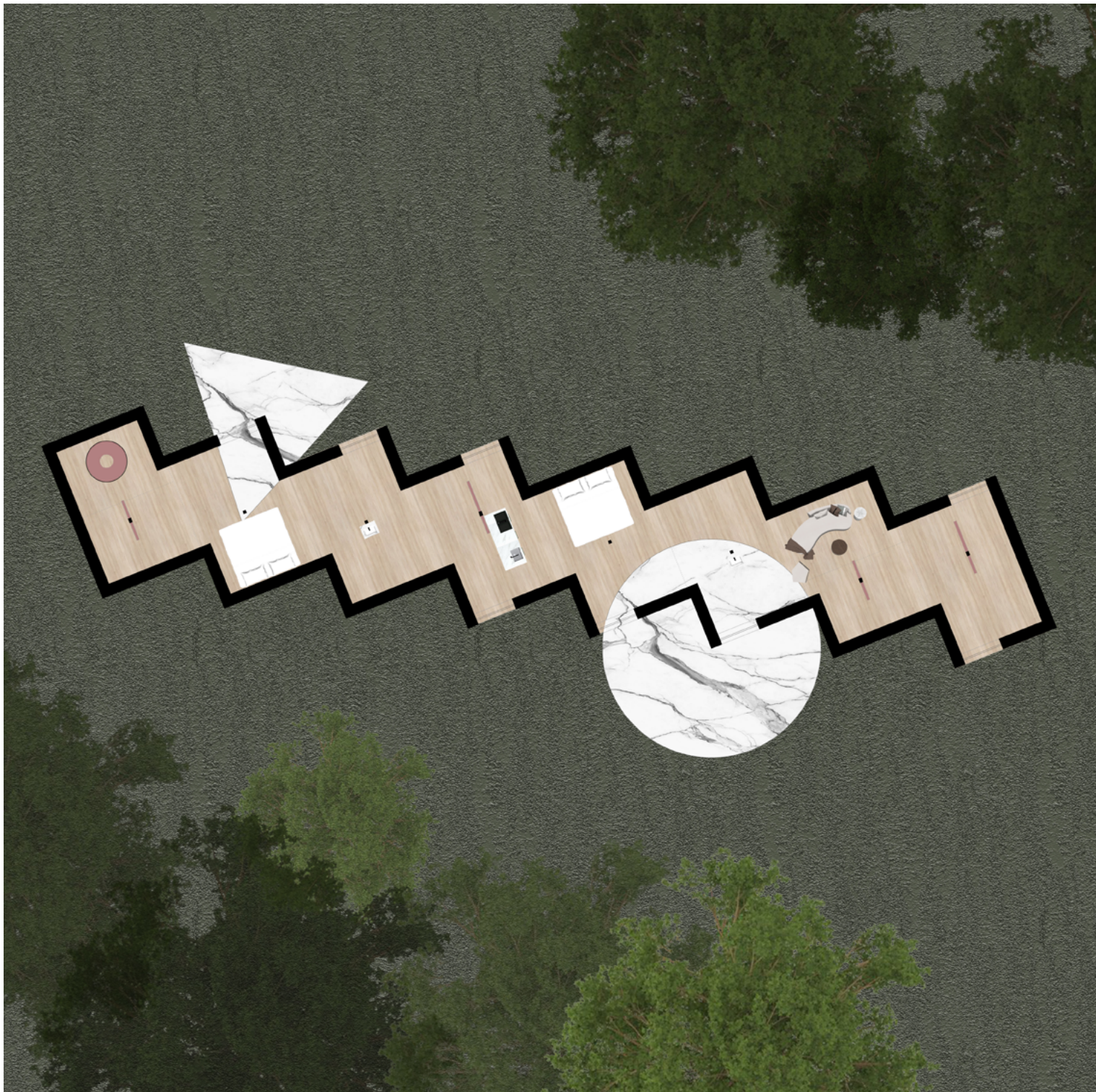
Assim como se demonstrou a sua versatilidade na volumetria também se justificou ao nível programático. Aos quatro tipos de volumes poder-se-ia atribuir uma divisão, seja quarto, cozinha, sala de estar ou casa de banho, consideradas as divisões essenciais de uma habitação. No entanto, nada inviabiliza poder atribuir-lhes outras divisões, como sala de jogos, escritório, sala de jantar, entre outras.



casa 7+x
imagem tridimensional do interior

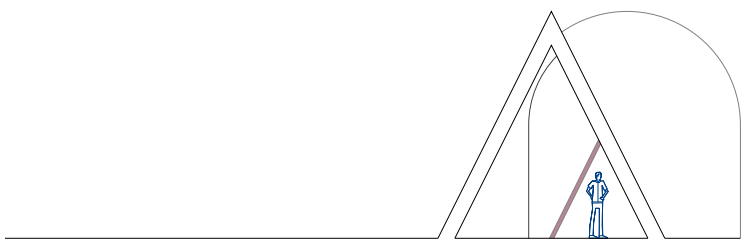
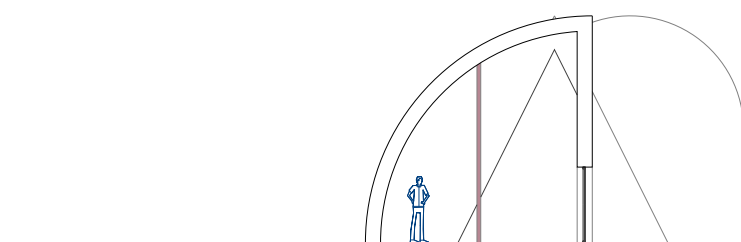
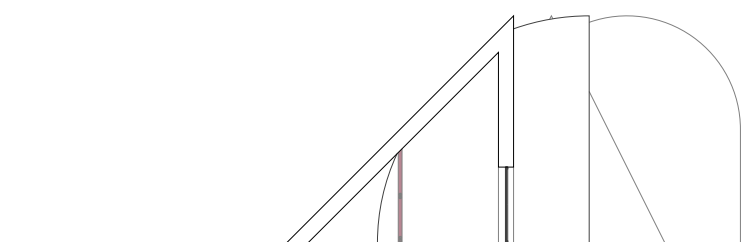
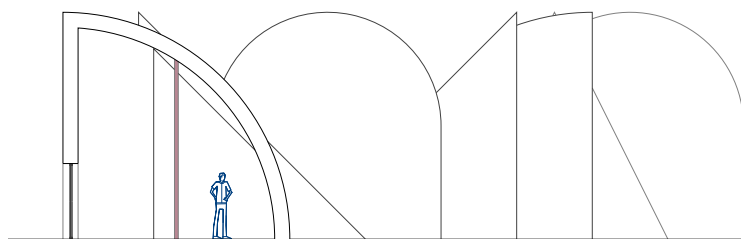
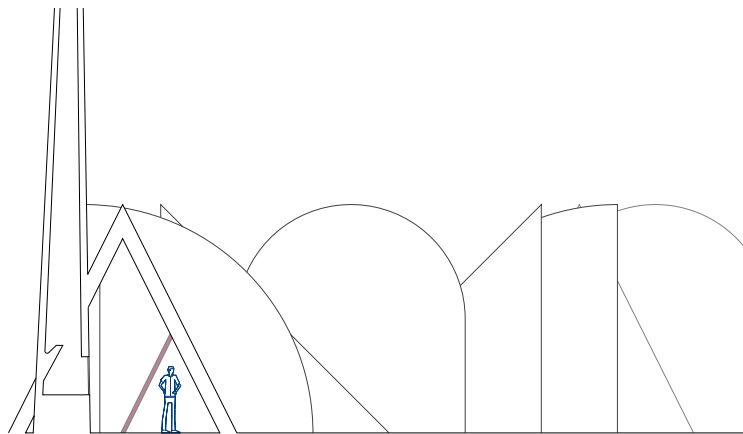


casa 7+x
axonometrias



casa 7+x
1/200

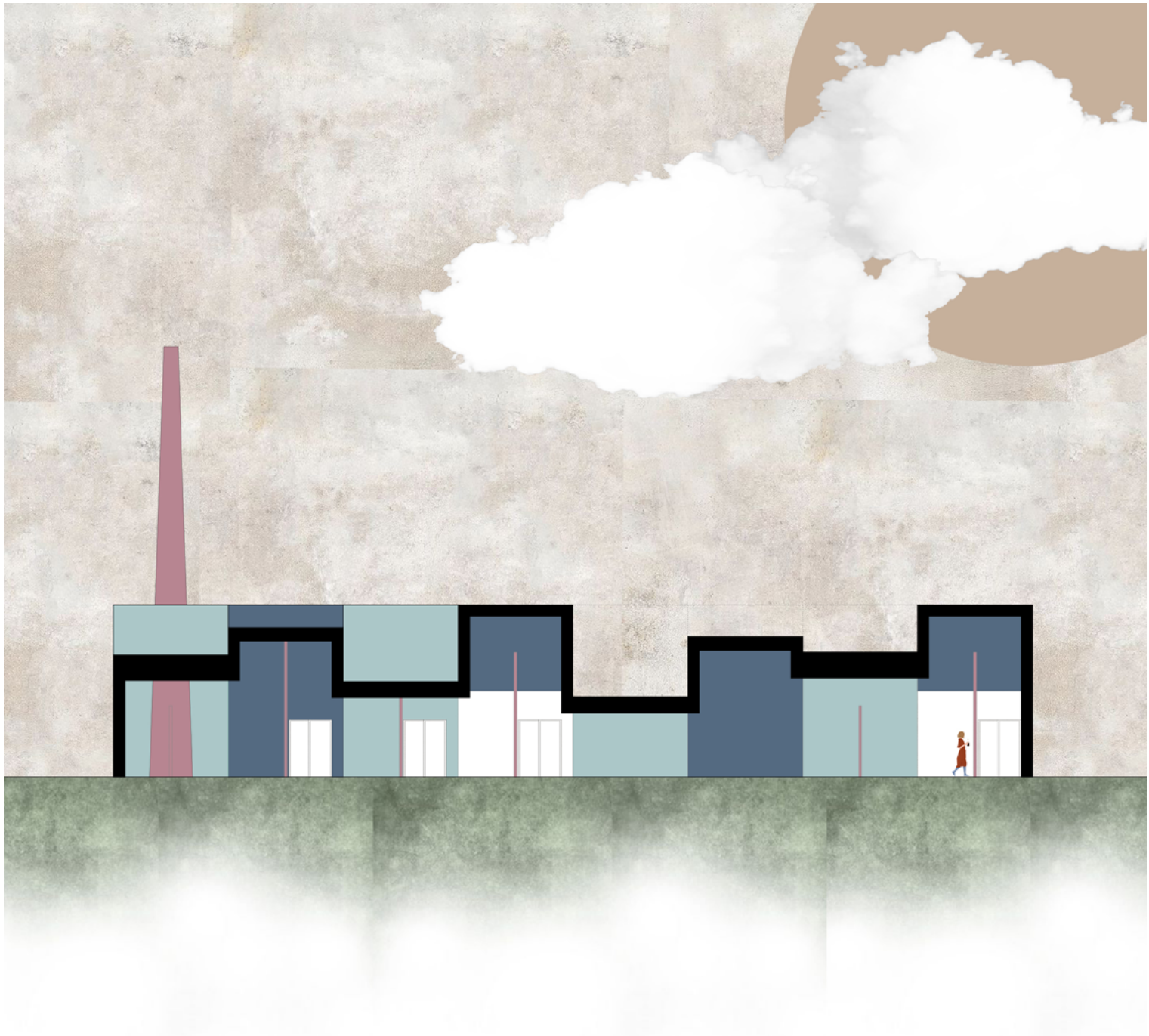
A planta do piso térreo expõe as diferentes materialidades dos pavimentos, cuja orientação da estereotomia da madeira pode ser contemplada, sendo perpendicular à forma como os módulos se vão acrescentando, já que pelas paredes brancas e pelos pilares é possível perceber o alongamento da casa, tornando mais evidente os espaços das divisões que ficam resguardados da perspectiva central da casa. A escolha da organização do mobiliário nesta planta não tem nenhuma intenção em específico, mostra apenas um exemplo mais claro de como a casa pode ser vivida, caso as divisões sejam independentes.



casa 7+x
1/200

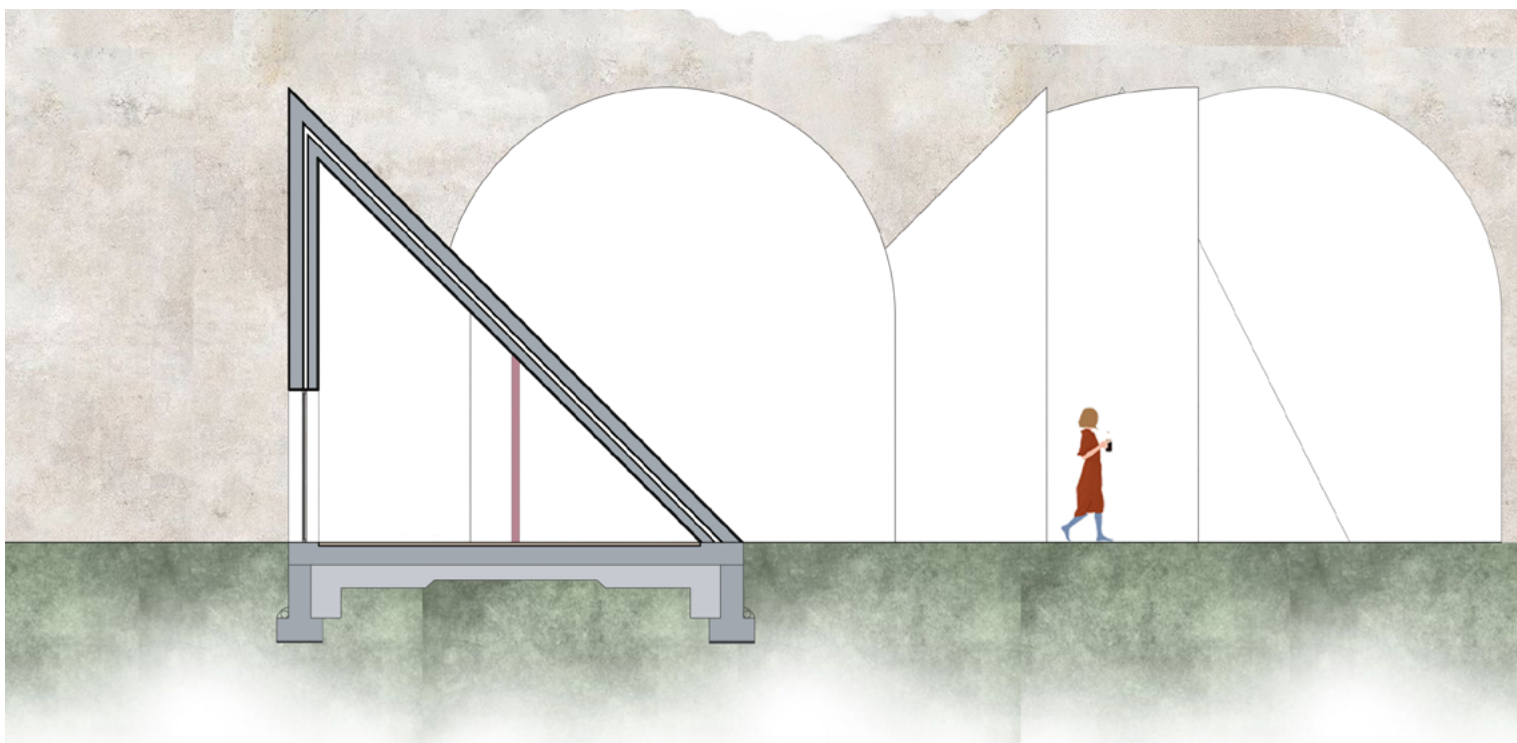
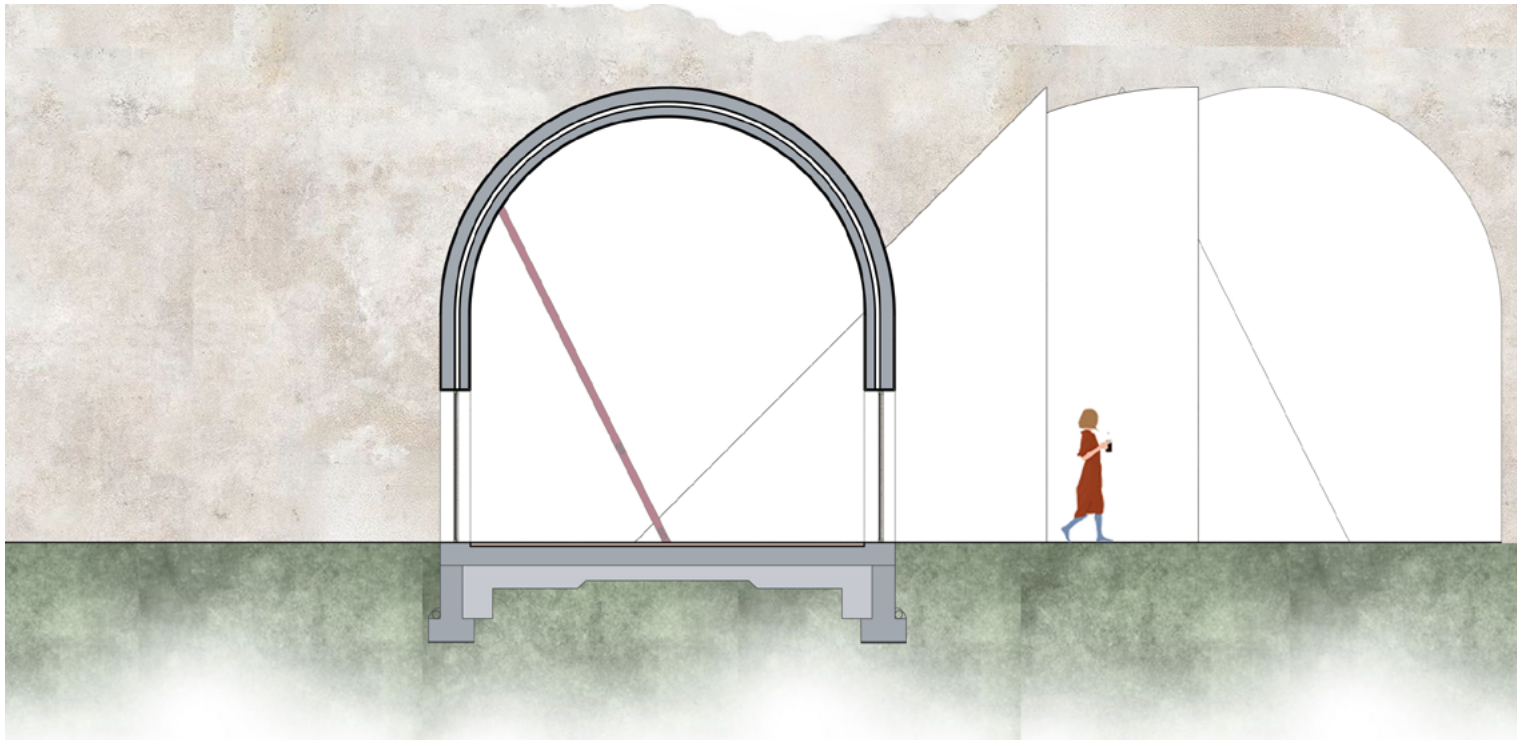
107 / 120

Apresentam-se os cortes transversais dos diversos volumes, cuja intenção é mostrar que o espaço interior difere de acordo com a sua forma geométrica. Apesar de terem o mesmo pé direito, 6m, e a mesma área, 6x4m, desses espaços resultam vivências interiores diferentes.



casa 7+x
1/200

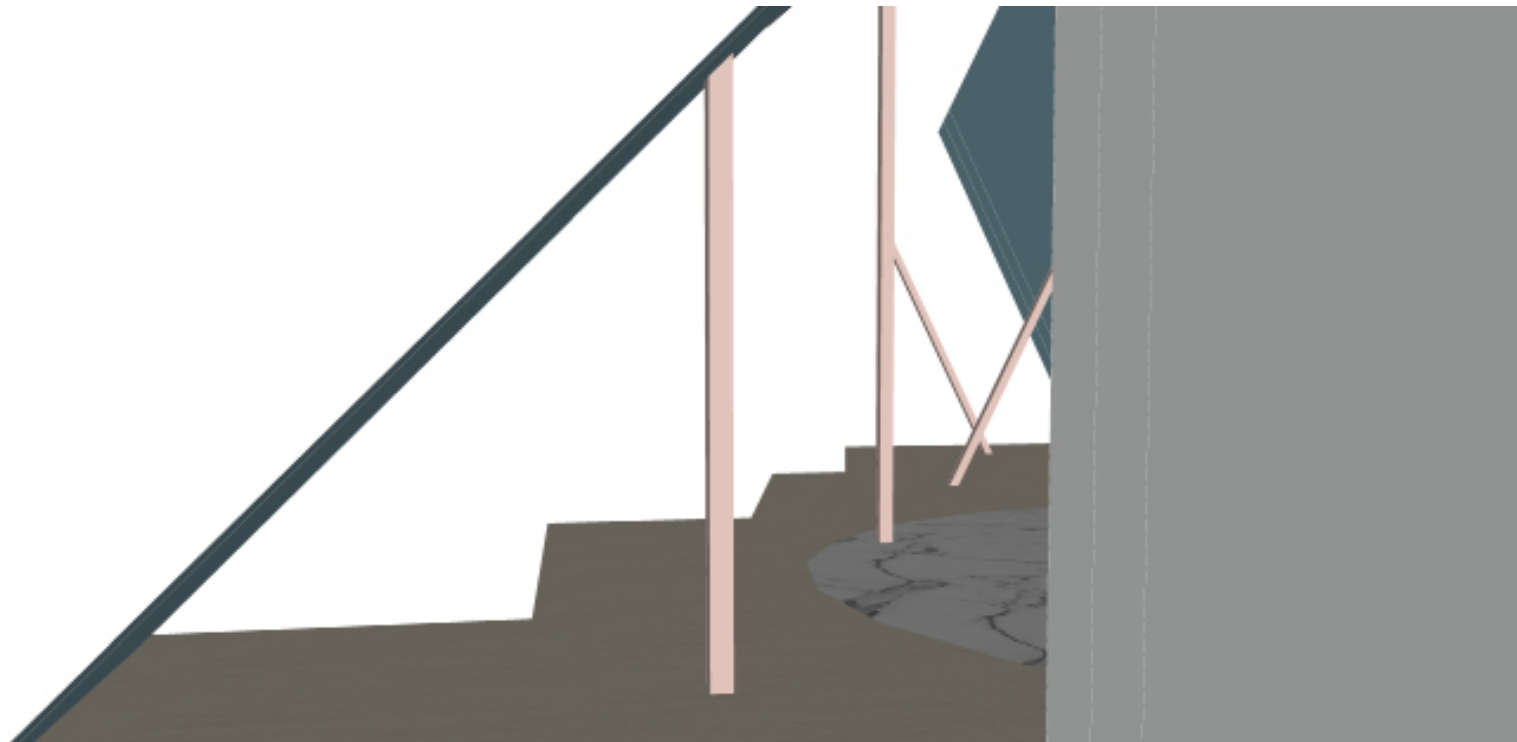
No corte longitudinal, compreende-se a organização espacial, o funcionamento dos módulos em conjunto, o alinhamento das cores das paredes e coberturas em função de cada volume e a variação da altura do pé-direito por onde se executa o corte.



casa 7+x
1/100

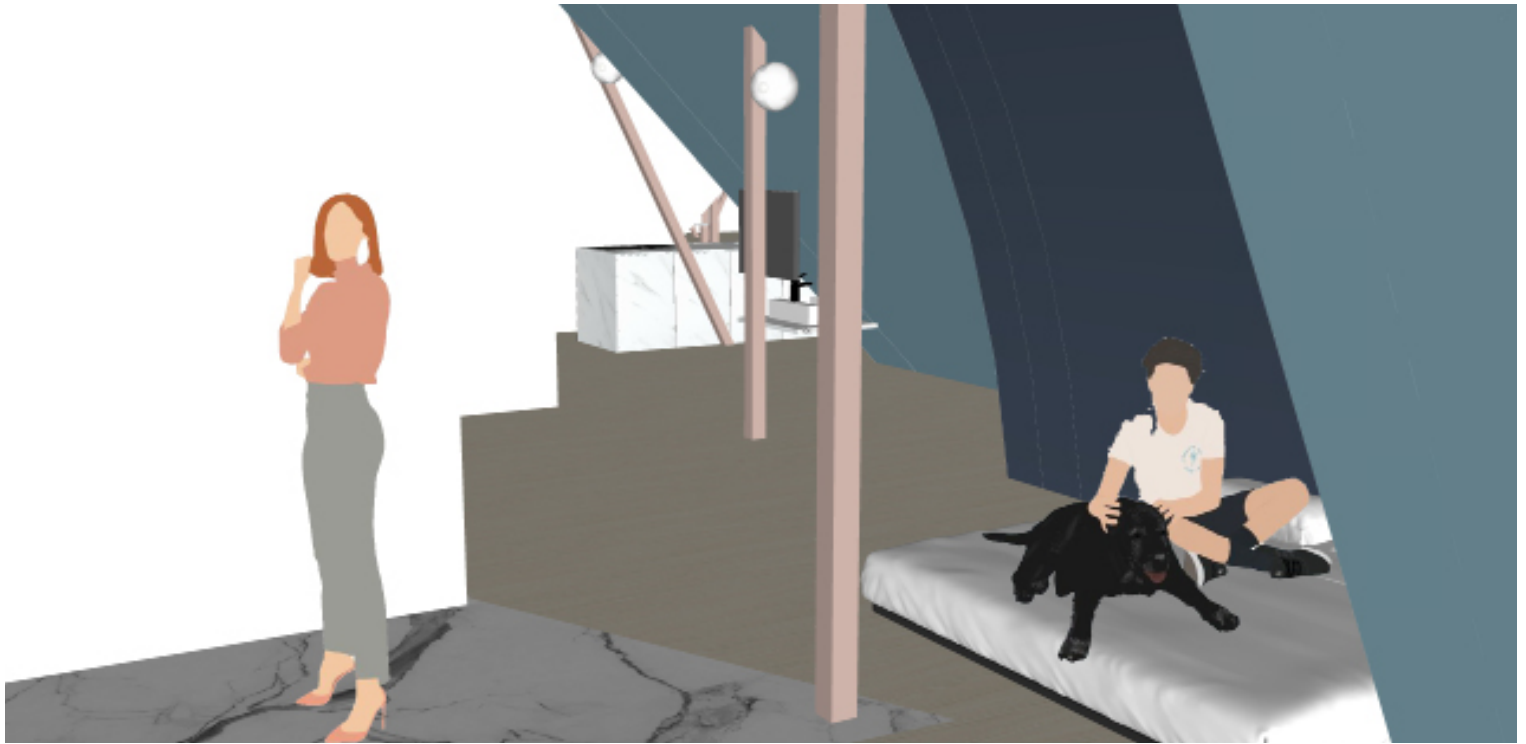
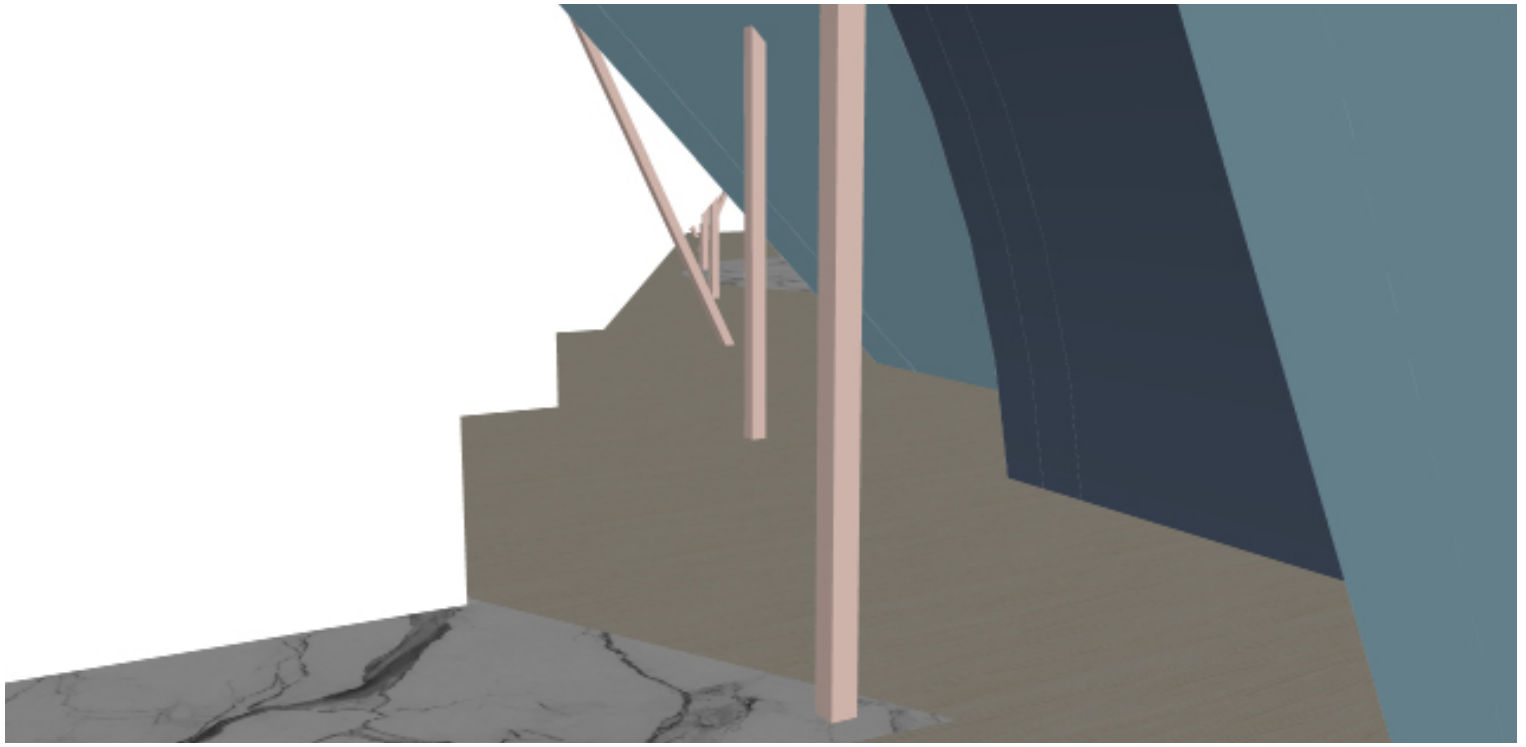
109 / 120

Os volumes são todos em betão e rebocados nas três diferentes cores. Nos cortes, são visíveis as linhas de interseção com o módulo seguinte e a altura de 6m dos pés-direitos.



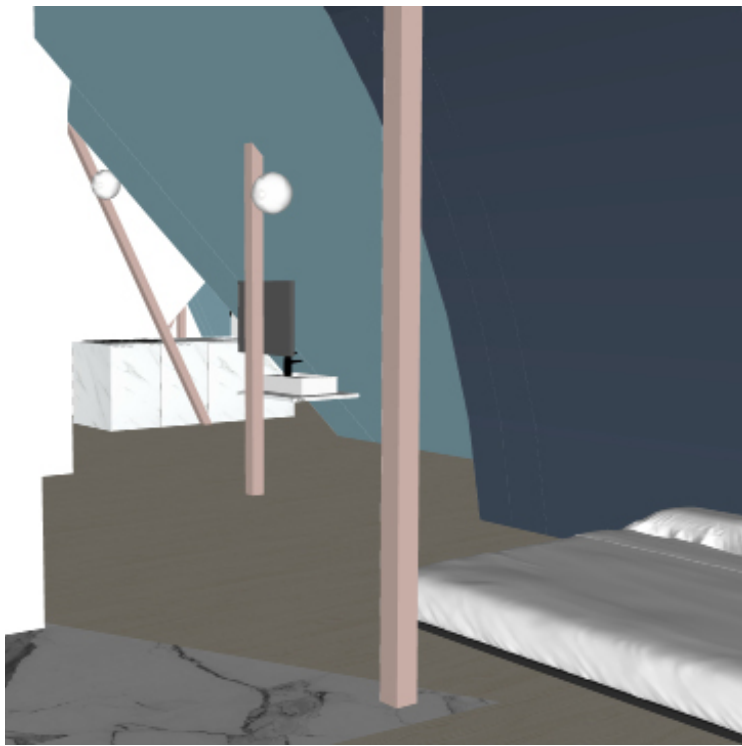
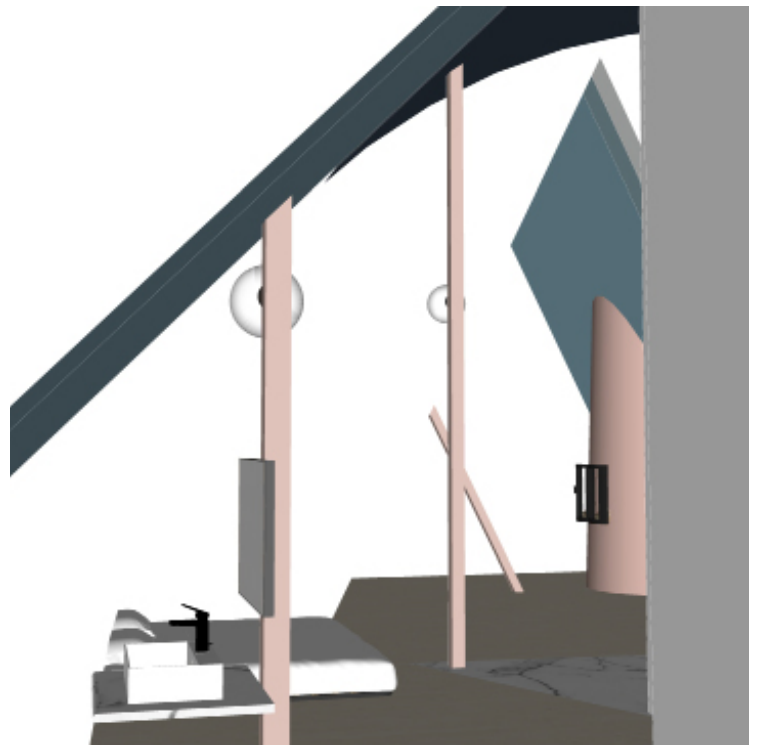
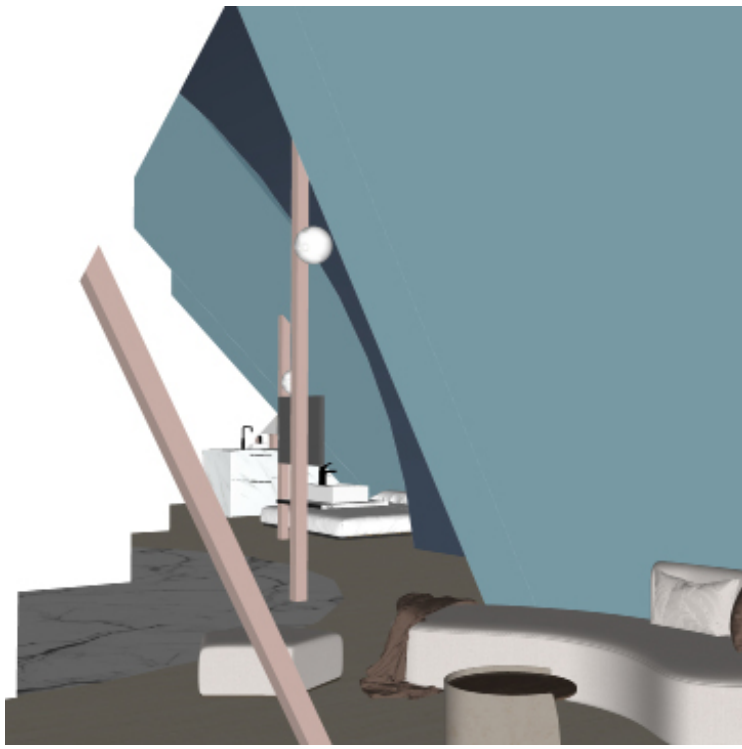
casa 7+x
imagem tridimensional do interior

As imagens seguintes mostram o ambiente interior da casa, com e sem mobília, e a forma como esta está distribuída pelos espaços, sendo sempre perceptível a sensação de casa infinita.

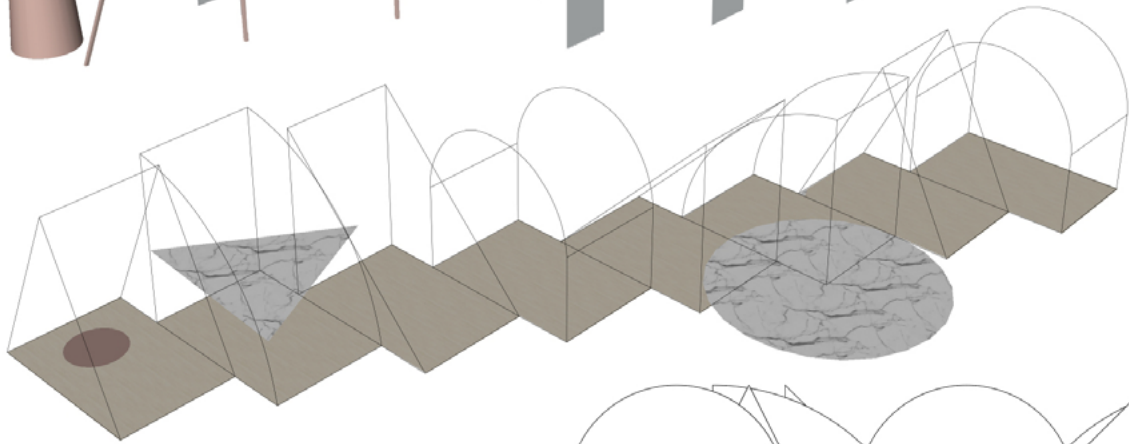
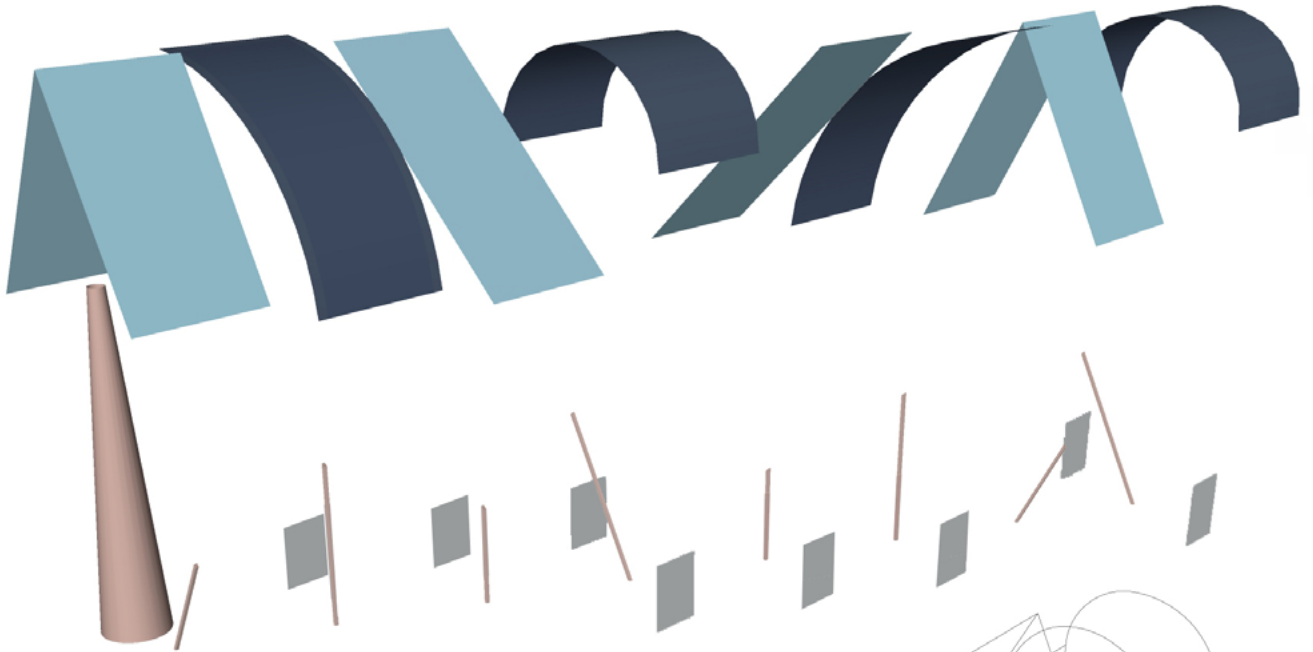
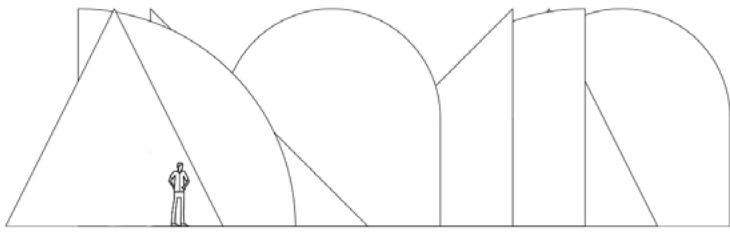


casa 7+x
imagem tridimensional do interior

Os elementos verticais funcionam como balizamentos de espaço, mas também de iluminação, os pavimentos exteriores entram para o interior, e a forma como as diferentes coberturas se interseitam entre si, mas também interseitam os espaços.



casa 7+x
imagem tridimensional do interior



casa 7+x
axonometria explodida

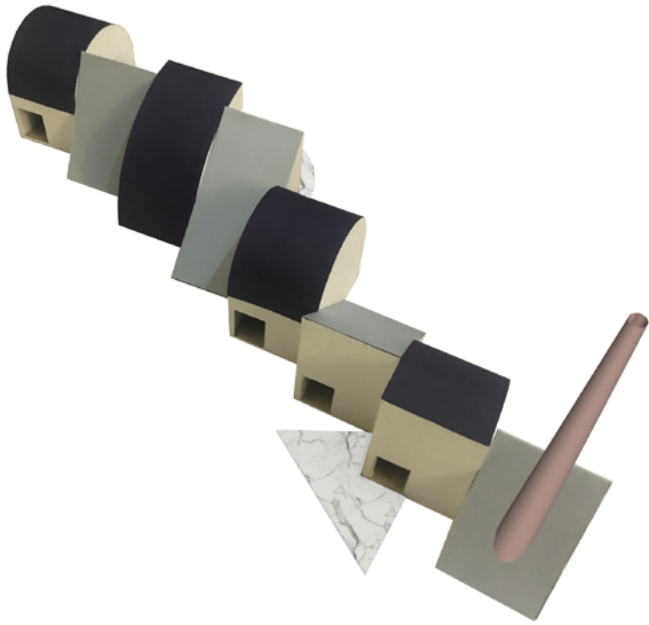
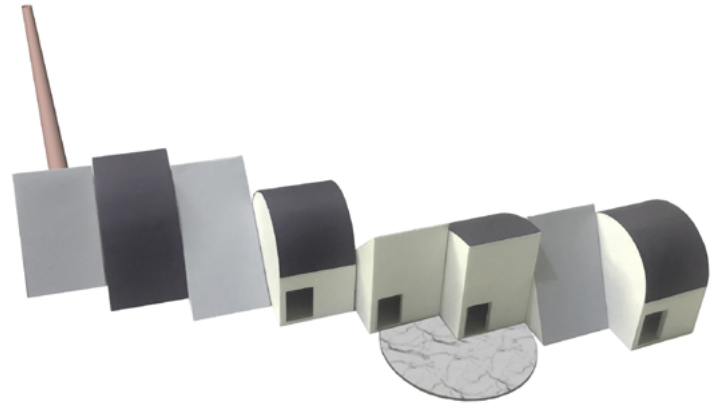
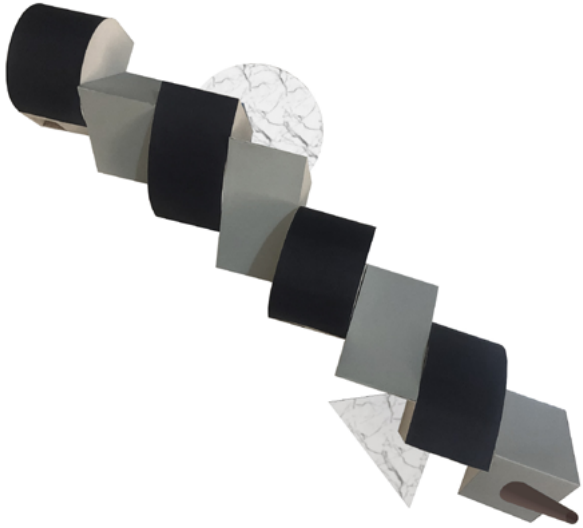
Resumindo, temos quatro formas de volumes, quatro cores representativas (azul-claro nas coberturas retas, azul-escuro nas coberturas curvas, branco nas paredes verticais e cor-de-rosa nos elementos verticais), uma casa que cresce num sentido, um pavimento com a estereotomia perpendicular a este sentido, dois pavimentos que fazem uma passagem suave entre o exterior e o interior, vãos todos iguais que se repetem nas paredes verticais e ligações interiores nas divisões diferentes entre si que resultam da interseção destes quatro distintos módulos.



casa 7+x
imagem tridimensional do interior

Os espaços interiores da casa são de tamanho aceitável que em conjunto formam um só grande espaço. Comunicam entre si, mas dão privacidade. Já os espaços exteriores aloram os espaços interiores, mas estes clareiam os espaços exteriores.





O trabalho realizado este ano reforça a ideia de que não existe vertente prática sem teoria. Iniciou-se o percurso com arquitetos portugueses e as suas obras, questionando sobre a morfologia do terreno, a materialidade, a cor da casa e a presença de elementos arquitetónicos, como a lareira, as escadas e os pátios. Para melhor entender as razões que levam o arquiteto a tomar certas decisões de projeto, investigaram-se teorias sobre a tectónica levantadas por grandes críticos da arquitetura, como Kenneth Frampton, Carl Bötticher e Gottfried Semper. Estas pretendiam relacionar diferentes abordagens para o que podemos considerar a arte de construir.

Comparou-se a arquitetura e refletiu-se sobre projetos de habitações de arquitetos americanos, japoneses e portugueses, resultando numa amálgama de abordagens como: ver a casa como uma obra de arte ou ser educada com a vizinhança, pôr o conceito à frente do sítio ou combinar o antigo com o moderno respeitando o local, interligar e conectar formas geométricas ou seguir alinhamentos que surgem do terreno ou acabar em pinturas e composições geométricas que passariam a ditar regras de projeto.

Perceber arquitetura é perceber a subjetividade, que esta varia consoante fatores culturais, sociais e económicos em conjunto com temas como o lugar, a escala humana, a funcionalidade e o conforto, a tectónica, a estética, a sinestesia, entre tantos outros. Perceber arquitetura deveria ser entendê-la como uma forma de arte que resulta da atividade humana através da criatividade e imaginação, da proficiência técnica, do poder emocional e de ideias conceptuais.

Foi a partir deste entendimento que devolvi todo este trabalho académico, que se iniciou no estudo das escolhas de cor e materialidade do arquiteto para um projeto e terminou com a projeção de uma casa cujo principal objetivo era ser versátil. Um trabalho que começou por investigar se as escolhas do arquiteto eram feitas a pensar na estética ou na funcionalidade de um projeto e a perceber que, independentemente disso, essas escolhas causaram impacto em quem observou a obra de arte. Um trabalho que desenvolveu uma casa. Uma casa que não tem uma porta de entrada, mas sim oito. Uma casa que pode ser implantada em qualquer lugar. Uma casa que pode começar com sete divisões e acabar nas que se achar necessário. Uma casa com divisões que comunicam entre si. Uma casa que não tem paredes interiores, mas tem privacidade. Uma casa em que cada espaço tem uma cobertura diferente. Uma casa pensada para mostrar constantemente o contraste entre a curva e a reta.

Foi esta a aprendizagem que alcancei ao longo deste ano académico, semana a semana, em debates, em apresentações, em partilha, em aulas, um trilha que pretendo continuar para melhorar, evoluir e me superar.

a house is a work of art
kazu shinozaki, 1962

studies in tectonic culture
kenneth frampton, 1995

"os suspeitos do costume", arquivo coletivo
página 8 a 19

"os suspeitos do costume", arquivo coletivo
página 22 a 33

"os suspeitos do costume", arquivo coletivo
página 36 a 38

"os suspeitos do costume", arquivo coletivo
página 40 a 50

vylder vinck taillieu
página 53

kazuo shinohara
página 54

sou fujimoto
página 56

hugh newell jaconson
página 60

junya ishigami kanagawa
página 64

anagrama architects
página 65

sol lewitt
página 82

kazuo shinohara
página 90

valerio olgiati
página 90

vylder vinck taillieu
página 90

kazuo shinohara
página 91

giorgio de chirico
página 94

joan miró
página 94

hugh newell jaconson
página 95

tw Ryan Architects
página 95